

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PPGS/FCH  
MESTRADO EM SOCIOLOGIA**

**YASMIM FABRO MACENA**

**A ASCENSÃO DO POPULISMO DE DIREITA NO BRASIL: UMA ANÁLISE DO  
BOLSONARISMO NO MATO GROSSO DO SUL**

Dourados-MS

2024

Yasmim Fabro Macena

**A ASCENSÃO DO POPULISMO DE DIREITA NO BRASIL: UMA ANÁLISE DO  
BOLSONARISMO NO MATO GROSSO DO SUL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal da Grande Dourados, como requisito à obtenção do título de Mestre em Sociologia.

Orientador: Prof. Dr. Davide Giacobbo Scavo

Dourados-MS

2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP).

M141a Macena, Yasmim Fabro

A ASCENSÃO DO POPULISMO DE DIREITA NO BRASIL: UMA ANÁLISE DO  
BOLSONARISMO NO MATO GROSSO DO SUL [recurso eletrônico] / Yasmim Fabro Macena.  
-- 2024.

Arquivo em formato pdf.

Orientador: DAVIDE GIACOBBO SCAVO.

Coorientador: MARCOS ANTONIO DA SILVA.

Dissertação (Mestrado em Sociologia)-Universidade Federal da Grande Dourados, 2024.

Disponível no Repositório Institucional da UFGD em:

<https://portal.ufgd.edu.br/setor/biblioteca/repositorio>

1. populismo. 2. . 3. democracia. 4. . 5. bolsonarismo. 6. . 7. mato grosso do sul. I. Scavo,  
Davide Giacobbo. II. Silva, Marcos Antonio Da. III. Título.

YASMIM FABRO MACENA

**A ASCENSÃO DO POPULISMO DE DIREITA NO BRASIL: UMA ANÁLISE DO  
BOLSONARISMO NO MATO GROSSO DO SUL**

Dissertação apresentada a banca examinadora e ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal da Grande Dourados, como requisito à obtenção do título de Mestre em Sociologia.

Aprovada em: 20/09/2024

**COMISSÃO EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Davide Giacobbo Scavo (UFGD)  
Orientador

---

Prof. Dr. Marcos Antônio Da Silva (UFGD)  
Coorientador

---

Prof. Dr. Renato Ramos Martini (UFGD)  
Membro Interno

---

Prof. Dr. Daniel Estevão Ramos De Miranda  
(UFMS)  
Membro Externo

Dedico esta dissertação para todas Coraline, Vanessa  
Wye e Elain Archeron de todo universo

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, em primeiro lugar, eu sinto a sua presença a todo momento, sem Ele esta jornada não seria cumprida.

Ao meu orientador Dr. Davide Giacobbo Scavo, pelo apoio, confiança e paciência. Você é uma das minhas grandes inspirações.

Ao meu co-orientador Dr. Marcos Antônio da Silva pelo empenho dedicado à elaboração deste trabalho e por suas aulas incomparáveis.

Ao Dr. Renato Ramos Martini pela honra de ter sido sua aluna e escutar sua brilhante visão sobre o que é o Brasil.

Ao Dr. Daniel Estevão de Miranda pela oportunidade e apoio durante a defesa e por estar presente durante a conclusão do trabalho.

A todos os professores que formaram o meu conhecimento desde a graduação em Ciências Sociais.

A minha turma de mestrado (2022) por todas as risadas, debates e horas de conversa. A convivência com vocês possibilitou este momento.

A minha família, primeiramente minha mãe Hérica, meu pai Marcos, minhas avós Neiva e Zilda, minha tia Maria Heloisa e minha irmã Maite. Pelo apoio aos estudos e por aguentarem o meu mau humor.

Aos meus alunos e amigos de todas as escolas que já trabalhei, pois os diálogos, as vivências e as tristezas que vocês compartilharam comigo formaram quem sou hoje.

Especialmente aqueles alunos que me viram além da docência e encararam meus dilemas. É por vocês que eu resisto.

Ao meu marido Daniel que nunca me recusou amor, apoio e incentivo durante estes sete anos de união. Sem você ao meu lado o trabalho não seria concluído. Obrigado por seus jantares incríveis. Por não gostar de futebol. Por ouvir meus lamentos.

Ao meu amigo Juliel, que me acolheu em sua casa em Dourados.

A Universidade Federal Da Grande Dourados (UFGD).

Ao Departamento de Ciências Humanas (FCH).

A coordenação da Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS).

Aos órgãos financiadores do projeto (CAPES).

E ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

E a Yasmim por nunca ter desistido.

Os meus eternos agradecimentos e admiração a todos vocês.

## RESUMO

O estudo parte da seguinte questão: O bolsonarismo é uma ameaça as instituições democráticas?. Ao analisar o contexto político mundial, observa-se que o populismo de extrema direita se apresenta como um movimento crescente em diversos países, como Donald Trump (EUA), Jair Bolsonaro (Brasil), Jean-Marie Le Pen (França), Salvini e Meloni (Itália), entre outros. Desde a esperança depositada nos primeiros governos do Partido dos Trabalhadores, até a mobilização da desconfiança em torno das denúncias de corrupção, os descontentamentos nos protestos de 2013 e o impeachment de 2016. Com esses acontecimentos, ao longo dos anos houve o aumento do ódio ressentido dessa classe política, até a campanha presidencial de 2018. A partir daí, surgiu um movimento de extrema direita, nomeado “bolsonarista”, que se renova através da crise de legitimidade e a eliminação, tanto do pensamento quanto da prática política da esquerda, baseando-se na doutrina liberal, apoiando-se na força do conservadorismo cristão e na reciclagem do discurso anticomunista. Logo, esta dissertação tem como objetivo examinar as singularidades da formação estadual do Mato Grosso do Sul e como sua estrutura impacta o resultado político nas eleições presidenciais e dos deputados federais de 2018 e 2022. Este estudo de caso é baseado em uma pesquisa eleitoral quantitativa em cada município do estado. A pesquisa justifica-se, em primeiro lugar, pela relevância dessa unidade como um dos protagonistas no cenário político atual e ao considerar a trajetória da política e histórica constitui-se um modelo interpretativo para a compreensão de uma parte da totalidade brasileira. Todavia, o estado do MS conseguiu êxito da extrema direita mesmo que na eleição presidencial de 2022 um dos maiores líderes de centro-esquerda (Luiz Inácio Lula da Silva) estivesse na concorrência. A dissertação pretende ser uma contribuição para os estudos sobre Regionalismo, Poder Local e na compreensão da dinâmica política populista de direita no Brasil.

Palavras-chave: populismo; democracia; bolsonarismo; mato grosso do sul.

## **ABSTRACT**

The study starts from the following question: Is Bolsonaroism a threat to democratic institutions? When analyzing the global political context, it is observed that far-right populism presents itself as a growing movement in several countries, such as Donald Trump (USA), Jair Bolsonaro (Brazil), Jean-Marie Le Pen (France), Salvini and Meloni (Italy), among others. From the hope placed in the first Workers' Party governments, to the mobilization of distrust around allegations of corruption, discontent in the 2013 protests and the 2016 impeachment. With these events, over the years there has been an increase in resentful hatred of this political class, until the 2018 presidential campaign. From then on, an extreme right-wing movement emerged, called "Bolsonarista", which is renewed through the crisis of legitimacy and the elimination of both the thought and the political practice of the left, based on liberal doctrine, relying on the strength of Christian conservatism and the updating of anti-communist discourse. Therefore, this dissertation aims to examine the singularities of the state formation of Mato Grosso do Sul and how its structure impacts the political result in the presidential and federal deputy elections of 2018 and 2022. This case study is based on quantitative electoral research in each municipality in the state. The research is justified, firstly, by the relevance of this unit as one of the protagonists in the current political scenario and by considering the political and historical trajectory, constituting an interpretative model for understanding a part of the Brazilian totality. However, the state of MS managed to win against the extreme right even though in the 2022 presidential election one of the biggest center-left leaders (Luiz Inácio Lula da Silva) was in the competition. The dissertation aims to be a contribution to studies on Regionalism, Local Power and the understanding of right-wing populist political dynamics in Brazil.

Keywords: populism; democracy; bolsonarism; mato grosso do sul.

## LISTA DE SIGLAS

**APROSOJA-MS** - Associação dos Produtores de Soja de Mato Grosso do Sul  
**COVID-19** - Coronavírus  
**DEM** - Democratas  
**DF** - Distrito Federal  
**DWIIH** - Centro Alemão de Ciência e Inovação  
**DW** - Deutsche Welle  
**EUA** - Estados Unidos Da América  
**FAMASUL** - Federação da Agricultura e Pecuária Mato Grosso do Sul  
**MBL** - Movimento Brasil Livre  
**MDB** - Movimento Democrático Brasileiro  
**MPL** - Movimento Passe Livre  
**MS** - Mato Grosso Do Sul  
**MT** - Mato Grosso  
**OAS** - Olivieri, Araújo e Suarez  
**PATRI** - Patriota  
**PC do B** - Partido Comunista do Brasil  
**PDT** - Partido Democrático Trabalhista  
**PIB** - Produto Interno Bruto  
**PL** - Partido Liberal  
**PMB** - Partido da Mulher Brasileira  
**PMN** - Partido Mobilização Nacional  
**PP** - Progressistas  
**PPS** - Partido Popular Socialista  
**PRF** - Polícia Rodoviária Federal  
**PROS** - Partido Republicano da Ordem Social  
**PSB** - Partido Socialista Brasileiro  
**PSC-RJ** - Partido Social Cristão  
**PSDB** - Partido da Social Democracia Brasileira  
**PSD** - Partido Social Democrático  
**PSL** - Partido Social Liberal  
**PTB** - Partido Trabalhista Brasileiro  
**PT** - Partido Dos Trabalhadores  
**SEMADESC** - Secretaria de Meio Ambiente, Desenvolvimento, Ciência, Tecnologia e Inovação  
**STF** - Supremo Tribunal Federal  
**TSE** - Supremo Tribunal Eleitoral

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>GRÁFICO 1</b> - Porcentagem de votos para os candidatos Fernando Haddad e Jair Messias Bolsonaro no primeiro turno das eleições presidenciais de 2018 em Mato Grosso do Sul.....	51
<b>GRÁFICO 2</b> – Soma dos votos para os candidatos à presidência do Brasil no primeiro turno das eleições presidenciais de 2018 em Mato Grosso do Sul.....	52
<b>GRÁFICO 3</b> - Porcentagem de votos para os candidatos Fernando Haddad e Jair Messias Bolsonaro no segundo turno das eleições presidenciais de 2018 em Mato Grosso do Sul.....	53
<b>GRÁFICO 4</b> - Porcentagem de votos para os candidatos Fernando Haddad e Jair Messias Bolsonaro no segundo turno das eleições presidenciais de 2018 em MS-Campo Grande.....	55
<b>GRÁFICO 5</b> - Porcentagem de votos para os candidatos Fernando Haddad e Jair Messias Bolsonaro no segundo turno das eleições presidenciais de 2018 em MS-Dourados.....	55
<b>GRÁFICO 6</b> - Porcentagem de votos para os candidatos Fernando Haddad e Jair Messias Bolsonaro no segundo turno das eleições presidenciais de 2018 em MS-Ponta Porã.....	56
<b>GRÁFICO 7</b> - Porcentagem de votos para os candidatos Fernando Haddad e Jair Messias Bolsonaro no segundo turno das eleições presidenciais de 2018 em MS-Três Lagoas.....	56
<b>GRÁFICO 8</b> - Porcentagem de votos para os candidatos Luiz Inácio Lula da Silva e Jair Messias Bolsonaro no primeiro turno das eleições presidenciais de 2022 em Mato Grosso do Sul.....	63
<b>GRÁFICO 9</b> - Porcentagem de votos para os candidatos Luiz Inácio Lula da Silva e Jair Messias Bolsonaro no segundo turno das eleições presidenciais de 2022 em Mato Grosso do Sul.....	65
<b>GRÁFICO 10.</b> Número de votos para os candidatos eleitos como Deputados Federais nas eleições de 2018 em Mato Grosso do Sul.....	72
<b>GRÁFICO 11.</b> Municípios com maior número de votos para os candidatos eleitos como Deputados Federais nas eleições de 2018 em Mato Grosso do Sul.....	72
<b>GRÁFICO 12.</b> Número de votos para os candidatos eleitos como Deputados Federais nas eleições de 2022 em Mato Grosso do Sul.....	78
<b>GRÁFICO 13.</b> Municípios com maior número de votos para os candidatos eleitos como Deputados Federais nas eleições de 2022 em Mato Grosso do Sul.....	80

## LISTA DE TABELAS

<b>TABELA 1</b> - PIB per capita dos Municípios do estado de Mato Grosso do Sul com maior número de votos válidos para Fernando Haddad no primeiro turno das eleições presidenciais 2018.....	54
<b>TABELA 2</b> - PIB per capita dos Municípios do estado de Mato Grosso do Sul com maior número de votos válidos em Jair Messias Bolsonaro no primeiro turno das eleições presidenciais de 2018.....	59
<b>TABELA 3</b> - Municípios do estado de Mato Grosso do Sul com maior número de votos válidos para Jair Messias Bolsonaro no primeiro turno das eleições presidenciais de 2018 que registraram maior número de votos válidos para Luiz Inácio Lula da Silva no primeiro turno das eleições presidenciais de 2022.....	64
<b>TABELA 4</b> - Municípios do estado de Mato Grosso do Sul com maior número de votos válidos para Jair Messias Bolsonaro no segundo turno das eleições presidenciais de 2018 que registraram maior número de votos válidos para Luiz Inácio Lula da Silva no segundo turno das eleições presidenciais de 2022.....	66
<b>TABELA 5</b> - PIB per capita dos Municípios do estado de Mato Grosso do Sul com maior número de votos válidos para os candidatos eleitos como Deputado Federal nas eleições de 2018.....	75
<b>TABELA 6</b> - PIB per capita dos Municípios do estado de Mato Grosso do Sul com maior número de votos válidos para os candidatos eleitos como Deputado Federal nas eleições de 2022.....	81

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>9</b>
<b>CAPÍTULO I - CRISE DE LEGITIMIDADE E CONSENSO - A PARTIR DE 2008; MOVIMENTOS</b> .....	<b>13</b>
<b>A Ascensão do Populismo de Direita. (O que é; Características)</b> .....	<b>25</b>
<b>CAPÍTULO II - O CASO BRASILEIRO - ASCENSÃO DO BOLSONARISMO A PARTIR DE 2013. (POPULISMO DE DIREITA)</b> .....	<b>33</b>
<b>Bolsonarismo como Populismo de Direita. (Pautas; Atos; 2022)</b> .....	<b>41</b>
<b>CAPÍTULO III - ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS E DE DEPUTADOS FEDERAIS NO MATO GROSSO DO SUL. (RESULTADOS E DISCUSSÃO)</b> .....	<b>49</b>
<b>Eleições Presidenciais 2022</b> .....	<b>60</b>
<b>Bolsonarismo Pós-eleições de 2022</b> .....	<b>67</b>
<b>Eleições para Deputado Federal 2018</b> .....	<b>70</b>
<b>Eleições para Deputado Federal 2022</b> .....	<b>76</b>
<b>CONCLUSÃO</b> .....	<b>85</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	<b>90</b>

## INTRODUÇÃO

A priori gostaria de mencionar alguns dos fatores durante minha trajetória como acadêmica, cidadã e professora que me instigaram a desenvolver esse projeto relacionado ao populismo de direita no Brasil, onde direciono objeto empírico ao estado de Mato Grosso do Sul. Meu primeiro contato com o mundo da ciência política foi com o professor Dr. Davide Giacobbo Scavo no curso de Ciências Sociais e juntos desenvolvemos minha primeira iniciação científica sobre a “Crise Institucional Democrática”, e durante os próximos sete anos o que mais me instiga a pesquisar, analisar e aprofundar as questões apresentadas, advinha da esfera política.

Em seguida, outros temas como as revoluções me chamaram a atenção, principalmente os relacionados à América Latina. Assim, junto com o professor Dr. Marcos Antônio da Silva, desenvolvi dois estudos muito valiosos que me ajudaram a estruturar o meu senso de humanismo e a luta decolonial contra o imperialismo. O primeiro intitulado: "A construção do marxismo em Cuba: Uma análise da obra de Fernando Martínez Heredia", foi um dos momentos mais marcantes da minha vida pessoal e acadêmica, pois foi um estudo realizado durante a pandemia da Coronavírus (COVID-19), momento em que estava finalizando os últimos dois estágios da licenciatura e atravessando grandes desafios.

Ressalto que a história e luta do companheiro Ernesto Che Guevara que foi um dos meus principais motivadores para continuar perseverando e ter conseguido naquela fase tão difícil para o mundo em 2020 conquistar o meu objetivo e hoje finalmente ser professora de sociologia na rede pública de educação. Ao me aprofundar na história do jovem argentino que cedo já se deparou com as veias abertas da América Latina e fez de sua vida uma luta contra o imperialismo americano, sempre me fez lembrar a nunca se acostumar com o fácil, para jamais viver com o errado. “Sonha e serás livre de espírito... luta e serás livre na vida.”

Logo, a terceira pesquisa foi desenvolvida também com o professor Dr. Marcos Antônio sobre: “Eleições, partidos e elites políticas em Mato Grosso do Sul: Uma análise comparativa do perfil dos vereadores de Campo Grande e Dourados.” Essa pesquisa foi crucial para o meu pré-projeto de mestrado, pois analisando a crise institucional e as questões no estado do MS, visto que é uma política local que apresenta características da extrema direita em algumas de suas alas, decidi que gostaria de aprofundar tais problemáticas.

Diante disso, eu sempre me questioneei: “Como fomos parar nisso?”. Um país que durante anos desenvolveu políticas públicas que em algumas áreas foram efetivas, representantes que estavam dentro das regras do jogo democrático e a esperança de um mundo melhor, terminamos em um processo de impeachment questionável e a ascensão do populismo

de direita.

In loco, algo no nosso âmbito social de errado aconteceu e na eleição de 2018 entre um outsider e um cientista político, o antissistêmico ganhou. Assim, tenho a intenção de entender se a política local no Mato Grosso do Sul (MS) também está estruturando-se através desse populismo de direita. Em suma, esta dissertação de mestrado visa analisar a ascensão populista da extrema direita na conjuntura política. Em seguida, serão coletados dados quantitativos sobre os candidatos à presidência (Bolsonaro/Haddad) e dos deputados federais e sua influência no estado durante as eleições de 2018/2022 através das pautas populistas de direita.

Este trabalho tem como objetivo analisar a ascensão do neopopulismo de direita na conjuntura política atual, que contribuiu para intensa crise de legitimidade que atinge as sociedades ocidentais. Neste sentido, discute, inicialmente, a crise das instituições democráticas, em seguida, busca-se definir e conceituar o novo populismo através de alguns trabalhos já produzidas sobre a temática, que pontuam como um movimento contra o establishment. Dessa forma, diante dos textos consultados é entendido como um fenômeno atual, apresentando-se no Brasil como "bolsonarismo", que tem mudado a configuração política.<sup>1</sup>

O capítulo inicial da dissertação investiga a crise imobiliária dos Estados Unidos Da América (EUA) em 2008, que levou à queda do Lehman Brothers, que não era apenas o banco mais antigo, mas também o mais sólido do país. O subsequente colapso do sistema financeiro americano deu origem a outra crise, questionando completamente a legitimidade das instituições democráticas e suscitando interrogações muito profundas e radicais sobre a sua validade. O impacto do Occupy Wall Street é posteriormente analisado, nascido como uma resposta à crise de 2008 que deixou muitos desacreditados com a forma como as entidades financeiras, juntamente com os líderes políticos, eram vistos como meros atores num jogo corrupto.

No segundo capítulo é analisado o caso brasileiro que após quatorze anos governado pelo maior partido de centro-esquerda nacional, o país mergulhou num colapso institucional. A extrema direita conseguiu tomar o poder e controlar todas as esferas como a política, jurídica, parlamentar e mediática. Este foi também o período em que surgiu o movimento “Passe Livre”; com sentimentos anti-establishment e mais tarde com o apoio da sociedade em reação aos

---

<sup>1</sup> GRIJELMO, Álex. “A arte de manipular multidões”, El País, 2017. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2017/08/22/opinion/1503395946\\_889112.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2017/08/22/opinion/1503395946_889112.html). Acesso em 28 jun. 2023.

efeitos da Operação Lava Jato. Na sua essência, a nível nacional, a extrema direita representa uma resposta ao que está vigente e esta situação apenas cria condições favoráveis para o populismo de direita, sendo um terreno fértil onde possa crescer e expandir a sua influência com facilidade.

Obtiveram-se no terceiro capítulo dados sobre o desempenho dos presidencialistas (Bolsonaro/Haddad) nas eleições 2018/2022 e das eleições para deputados federais em 2018/2022 no Mato Grosso do Sul. Consequentemente, uma análise das variáveis de perfil político, econômico e social que podem fomentar a política local e como as agendas podem estar ligadas ao populismo de direita. As preferências ideológicas profundamente enraizadas reveladas durante a escolha de duas alternativas conflitantes nesta região ilustram a persistência e a influência das questões a nível estatal nas escolhas eleitorais que conduzem a um resultado que se reflete na opinião pública.

O caso no Mato Grosso do Sul mostra que a disputa eleitoral presidencial de 2018 entre Fernando Haddad e Jair Bolsonaro foi marcada por um alto nível de polarização política que levou a uma clara divisão entre os eleitores. Consequentemente, Jair Bolsonaro encontrou apoio significativo em grande parte da população, uma vez que o seu discurso anti-establishment encontrou ressonância, bem como as suas propostas de adoção de medidas drásticas contra o crime num momento em que a segurança se tornou uma questão que preocupa amplamente a população. Pelo contrário, a ligação de Haddad com o Partido dos Trabalhadores (PT) combinada com a depreciação da imagem do partido devido a escândalos de corrupção resultou na rejeição de muitos eleitores.

Ocorrência constatada durante as eleições para deputado federal no estado em 2018. A onda conservadora materializou-se de forma marcante no cenário levando à vitória de candidatos alinhados ao movimento bolsonarista como Tio Trutis e Dr. Luiz Ovando, ambos representantes da extrema direita conservadora e reacionária, espelhando as agendas primárias do bolsonarismo como a defesa dos valores tradicionais, crítica ao progressismo e à agenda dos direitos humanos; propostas de reforma econômica, privatização e desregulamentação, juntamente com o combate à corrupção.

Logo, o apoio a Bolsonaro está ligado nesta região a uma postura conservadora em relação ao crime, à rejeição as questões de gênero e de valores culturais. Essas considerações desempenharam um papel crítico no triunfo eleitoral de Bolsonaro no Mato Grosso do Sul, destacando a importância da defesa e da segurança como parte dos resultados políticos. Para atingir os objetivos deste trabalho, primeiramente será realizado um levantamento bibliográfico sobre o tema (populismo de direita), sobre o processo de perda de legitimação e consenso, em

seguida, sobre o neopopulismo de direita. Assim, serão traçados dados quantitativos sobre o desempenho dos candidatos à presidência da República nas eleições de 2018/2022 (Bolsonaro/Haddad) e as eleições para deputado federal de 2018/2022 no MS. Analisando diretrizes e variáveis do perfil político, econômico e social que podem orientar a política local e como as agendas se relacionam com o populismo de direita.

## CAPÍTULO I

### CRISE DE LEGITIMIDADE E CONSENSO - A PARTIR DE 2008; MOVIMENTOS.

In loco, os primeiros momentos do trabalho visam apresentar o problema principal da dissertação e seu objeto específico. Análise dos recentes acontecimentos democráticos brasileiros e seus desdobramentos em torno do populismo de direita. Em um breve relato sobre o ataque à Praça dos Três Poderes pelo movimento bolsonarista, introduz-se a questão central da dissertação: O bolsonarismo é uma ameaça as instituições democráticas?

Visto que, em um passado recente nos Estados Unidos, a ocupação do Capitólio em Washington, tornou-se um símbolo para a história americana que até o momento não tinha em sua memória um marco social e político de questionamento à sua democracia. Em 6 de janeiro de 2021, seguidores do então presidente Donald Trump se reuniram em uma sessão conjunta do Congresso para contestar a vitória de Joe Biden nas eleições presidenciais de 2020.<sup>2</sup>

Durante o ataque, os agressores conseguiram quebrar temporariamente a segurança do local, obter acesso ao Capitólio, destruir diversos artefatos históricos e ameaçar de morte parlamentares. Para os seguidores de Trump, estava apenas agindo da forma que o presidente orientava, principalmente em relação à eficácia do processo eleitoral, e alegaram que estavam exercendo seu direito à liberdade de expressão.

Algo semelhante aconteceu no Brasil em 2023, especificamente na capital, na cidade de Brasília. Nos atos em prol do fim das instituições democráticas que já se prolongaram por mais de 2 meses com a justificativa de que o resultado das eleições presidenciais disputadas não ocorreu de forma justa. Gerou mobilizações de operações coletivas diversas, como: Estrada fechada, acampamentos nos quartéis, queima de carros, explosivos e cultos ao ar livre.

Logo, em 8 de janeiro de 2023, a invasão daqueles que aderiram ao movimento de direita surpreendeu a população brasileira com a destruição da Praça dos Três Poderes. O momento histórico na política do país foi comparado à invasão do capitólio nos EUA e aos protestos que ocorreram no Brasil em 2013.

Para Couto (2021) diante deste cenário, entende-se que a ruptura entre populismo de direita e as instituições democráticas estão sendo fomentadas desde muito antes, visto que em “2020, Bolsonaro foi ao encontro de manifestantes que se reuniram em frente ao quartel-general do exército, em Brasília. Ali, faixas pediam “intervenção militar, já” (p. 44).

Nesse episódio (2020), além de respaldar o ataque a ordem democrática promovido por seus seguidores, o presidente da república se colocou como aquele que poderia

---

<sup>2</sup> VILLELA, Heloisa. “Como EUA identificaram invasores do Capitólio e prenderam mais de 950”, BBC News Brasil, 2023. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-63880481>. Acesso em 03 jul. 2023.

levar adiante a legítima vontade do povo brasileiro, desrespeitada pela “velha política”. por isso mesmo não poderia “negociar nada” como aqueles que a encarnavam. Tratava-se, antes, de submetê-los a essa vontade popular, expressa pelos que nele acreditam e por ele assumida. Assim, acabar-se-ia com a patifaria por meio do “povo no poder” (COUTO, 2021, p. 45).

O resultado dos atos foi a destruição do patrimônio público como paredes pichadas, móveis, obras de arte e documentos históricos que foram rasgados e queimados. A organização foi ao Congresso e foi escoltada por oficiais da polícia militar. No entanto, quando o prédio foi atacado, a invasão e a degradação começaram, a PM não conseguiu conter a multidão.<sup>3</sup>

Após a tomada e destruição da praça dos três poderes, a polícia junta a cavalaria e a tropa de choque contiveram a revolta usando bombas e gás lacrimogêneo, mas os extremistas não foram barrados na invasão do Congresso. Posteriormente, 400 pessoas estavam presentes foram identificadas e presas. Além disso, o ato promulgou a decisão da segurança pública do DF (Intervenção Federal) por meio do então presidente Lula e aprovou a decisão do ministro Alexandre de Moraes que afastou do cargo de governador Ibaneis Rocha do Movimento Democrático Brasileiro (MDB) e decidiu dissolver os acampamentos nas unidades militares em 24 horas. O Exército e a Polícia Militar sitiaram uma operação nos acampamentos e cerca de 40 ônibus conduziram pelo menos 1.200 golpistas em direção a polícia federal.

Os atos de 2023 bolsonarista foram esclarecidos e convocados por mensagens de ordem com a ideia de intervenção e tomada do poder com as próprias mãos, foram compartilhadas no Telegram e WhatsApp. Inúmeras caravanas foram mobilizadas pelo país inteiro.

O termo *Fake News*, amplamente utilizado em todo o mundo, surgiu durante as eleições norte-americanas de 2016, em que Donald Trump, surpreendendo grande parte da mídia e dos analistas políticos, venceu a adversária Hillary Clinton. Nesse período, Craig Silverman, editor da empresa de mídia *Buz-zfeed*, identificou centenas de sites de notícias sediados em uma cidade da Macedônia que, para ganhar dinheiro com propaganda, divulgavam notícias falsas massivamente como uma forma de atrair visitantes no Facebook. Muitas dessas notícias possuíam chamativas manchetes pró-Trump, como “Papa Francisco choca o mundo e apoia Donald Trump (FERNANDES, 2019, p. 87).

Ao analisar que o bolsonarismo é um movimento político que surge no Brasil, através do populismo de direita e possui uma base de apoio significativa, pode gerar equívocos como ser considerado representante da maioria do povo brasileiro. Observa-se, que as eleições presidenciais de 2018 e 2022 foram polarizadas, por exemplo em 2018 Bolsonaro foi eleito com

---

<sup>3</sup> RODRIGUES, Larissa. “Corregedoria apura se policiais do DF fizeram segurança e receberam pagamento de manifestantes do QG do Exército”, CNN Brasil, 2023. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-63880481>. Acesso em 15 ago. 2023.

cerca de 55% dos votos válidos em um país com mais de 200 milhões de habitantes.<sup>4</sup>

O apoio dos generais e da burguesia é um fator importante no sucesso eleitoral de Bolsonaro e para manutenção de seu governo, mas há críticas e oposição dentro desses grupos, o que pode dificultar a orquestração futura de um golpe de Estado. Para Mayer (2019) “a chamada crise de representação no Brasil não levou os partidos tradicionais ao colapso, mas aumentou a fragmentação com o crescimento da oferta partidária” (p. 58).

Para Jr e Silva (2021) atualmente no Brasil, existem três movimentos, como o liberalismo econômico radical, a desconstrução de instituições e organizações públicas e a guerra política de um inimigo contra o outro. “Assim, intimamente ligado à reversão e inversão do estado de direito republicano-democrático, o assédio institucional no setor público brasileiro é um fenômeno novo e preocupante” (p. 209).

De modo geral, esse é um leque básico de aspectos relacionados a essa importante dimensão do desmonte do estado no Brasil. Parte desse processo é o esvaziamento do sentido original da constituição federal de 1998, de caráter desenvolvimentista, dirigente e garantista, aspectos que não foram capazes de evitar o golpe de 2016 (JR; SILVA, 2021, p. 207).

Já na eleição presidencial em 2018, Ribeiro (2019) relata que a economia foi um dos temas mais permeados nos debates políticos, com os presidenciáveis enfatizando a necessidade de “voltar ao crescimento”, apesar da ambiguidade sobre como alcançá-lo. A autora destaca os seguintes pontos.

O tema da economia permeia todas as fases desse processo, desde a inflexão austera em 2015 e o “estelionato eleitoral”, passando pela construção da leitura do fracasso econômico do governo destituindo, até a acusação de crime de responsabilidade fiscal (pedaladas) feita contra a chefe do Executivo. A dificuldade de enfrentar os efeitos da crise financeira internacional de 2008 e da reversão do ciclo das commodities que sustentou o crescimento brasileiro na década de 2000 agiu como força gravitacional no debate dos presidenciáveis (RIBEIRO, 2019, p. 49).

Em momentos pós-crise, a fórmula austera disseminada e tornada senso comum promulga que o desequilíbrio das contas públicas deve ser solucionado por meio de cortes nos serviços públicos. A recuperação econômica é, sob esse ponto de vista, resultado do aumento da confiança dos investidores privados. A falsidade do argumento está justamente em supor que, em momentos de crise e incerteza, pode haver incremento do investimento privado. É aí que o investimento público faz a diferença, estimulando o consumo e a produção (RIBEIRO, 2019, p. 60).

Para Piaia (2019) a crise também é moral religiosa que é intensificada com o compartilhamento de mensagens falsas, principalmente através de grupos no Whatsapp, para Piaia não é mais uma campanha entre adversários eleitorais e sim um ataque a inimigos

---

<sup>4</sup> MAZUI, Guilherme. “Jair Bolsonaro é eleito presidente e interrompe série de vitórias do PT”, G1, 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/noticia/2018/10/28/jair-bolsonaro-e-eleito-presidente-e-interrompe-serie-de-vitorias-do-pt.ghtml>. Acesso em 17 ago. 2023.

políticos. “No Brasil, a crise política e as Fakes News que preparam o terreno para o golpe jurídico-parlamentar de 2016 foi abastecida por inúmeras denúncias sem base factual sobre a corrupção da presidente Dilma Rousseff e do presidente Lula” (Albuquerque, 2019, p.100).

Uma das grandes novidades da última semana de campanha foi a formalização do apoio da Igreja Universal do Reino de Deus à candidatura de Jair Bolsonaro. Mesmo antes desse apoio, já circulavam diversos conteúdos relacionados à religião, buscando construir uma narrativa em torno do candidato. Por um lado, trechos da Bíblia, supostas cartas psicografadas, mensagens de líderes espirituais e montagens endossavam o sentido missionário de Bolsonaro e as previsões bíblicas sobre sua chegada ao poder. <sup>5</sup>Por outro, reflexões de teólogos, interpretações de mensagens do Papa Francisco e cartas de grupos religiosos, argumentando para os ideais anticristãos que permeiam suas declarações sobre torturas, minorias e armas, por exemplo. Não é possível afirmar que essa circulação tem maior influência do que conselhos e indicações de líderes religiosos de proximidade, mas, certamente, elas ajudam a povoar o ambiente comunicativo cotidiano, reforçando narrativas e perspectivas sobre o embate eleitoral (PIAIA, 2019, p.141-142).

O Bolsonarismo tem como origem e fortificando-se com a crise do modo de produção capitalista, descrença das instituições democráticas e a ascensão do populismo de direita. Assim, a burguesia imperialista, necessita da ultra exploração da mais-valia do proletariado dos países que possuem o chamado “capitalismo periférico”, com os lucros sendo exorbitantes, gera por sua vez mais desempregos, a degradação da vida e as leis trabalhistas quase nulas.

Logo, cria-se um cenário moldado para a resolução de greves, revoltas e a possibilidade da revolução do proletariado contra a burguesia. São nestes momentos, que a burguesia gera movimentos políticos repressivos, geralmente com um líder que encorpa os interesses burgueses, sendo o monopólio da violência e a manutenção do capitalismo financeiro, impossibilitando a transformação do sistema através da classe trabalhadora.

Para Ives (2019) “A chegada de Donald Trump à Casa Branca intensificou a disputa entre a China com a imagem de que o país roubava investimentos e empregos da população estadunidense” (p. 218).

O jovem Bolsonaro é adepto da moral cristã, da economia de mercado e do armamentismo - no nível pessoal e entre nações - como caminho para “preservar a liberdade”. Prega virtualmente contra o socialismo e defende a realização de uma “revolução cultural” pelas vias da educação e da cultura - ironicamente, a mesma tática implementada na China, nos anos 1960, por Mao Zedong (LOPES, 2021, p. 233).

Em seu estopim, a crise financeira do capitalismo em 2008 teve consequências desastrosas, e 15 anos depois essa crise do capital foi o legado de outra crise. Com a queda na qualidade de vida, as pessoas em muitos países entraram em conflito com instituições percebidas como corruptas, como os partidos tradicionais, principalmente de centro/esquerda e

---

rapidamente propagaram que as instituições democráticas não são capazes de suprir as necessidades dos trabalhadores.

O processo de deslegitimação do governo de Dilma Rousseff, que culminou em sua destituição em agosto de 2016 e na instauração do governo interino de Michel Temer, representa o fim de uma etapa histórica de construção democrática iniciada em meados dos anos 1980 (Ribeiro, 2019, p.49).

Os reformistas de esquerda e suas políticas conciliatórias também causaram danos ao Brasil, que é criticado pela classe trabalhadora após cortes em programas sociais e altos lucros para os bancos. Após 13 anos no poder, o Partido dos Trabalhadores nunca pretendeu lutar contra as estruturas do estado burguês e forjou uma aliança como a de Dilma e Temer, que teve repercussão sete anos depois.

Para Couto, a erosão do capital político do Partido dos Trabalhadores, especialmente durante a política econômica de Dilma, fez do próprio partido um alvo importante nas eleições de 2018, que eclodiram em 2013 e ameaçaram a reeleição de Dilma em 2014 e acabou levando ao impeachment em 2016.

Após sua chegada ao governo federal, os seguidos escândalos que atingiram o PT, começando pelo mensalão ainda no primeiro mandato de Lula, culminando com a Lava Jato já no segundo e abreviado mandato de Dilma, minaram de vez a credencial anticorrupção que o partido acalentou quando era apenas oposição nacional. Mais do que isso, a agremiação não só perdeu a bandeira da luta anticorrupção, mas também foi estigmatizada por seus críticos e adversários como inerentemente corrupta, abrindo espaço para que novamente o amálgama entre antiesquerdismo e moralismo se viabilizassem - desta feita forma avassaladora, com o impeachment de Dilma, a debate eleitoral petista nas disputas municipais de 2016 e a condenação de Lula sob a acusação de corrupção, seguida de sua prisão e seu impedimento eleitoral (COUTO, 2021, p. 36).

Em 2018, com Bolsonaro tornando-se parte da eleição durante a disputa do segundo turno, "a implosão que pode ser creditada a um sentimento antissistema. Seria algo semelhante ao que levou o movimento cinco estrelas do comediante Beppe Grillo ao poder na Itália.<sup>6</sup> Um voto para punir as elites políticas tradicionais que se soma ao voto de extrema direita"<sup>6</sup> (Guarnieri; Albuquerque, 2019, p.181).

Para Carvalho (2019) em seu artigo sobre a polarização da política e as Fakes News, a crise no Brasil se apresenta desde 2005 através das mídias digitais como blogs durante o escândalo do Mensalão e a cobertura eleitoral de 2006.

Ganharam força as redes sociais online como locais de troca de conteúdo político – em especial Twitter e, mais recentemente, Facebook, com destaque para a eleição de

---

<sup>6</sup> VERDÚ, Daniel. “Os dias tristes de Beppe Grillo, o palhaço que triunfou com o experimento político mais estranho da Europa”, El País, 2021. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/internacional/2021-07-06/os-dias-tristes-do-palhaco-grillo-o-palhaco-que-triunfou-com-o-experimento-politico-mais-estranho-da-europa.html>. Acesso em 02 mai. 2024.

2014, marcadamente polarizada e agressiva. Em meio a esse processo, a participação política se converteu, grosso modo, em defender ou atacar determinados espectros político-ideológicos, cuja pedra angular veio a ser o PT. Na corrida presidencial de 2018, por outro lado, deve se destacar a apatia e extrema desconfiança do eleitorado nas instituições políticas tradicionais – e, sob esse prisma, candidatos considerados “pontos fora da curva”, que consigam se descolar da imagem de “políticos tradicionais” possuem chance de angariar votos com esses eleitores. Entretanto seria impreciso afirmar que os partidos políticos e suas respectivas identificações ideológicas perderam a vez no jogo político (CARVALHO, 2019, p.104).

Logo, o Bolsonarismo apresenta as marcas de uma crise institucional: Instabilidade financeira, questionamentos sobre a eficácia de um estado democrático, fim do pluralismo partidário e eleição de candidatos outsiders que favorecem a burguesia e o imperialismo para a manutenção do modo de produção capitalista em meio a sua própria crise financeira.

A crise econômica internacional produzida por Wall Street a partir de 2008 foi a pá de cal nas teses de unipolaridade. Quando os países ricos se viram severamente prejudicados, tornou-se indisfarçável a incapacidade de os Estados Unidos em serem provedores da ordem mundial sozinhos (Ives, 2019, p. 216).

A essência do discurso bolsonarista está no nacionalismo difundido pelos grandes países do capital financeiro, que tem como meta disfarçar o militarismo e os objetivos imperialistas com a tese da suposta ameaça comunista, assim movimento da extrema direita através desse populismo, em vários momentos defende abertamente a volta da ditadura militar.

O primeiro presidente civil desde 1964, José Sarney, membro da chapa encabeçada por Tancredo Neves eleita indiretamente pelo colégio eleitoral em 1985, preservou a configuração militar adotada pelo general João Figueiredo... O ativismo político dos militares tem, portanto, contribuído para a renovação de legados autoritários nos marcos institucionais vigentes, comprometendo a frágil dimensão liberal da democracia brasileira (PASSOS, 2021, p. 221-225).

Além da politização da instituição, é importante ressaltar que generais com notoriedade no exército tem endossado publicamente posições antidemocráticas. O general Eduardo Villas Boas, atualmente assessor especial do Gabinete de Segurança Institucional (GSI), publicou um tuíte polêmico dirigido ao Supremo Tribunal Federal (STF) sobre o julgamento de habeas corpus do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Afirmou que compartilhava “o anseio de todos os cidadãos de bem de repúdio à impunidade e de respeito a constituição, a paz social e a democracia”, e que se manteria “atento às suas missões institucionais” (PASSOS, 2021, p. 220).

Neste capítulo será analisado a crise imobiliária dos Estados Unidos em 2008, onde o banco mais tradicional dos Estados Unidos, o Lehman Brothers, faliu. Como resultado deste colapso financeiro, surge uma nova crise, a de legitimidade em que a realidade será pautada por questionamentos sobre a validade das instituições democráticas. Em seguida, é analisado o movimento Occupy Wall Street, que após a crise de 2008 foi produzida uma profunda aversão por parte dos cidadãos quanto ao capital financeiro, as corporações e os políticos são vistos como peões em um jogo sujo pelos bancos e pelo próprio estado. Também é feita uma menção sobre as manifestações de 2014 no Brasil. O movimento do Passe-Livre era originalmente sobre

a falta de estrutura no transporte público, mas no ano em que o país sediou a Copa do Mundo, a corrupção tornou-se sua maior revolta, passando da ideia de apenas "25 centavos".

Em 15 de setembro de 2008, o capitalismo entrou em colapso novamente em seu maior centro financeiro mundial. Após a devastadora crise de 1929 (o crash da bolsa de Nova York), algo semelhante aconteceu algum tempo depois, a chamada crise imobiliária americana, onde o banco mais tradicional dos Estados Unidos, o Lehman Brothers, faliu. E este deslocamento inicial no mercado hipotecário dos EUA levará a uma nova crise, a de legitimidade em que a realidade será pautada por questionamentos sobre a validade das instituições democráticas.<sup>7</sup>

A razão é que os valores dos imóveis subiram, mas a renda da população não acompanhou. Significa que vários bancos concedem mais crédito imobiliário que atrai seus consumidores, fazendo com que os imóveis se valorizem. Até que a demanda aumente e os juros também, fazendo com que os preços dos imóveis caiam. Como muitos desses empréstimos são de alto risco, muitos não podem ser reembolsados e alguns bancos não têm fundos suficientes.

Já no ano de 2006, durante o governo do presidente George W. Bush, algumas instituições de crédito que emitem hipotecas de risco começaram a quebrar, visto que, os altos gastos do governo dos EUA nas guerras do Afeganistão e do Iraque também contribuíram para fomentar o declínio, que levaram à inflação mais alta no país desde a segunda guerra mundial.<sup>8</sup>

Um golpe direto para vários dos grandes bancos que estavam envolvidos no negócio do Lehman Brothers, então depois que os bancos tradicionais nos EUA quebraram e o governo americano (de início) se recusou a resgatá-los por causa da necessidade de depositar dinheiro público em bancos privados, a liquidez do mercado caiu e as ações subiram quando os investidores começaram a resgatar seus investimentos nos mercados ao redor do mundo.

Por fim, o governo dos Estados Unidos na era de Barack Obama cedeu e tomou medidas para combater a inflação, como a queda dos créditos e empréstimos, assim a venda de imóveis acabou desabando, logo, o estado através de recursos públicos salvou os bancos, ou seja, passando a dívida dos bancos para os cidadãos, onde a saúde, educação, transporte entre outros meios de sobrevivência foram prejudicados. É um verdadeiro efeito tsunami, levando a um menor consumo, menores lucros e demissões em massa. As ações despencaram, os títulos caíram de valor e os cidadãos ficaram à mercê dos esforços do governo para mudar o status

---

<sup>7</sup> BBC Brasil. "Entenda a quebra do banco Lehman Brothers", 15 de setembro, 2008. Disponível em: [https://www.bbc.com/portuguese/reporterbbc/story/2008/09/080915\\_lehman\\_qa\\_pu](https://www.bbc.com/portuguese/reporterbbc/story/2008/09/080915_lehman_qa_pu). Acesso 05 abr. 2024.

quo.

Diante desta crise financeira em 2008, intensificaram-se as tensões insolúveis sobre qual necessidade será suprida pela democracia, a do sufrágio universal ou os interesses das classes dominantes. Ocorreram protestos populares na maior parte das democracias neoliberais, exigindo políticas sociais e a manifestação ideológica sobre como as classes minoritárias devem agir para que suas injustiças sejam supridas.

Segundo Castells (2013), na segurança do ciberespaço que inúmeros grupos se encontram, e através de suas reivindicações por meio desse meio, desencadeando movimentos sociais. Um "encontro às cegas" para o destino que todos querem criar. Um encontro consciente.

Ninguém esperava. Num mundo turvado por aflição econômica, cinismo político, vazio cultural e desesperança pessoal, aquilo apenas aconteceu. Subitamente, ditaduras podiam ser derrubadas pelas mãos desarmadas do povo, mesmo que essas mãos estivessem ensanguentadas pelo sacrifício dos que tombaram. Os mágicos das finanças<sup>8</sup> passaram de objetos de uma inveja pública a alvos de desprezo universal. Políticos viram-se expostos como corruptos e mentirosos. Governos foram denunciados. A mídia se tornou suspeita. A confiança desapareceu (CASTELLS, 2013, p.7).

Assim, levantando-se algumas das questões políticas e sociais que estão acontecendo ao redor do mundo. Analisa, os movimentos na Islândia e na Tunísia, a Primavera Árabe, a revolução Egípcia, o indignados na Espanha, movimento Occupy Wall Street, até a revolta de 2013 no Brasil para melhorar o transporte público. Esses movimentos em rede se espalharam pelo mundo árabe e enfrentaram violência brutal de ditadores locais. Outros se opuseram à má administração da crise econômica por governos da Europa e dos Estados Unidos que se aliaram à elite financeira contra seus cidadãos, como aconteceu na Espanha, Grécia, Portugal, Itália, Reino Unido, Israel e Brasil (CASTELLS, 2013).

Coerção e intimidação, baseados no monopólio estatal da capacidade de exercer a violência, são mecanismos essenciais de imposição da vontade dos que controlam as instituições da sociedade. entretanto, a construção de significado na mente das pessoas é uma fonte de poder mais decisiva e estável. a forma como as pessoas pensam determina o destino de instituições, normas e valores sobre os quais a sociedade é organizada (CASTELLS, 2013, p.14).

O autor enfatiza que esses movimentos sociais são alavancas para a mudança social, pois sua crise tem origem na indignação das condições de vida dos cidadãos. Existe uma profunda desconfiança das instituições políticas que dirigem a sociedade, levando as pessoas a defenderem suas necessidades por meio da ação coletiva fora das instituições estabelecidas.

Os movimentos estudados neste livro, e outros semelhantes emergentes em todo o

---

<sup>8</sup> BBC Brasil, 2021. "Iraque: a guerra que espalhou violência e crises pelo mundo". Disponível: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-55351024>. Acesso 23 abr. 2024.

mundo, têm suas origens em uma crise econômica estrutural e em uma crise de legitimidade cada vez mais profunda. A crise financeira iniciada em 2008 abalou os alicerces do capitalismo global da informação, questionou a prosperidade da Europa e dos Estados Unidos, ameaçou o colapso financeiro de governos e levou a um encolhimento dramático do estado de bem-estar social.

O movimento ganhara vida própria. Foi primeiro conhecido como 15-m, referindo-se a data da primeira manifestação, mas logo a mídia popularizou o rótulo de "indignados", que alguns participantes haviam adotado, talvez inspirados no título de um panfleto (*indignez-vous!*) publicado pouco meses antes por um filósofo e ex-diplomata francês de 93 anos, Stéphane Hessel, que sensibilizou a juventude espanhola (ainda mais que a francesa). Com efeito, havia um clima geral de indignação no país (como na maior parte do mundo) em relação aos políticos que só cuidavam de si mesmos, assim como os banqueiros, que haviam afundado a economia com suas manobras especulativas apenas para sair da cadeia sob fiança e receber um bônus generoso, enquanto os cidadãos sofriam profundas consequências da crise em seus empregos, salários, serviços e hipotecas executadas (CASTELLS, 2013).

A análise do movimento Occupy Wall Street, que após a crise de 2008 foi produzida uma profunda aversão por parte dos cidadãos quanto ao capital financeiro, as corporações e os políticos são vistos como peões em um jogo sujo pelos bancos e pelo próprio estado. Pois, é utilizado o dinheiro dos impostos pagos pelos cidadãos que seria destinado à sua qualidade de vida, mas é depositado no capital para sua manutenção ou até salvação<sup>9</sup> (CASTELLS, 2013).

Nos Estados Unidos, o movimento Occupy Wall Street foi tão espontâneo quanto os outros e igualmente conectado, a ponto de a revista Time atribuir ao "Manifestante" o título de personalidade do ano. "Unidos pela Mudança Global" mobilizou centenas de milhares de pessoas em 95 cidades de 82 países, reivindicando justiça social e uma democracia verdadeira. Em todos os casos, partidos políticos foram ignorados, a mídia também foi rejeitada. Foram substituídos pela internet, por assembleias, em coletivos, para a tomada de decisões. Os movimentos sociais encontram nas redes sociais um espaço próprio (CASTELLS, 2013, p. 13).

A campanha de Obama havia deixado sua marca em milhares de pessoas que acreditaram na possibilidade de uma mudança real, além de estabelecer uma nova forma de mobilização política, em que as redes da internet se tornaram cruciais, já que conectam pessoas em bairros e salas de bate-papo para formar um movimento político insurgente (CASTELLS, 2013, p. 123).

Por fim, é oferecido um epílogo sobre o caso brasileiro, ao que inicialmente foi uma manifestação espontânea em 2014, sem apoio da mídia e sem partidos políticos, sindicatos ou lideranças. O desafio e a indignação brasileiros tornaram-se um meio de esperança de ser contra viver uma desconexão entre a realidade do povo e a política profissional. "No Brasil, mais de 75% dos cidadãos apoiaram o movimento duas semanas depois de seu início na Avenida

<sup>9</sup>Paulista” (CASTELLS, 2013, p. 184).

O movimento do Passe-Livre era originalmente sobre a falta de estrutura no transporte público, mas no ano em que o país sediou a Copa do Mundo, a corrupção tornou-se sua maior razão, passando da ideia de apenas "25 centavos". “Esse movimento sem nome, porque do Passe-Livre se passou ao clamor pela liberdade em todas suas dimensões, surgiu das entranhas de um país conturbado” (Castells, 2013, p. 183).

Um congresso grotesco, com burocratas partidários e chefetes locais corruptos que por vezes resolvem suas diferenças a tiros de pistola. um congresso que havia proposto um decreto (uma proposta de emenda constitucional, PEC) para tirar do ministério público o direito de investigar a corrupção, e que, ante a pressão das ruas, se apressou a votar contra seu próprio, quase que por unanimidade. obviamente esperando fazer o mesmo por outras vias, quando as coisas se acalmarem (CASTELLS, 2013, p. 185). Enquanto era possível ignorar os manifestantes, espancá-los ou manipulá-los, tudo podia continuar igual, para além de discursos vazios em veículos controlados. mas se a esperança do movimento se encarna em parte da elite política e chega à presidência da república, o perigo passa a ser grave e iminente. r como o movimento tampouco confia totalmente na presidente, já que não confia em político algum até ver suas promessas transformadas em realidade, o resultado dessa inovadora interação entre a política nas ruas e a política nas instituições e, no momento em que escrevo este texto, julho de 2013, uma questão em aberto (CASTELLS, 2013, p. 185).

Levitsky (2018) afirma que o período de 1990 a 2015 foi facilmente o quarto de século mais democrático da história mundial, o que pode ser explicado pelo fato de as potências ocidentais apoiarem a democracia. Entretanto, no período atual, esse cenário tem sofrido mudanças.

Voltando sua atenção para a democracia estadunidense, o autor relata que 2016 foi um marco na história democrática desse país, pois, pela primeira vez o presidente eleito foi um indivíduo sem nenhuma experiência em cargos públicos, com aparente pouco compromisso no que diz respeito a direitos constitucionais e dono de claras tendências autoritárias foi eleito presidente. A partir desse fato, o autor questiona: “O que significa tudo isso? Estamos vivendo o declínio e queda de uma das mais velhas e mais bem-sucedidas democracias do mundo”?

Ao responder seu questionamento, Levitsky discorre que:

Democracias podem morrer não nas mãos de generais, mas de líderes eleitos – presidentes ou primeiros-ministros que subvertem o próprio processo que os levou ao poder. Alguns desses líderes desmantelam a democracia rapidamente, como fez Hitler na sequência do incêndio do Reichstag em 1933 na Alemanha. Com mais frequência, porém, as democracias decaem aos poucos, em etapas que mal chegam a ser visíveis. (...). É assim que as democracias morrem agora. A ditadura ostensiva – sob a forma de fascismo, comunismo ou domínio militar – desapareceu em grande parte do mundo. 3 Golpes militares e outras tomadas violentas do poder são raros. A maioria dos países realiza eleições regulares. Democracias ainda morrem, mas por meios

---

<sup>9</sup> CASTRO, Isis Gabriella. “Occupy Wall Street: entenda o que foi o movimento!”, Politize, 2021. Disponível em: <https://www.politize.com.br/occupy-wall-street/>. Acesso 23 abr. 2024.

diferentes. (...) O retrocesso democrático hoje começa nas urnas (LEVITSKY, 2018, p. 9-19).

De acordo com o autor, mesmo em democracias saudáveis, há o surgimento de demagogos extremistas, de tempos em tempos, em todas as sociedades.

O teste essencial para a democracia não é se essas figuras surgem, mas, antes de tudo, se líderes políticos e especialmente os partidos políticos trabalham para evitar que eles acumulem poder – mantendo-os fora das chapas eleitorais dos partidos estabelecidos, recusando-se a endossar ou a se alinhar com eles e, quando necessário, juntando forças com rivais para apoiar candidatos democráticos. Isolar extremistas populares exige coragem política. Porém, quando o medo, o oportunismo ou erros de cálculo levam partidos estabelecidos a trazerem extremistas para as correntes dominantes, a democracia está em perigo (LEVITSKY, 2018, p.16).

No artigo de Pinto, Silva e Filho (2019) examina a potencial crise que emergiu das repercussões econômicas em curso da crise financeira de 2008. O foco está principalmente na influência da globalização e do capitalismo financeiro, que levou à formação de uma extensa rede econômica entre as nações. Consequentemente, numerosos países foram obrigados a aderir ao mercado global sob a influência das forças capitalistas.

Os segmentos mais vulneráveis da sociedade, que dependem fortemente do apoio governamental para a sua sobrevivência, são diretamente impactados pela falta de políticas sociais como educação, saúde e transporte, conforme destacado pelos autores. Além disso, a confiança no governo foi prejudicada devido a escândalos de corrupção, que levantaram preocupações válidas relativamente à atribuição de fundos públicos aos líderes do país, muitos dos quais estão implicados em atividades fraudulentas que envolvem a apropriação indevida de fundos e transferências ilícitas de dinheiro.

Em seu texto, (Hoffmann, 2022) salienta ainda que se a expansão da democracia construída no final do século XX abriu espaço para um cenário de esperança e até mesmo euforia, a realidade que chega com as primeiras décadas do século XXI trouxe consigo atenção e preocupação.

O autor ressalta que:

A crise atual da democracia apresenta pelo menos duas dimensões: a primeira de caráter institucional, enquanto a segunda diz respeito ao apoio de massas e da crença no funcionamento do regime. As duas dimensões são importantes para um bom funcionamento do sistema político, pois tão importante quanto o fato de que um país deva possuir eleições regulares, com ampla competição e sufrágio universal, não menos o é a fé de que tais regras e instituições sejam os melhores meios para a formação de governos que comandarão o futuro das pessoas (HOFFMANN, 2022, p. 6).

O fato é que a democracia tem passado por momentos difíceis em todo o mundo, e na América Latina e, mais especificamente, no Brasil, os problemas que ela vem acumulando são mais agudos e de ordem sócio-histórica. Primeiro porque a formação do Estado e a gênese da sociedade cederam de forma diversa da que ocorreu com os

países do hemisfério norte. Segundo e, conseqüentemente, porque no Brasil traços como autoritarismo, personalismo e clientelismo permanecem ainda fortes e determinantes no modo de funcionamento do complexo institucional implantado ao longo do processo de redemocratização na década de 1980 (HOFFMANN, 2022, p. 8).

As crises estruturais que antes eram somente coletivas, a partir desse pensamento passam a ser individuais, originando assim a ideia de “sua vida, seu fracasso”. Dentro dessas crises estruturais, Abranches (2017) evidencia dois grupos: O primeiro formado por uma parte mínima dos indivíduos, os quais possuem uma maior desenvoltura em ajustar redes e formar uniões de maneira rápida e por conta própria; e o segundo grupo, formado pela maior parte dos indivíduos, que não são capazes de construir redes sem a ajuda de outros tornando-se desprovidos e rancorosos.

Crescem, além disso, o desemprego e a desproteção na faixa de pessoas entre 50 e 65 anos. Forma-se, deste modo, a base eleitoral do novo populismo entre os mais jovens e os de idade madura. Essa situação precária de vida alimenta a aversão à política e aos políticos e o desencanto com a democracia representativa. Os populistas têm uma concepção instrumental da democracia. Eles a vêem como um meio para chegar ao poder, mas não a aceitam quando oferece um meio legítimo para retirá-los do poder. Portanto, o desafio democrático global é ainda mais complexo. Não pode ser resolvido com reformas. Ele requer um novo paradigma redistributivo, compatível com a nova realidade econômica e fiscal e com as novas demandas da sociedade da transição. Mas não há, hoje, no espectro político, lideranças capazes de entender esse desafio e propor novos modos para resolvê-lo (ABRANCHES, Sérgio. G1. Artigo publicado. Site, fevereiro de 2017).<sup>10</sup>

Em sua entrevista para o DWIH São Paulo, o Prof. Dr. Wolfgang Merkel, especialista na temática, em 2019, quando questionado sobre qual futuro da nossa democracia, afirma que as democracias da Europa Ocidental e a dos Estados Unidos, não estão ameaçadas por crises existenciais como o populismo, porém a democracia da Europa Oriental e da América Latina já correm esse risco.<sup>11</sup>

E cita como exemplo as crises democráticas na Nicarágua, Equador, Bolívia e na Venezuela, onde a democracia foi alterada, por populistas de esquerda, por um regime autoritário e corrupto. No Brasil o professor relata que caso o Presidente atual<sup>12</sup> pratique suas afirmações antidemocráticas, a democracia brasileira estará da mesma forma em perigo. Mas mesmo estando em perigo o “professor afirma que essas democracias liberais não cairão”.

Inúmeras séries de acontecimentos caóticos vêm se acumulando durante o período

<sup>10</sup> ABRANCHES, Sérgio. G1. “O novo populismo e o desafio democrático”. Disponível em: <https://sergioabanches.com.br/noticias/politica/o-novo-populismo-e-o-desafio-democratico/>. Site, fevereiro de 2017. Acesso 22 abr. 2024.

<sup>11</sup> MERKEL, Wolfgang. “A nova onda do populismo enxerga a fragilidade da democracia”, DWIH São Paulo, 2019. Disponível em: <https://www.dwih-saopaulo.org/pt/>. Acesso 22 abr. 2024.

recente, os regimes democráticos neoliberais passaram por uma intensa crise de legitimidade e consentimento social, com diminuição do número de eleitores e partidos e uma desconfiança geral dos políticos profissionais na maioria das democracias ocidentais.

Diante do esvaziamento democrático gradativo e da crise do modo de produção capitalista, o descontentamento popular aumentou e simplificou-se na política republicana que se forma através do voto popular e a nação da polarização partidária. Este cenário é fundamental para que uma nova forma de transformar a política através de um novo populismo com o viés da extrema direita, visto que os líderes Viktor Orbán na Hungria e Jair Messias Bolsonaro no Brasil jogam novas regras de um novo jogo.

#### A Ascensão do Populismo de Direita. (O que é; Características)

Neste tópico, será analisado o conceito de populismo focando, logo em seguida, no novo populismo de direita. Pois, os sistemas democráticos existentes estão estruturados de forma a acomodar líderes políticos que não conseguem abordar os vários grupos sociais abrangidos pela sua base eleitoral. Estes líderes emergem muitas vezes independentemente de partidos políticos, sindicatos e grupos de interesse. Isto deu origem a uma mudança política notável, caracterizada pela emergência de uma nova forma de populismo de direita que permeou todas as esferas da sociedade, incluindo o domínio virtual.

Ao analisar as diferentes vertentes que constituem o populismo, Cassimiro (2021) conclui que:

(...) os usos do conceito de populismo sempre se definem a partir de uma determinada concepção de democracia e, por conseguinte, do tipo de conflito que a ação política populista desperta em seu interior. Usos diversos do conceito de populismo pressupõem leituras diferentes e expectativas distintas sobre a interação entre representação e democracia e, portanto, estão relacionados com concepções diferentes sobre os limites da relação entre legitimidade democrática e instituições políticas (CASSIMIRO, 2021, p. 51).

De acordo com Sérgio Abranches (2017), o populismo, de forma geral, emerge do descontentamento e do ressentimento do povo em relação às suas lideranças. Desta forma o autor ressalta que o ambiente adequado, no qual as lideranças populistas evoluem, é caracterizado pela frustração e insatisfação diante da diminuição das oportunidades e pelo aumento das desigualdades. Essas características cultivam a lástima de desamparo e destituição que estão apoiados nas falhas sistêmicas dos mercados e das democracias.<sup>13</sup>

---

Ainda, em seu artigo sobre o populismo, Mendonça (2019) visa esclarecer que:

“Populismo” é uma categoria carregada de ideologia(s), usada para descrever distintas experiências políticas, o que tornou esse termo polissêmico, enfraquecendo sobremaneira seu potencial heurístico para estudos de fenômenos sociopolíticos. Desmistificar o populismo é, como dissemos, primeiramente, realizar a operação da retirada da carga negativa que pré-noções à esquerda e à direita lhe atribuíram (MENDONÇA, 2019, p. 190).

Parzianello (2021) reitera ainda que:

O fenômeno do populismo constitui um dos temas mais recorrentes tanto na discussão política como sócio científica contemporânea. Usado assiduamente por políticos de profissão e profissionais de mídia de forma pejorativa. Mais do que um estigma, uma marca ou percepção negativa associada a determinados comportamentos, o populismo pode ser significado por um sintoma, um indicativo de que algo não vai bem em alguns países democráticos. Entendemos ser oportuno tratar sobre o fenômeno pela ascensão de governos populistas, de agenda conservadora e ação nacionalista (PARZIANELLO, 2021, p. 62).

De acordo com Cassimiro (2021), em sua reflexão acerca da crise da democracia:

Não deve ter passado despercebido para a maioria dos cientistas sociais que a hipótese de uma crise da democracia gerou, nos últimos anos, uma ampliação notável de publicações e usos no debate público da ideia de “populismo” como chave explicativa de diversos processos sintomáticos da crise: nacionalismo, crítica da globalização, discursos excludentes de identidades minoritárias, lideranças carismáticas contra o sistema político (...) (CASSIMIRO, 2021, p. 1).

Segundo Peter C Baker (2019), o populismo consiste em apenas algumas crenças centrais. A divisão mais importante da sociedade é aquela entre "pessoas" (entendidas como boas e necessárias) e "elites" (entendidas como corruptas e alheias à vida cotidiana). Para Baker, todos os populistas acreditam que a política deve ser a expressão da “vontade geral” – um conjunto de supostas aspirações do senso comum de todas as pessoas da sociedade civil.<sup>14</sup>

Ao discorrer sobre o populismo, Laclau (2013) apresenta três categorias para explicar a lógica deste fenômeno: O discurso, os significantes vazios e a hegemonia. Segundo o autor, o discurso vai além da fala, envolvendo também uma junção de símbolos derivados das relações e das diferenças humanas. O significante vazio pode ser definido como um significante independente de seu significado, uma vez que é exclusivamente influenciado pelo bloqueio de seus limites, tendo como objetivo reunir discursos de vários atores no ambiente social, atingindo uma representação universal diante daquele espaço político. Já a hegemonia se apresenta quando um discurso particular é transformado num discurso que compreende individualidades de uma falta social, tendendo uma emancipação contra um rival em comum.

---

<sup>14</sup> BAKER, Peter C. ‘We the people’: the battle to define populism”. The Guardian, 2019. Disponível em: <https://www.theguardian.com/news/2019/jan/10/we-the-people-the-battle-to-define-populism>. Acesso 22 abr. 2024.

Ao analisar o discurso particular e sua transformação num discurso populista, Ernesto Laclau salienta que as demandas sociais se tornam o cimento do grupo social, discorrendo o seguinte:

Chamaremos uma demanda que, satisfeita ou não, permanece isolada, será denominada por nós uma demanda democrática. Uma pluralidade de demandas que, através de sua articulação equivalente, constitui uma subjetividade social mais ampla, serão denominadas demandas populares (LACLAU, 2013, p. 124).

Ernesto Laclau ainda complementa que

A unificação de uma pluralidade de demandas numa cadeia de equivalência; a constituição de uma fronteira interna, que divide a sociedade em dois campos; e a consolidação da cadeia de equivalência por meio da construção de identidade popular que é algo quantitativamente maior do que a simples soma dos laços de equivalência (LACLAU, 2013, p. 128).

Ainda, segundo Komata (2020), o momento histórico atual tem apresentado diversas tensões políticas, gerando debates e especulações sobre o populismo, fenômeno que surgiu no século XIX, desenvolveu-se no século XX e ganhou força, tendo sua ascensão no século XXI. Nas diversas regiões do planeta, tal qual Estados Unidos, América Latina, Europa, Oriente Médio, Ásia e até mesmo Oceania, os agentes políticos integrantes do governo, assim como sua oposição e até mesmo os candidatos a cargos eletivos estão associados ao populismo. Assim, a expansão desse fenômeno pode ser sustentada pelo discurso da fratura social e está ligado a líderes e partidos políticos das mais diversas tendências políticas e orientações ideológicas.<sup>15</sup>

Pensar sobre a exclusão de um fenômeno político é arriscado e em geral ameaçador. Partindo desse pressuposto a história aponta que o populismo aparece como um dos ciclos articulados no século XXI. Sendo assim buscamos a partir desse ponto discutir sobre a crise de legitimidade que atinge as democracias ocidentais e como o novo populismo pode impactar essas democracias (PARZIANELLO, 2021).

De acordo com Avritzer (2020):

Populismo é, assim como democracia, um termo essencialmente contestado. Vertentes teóricas diferem sobre a existência ou inexistência de possibilidades emancipatórias das práticas populistas e sobre seus impactos na democracia, mas tendem a concordar sobre a centralidade de um líder populista capaz de sensibilizar e mobilizar amplos setores da cidadania (...). Essa última define o populismo como uma ideologia – uma visão de mundo – que inclui forte apelo ao “povo”, apresentado como puro em oposição a uma elite que, no geral, é tida como corrompida e que se busca combater. Não se trata, porém, de uma ideologia substantiva, mas de ideologia tênue que precisa ser acoplada a outras ideias normativas sobre como sociedade e política podem e devem funcionar – daí a diferenciação entre populismos de esquerda e de direita, centrais para a abordagem ideacional interessada nas distintas modalidades do

---

<sup>15</sup> GIRIT, Selin. “O populismo é uma ameaça à democracia?”, BBC World Service, 2023. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/c9xr665p6l6o>. Acesso 22 abr. 2024.

fenômeno (AVRITZER, 2020, p. 145).

Dentro desse contexto, modos clássicos de produção e movimentação de mercadorias foram modificados pela globalização por meio do avanço tecnológico e ampliação no mercado financeiro, que expandiu suas modalidades de financiamento, tornando possível realizar transações bancárias de forma digital. Esses avanços da sociedade moderna geraram ainda mais desigualdade e desemprego, principalmente em economias emergentes, onde não foram capazes de gerar o número de empregos, faixa de renda e a qualidade de vida necessários para as demandas da maioria da população.

Tal quebra de confiança, pode ser vista com as sérias mudanças políticas que formaram um novo fenômeno: O novo populismo de direita, que atingiu todos os espaços até mesmo os virtuais. No contexto, em que o Reino Unido votou pela saída da União Europeia, a vitória de Donald Trump (Estados Unidos), Jair Bolsonaro (Brasil), Meloni e Salvini (Itália), Johnson (Reino Unido) entre outros. Logo, este movimento político se forja como o único possível a crise capitalista, ou seja, seriam aqueles que enfrentam as engrenagens do estado pelo povo.

Nesse contexto, o cientista político e sociólogo Luís Felipe Miguel, falou à Deutsche Welle (DW Brasil), em 2022, apontando que parte da literatura da ciência política associa a crise à emergência de movimentos e líderes políticos autoritários, "os populistas de direita, dos quais Bolsonaro é um exemplo, são antes um sintoma do que a causa da decadência democrática".<sup>16</sup>

Na literatura da ciência política existe uma ação anterior de desmonte da democracia que enfraquece a eficácia das instituições democráticas e agrava ainda mais os conflitos na convivência entre economia capitalista e democracia política. Citando como exemplo o Brasil, o autor discorre que a disposição democrática sempre foi mais travada por possuir uma economia menos estável e possuir uma classe dominante com pouca autonomia e estagnada em sua posição de sócia minoritária do capitalismo internacional. Assim, o espaço para que ocorra manobras para aliviar as pressões dentro da sociedade são menores, dificultando a coexistência da democracia e do capitalismo (MIGUEL, 2022).

Sérgio Abranches (2017), em seu texto atual, relata sobre a ameaça do populismo à democracia de países das Américas e europeus, afirmando que a direita nacionalista é um dos pilares do novo populismo. Ainda, o autor discorre que a sociedade moderna caminha para uma

---

<sup>16</sup> Human Rights Watch. "Democracia brasileira será testada em 2022", DW, 2022. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/democracia-brasileira-ser>. Acesso 25 abr. 2024.

transição de modelos político-econômicos, já que os que fizeram sucesso no século passado não são populares neste século.

O neopopulismo de direita aparece com ideias econômicas obsoletas, as quais consegue entregar momentaneamente a maior parte da população já desconfiada do sistema, o ideal contra ao establishment. Porém, a sociedade desde os anos 90 vem sendo movida por ciclos econômicos e políticos que se alternam em crise/desenvolvimento e populismo/severidade, resultando no aumento das desigualdades e do desemprego e aumentando o sentimento de insatisfação e frustração da população, aumentando a cada ciclo e refletindo fraturas cada vez maiores na economia que são incapazes de se recuperar.

Podemos encontrar exemplos do que esses ciclos podem causar na história dos Estados Unidos nas atividades do “cinturão da ferrugem”, onde são desenvolvidas atividades no ramo de mineração de carvão e de indústrias metalmeccânicas com pouca produção e sem competição, nessa região o capital e trabalho serão realocados em outras atividades que andam em harmonia com o movimento da transição tecnológica, econômica e social do país, já que não existe a possibilidade de retomada das indústrias. Desta forma, em ciclos como este ficaremos expostos a perigos que acentuaram o quadro de desigualdade e causarão desconforto socioeconômico.

Ainda, segundo Landowski (2020):

Em termos de semiótica narrativa, estamos lidando aqui com uma crise “fiduciária”: é a perda de confiança nas figuras políticas e nas instituições que distanciou das formas tradicionais de participação política uma massa de cidadãos vítimas da conjuntura mundial, conduziu uma parte em direção à abstenção e empurrou os mais indignados, os mais revoltados ou os mais resolvidos para o lado de personalidades rejeitadas pela “classe política”. Para os eleitores que sonham em afastar do poder os representantes de um “establishment” tido como responsável por seu destino injusto, o que poderia ser mais lógico do que se aliar a “outsiders” que se proclamam os inimigos de toda e qualquer “elite”, em nome justamente do “povo”? (LANDOWSKI, 2020, p. 18).

Landowski (2020) analisa as interpretações que os cientistas políticos fazem do novo populismo e discorre o seguinte:

De modo geral, as interpretações dos cientistas políticos combinam três fatores explicativos. A “onda” atual se deveria ao fato de que o poder de sedução da ideologia (fator de base) difundida pelos movimentos em questão é hoje reforçado tanto pelo impacto negativo do desenvolvimento socioeconômico (segundo fator) na clientela política visada, quanto por múltiplos dados conjunturais (terceiro fator) – escândalos, ataques terroristas ou desastres naturais – que frequentemente coincidem com os momentos de seus maiores sucessos eleitorais (LANDOWSKI, 2020, p. 17).

Desta forma, Giuliano da Empoli (2020), em seu livro, que discorre sobre as bases que levaram para o crescimento do novo populismo, ressalta que a política hodierna é uma política quântica, explicando que para cada causa existe uma consequência e está desafia a racionalidade

do ser humano por existir diferentes interpretações sobre um mesmo fato. Assim cada indivíduo determina a sua escolha seu ponto de vista, sendo possível diversas narrativas e os fatos tornam-se apenas peças que as alimentam.

Os sentimentos de raiva e medo de que existem na maior parte dos eleitores, principalmente nos que se consideram extremistas, são as bases da propaganda do novo populismo, já que esses são a parte da população que mobilizam e apoiam de forma mais efetiva os líderes populistas e os que se sentem mais ameaçados pelas ideias contrárias às suas, entre elas: A questão dos imigrantes, a globalização, a União Europeia e a mudança cultural das tradições (EMPOLI, 2020).

Diante desse pressuposto, Giuliano da Empoli acentua a reflexão acerca do assunto, afirmando que:

As redes exacerbam os conflitos de forma generalizada. A publicidade populista rearticula-os no grande conflito entre “nós” e “eles”, o povo e as elites. Como cada um recebe a mensagem que lhe cabe, ninguém sabe o que o outro recebe, só o centro da propaganda. Não existe comunicação horizontal, somente vertical. Para cada eleitor identificado e caracterizado pelos computadores, é produzida uma mensagem particular, pessoal, com variações e modalidades distintas e em grande quantidade. A campanha publicitária da eleição de Trump emitiu 5,6 milhões de mensagens dessa natureza; já a de Hillary, sua rival, 66 mil (EMPOLI, 2020, p. 153).

Ainda, quando falamos sobre a publicidade do novo populismo, Empoli relata que o objetivo agora é incendiar as paixões e incitar os grupos extremistas, unindo desta forma os extremos, porém não os convergindo ao centro em torno de um denominador comum. Assim, o autor afirma que o populismo moderno se baseia em mentiras, como corroborado por Arthur Finkelstein, quando diz que “ninguém sabe de nada e o que você percebe como verdade é que é verdade” (apud EMPOLI, 2020, p. 129).

Ainda, Nascimento (2021) ressalta que:

O bom político é aquele que diz uma série de verdades para, em seguida, dizer uma série de coisas falsas. A mentira tem em média 70% mais chances de se propagar do que uma verdade, pois, como dizia Mark Twain, “uma mentira pode fazer a volta ao mundo ao tempo em que a verdade calça seus sapatos” (apud EMPOLI, 2020, p. 78-79).

Para Cruz e Santos (2020) que debatem sobre o novo populismo na América Latina, os líderes populistas são mais reconhecidos por suas habilidades retóricas do que gerencial, uma característica comum a vários presidentes latino-americanos. Além de governos marcados pela grande visibilidade, principalmente entre os mais pobres, observam-se novamente semelhanças com as práticas dos populistas do século XX.

Partindo desse pressuposto, Nascimento (2021) afirma ainda que:

Um líder político que espalha fake news ao longo de suas falas é um homem de ação, que constrói a sua própria realidade para responder aos anseios de seus seguidores, pois, para estes, a veracidade dos fatos não conta. O que importa é a versão explicitada pelo líder, já que, para os eleitores do populismo: “Ele sabe, ele conhece, ele diz o que pensamos e sentimos. Ele diz a verdade” (NASCIMENTO, 2021, p. 5).

Os assessores dos líderes políticos populistas, em todo o mundo, utilizam o mesmo método, denominado microtargeting: análises demográficas sofisticadas, levantamento de dados nas redes sociais e sondagens eleitorais constantes, sendo seu principal objetivo identificar os eleitores, suas preferências, questionamentos e indignações.

Dominic Cummings declara: “Se você quer fazer progresso em política contrate físicos ao invés de cientistas políticos e comunicadores” (apud EMPOLI, 2020, p. 19 e 142). Nascimento (2021) reitera essa questão, quando discorre que:

O físico habituou-se a trabalhar com uma infinidade de dados, o que não ocorre com os cientistas políticos. Na física, o comportamento de uma partícula não é previsível, mas o de aglomerados, sim. Pela observação do sistema, é possível identificar o seu padrão de funcionamento, pois ele possui características e regras que o torna previsível. Há 10 anos, os dados não permitiam trabalhar com os aglomerados humanos, hoje sim. A evolução tecnológica com a internet das coisas e a big data proporcionarão uma profusão de dados ainda maior sobre as pessoas, que permitirão fazer uma política de convencimento, mobilização e discriminação como jamais vista no mundo (NASCIMENTO, 2021, p. 5).

O cientista político ítalo-francês Empoli (2020), considera a política dos populistas tal como um carnaval, onde não há lugar para observadores, todos participam de forma ativa na política. No populismo, ao invés dos comportamentos politicamente corretos, faz-se uso do sarcasmo, ironia, brincadeiras ofensivas e grosserias. Ainda, não há a responsabilidade do compromisso com a verdade, com os fatos como realmente são, mas sim com a narrativa do líder populista, mesmo diante das circunstâncias reais.

Após a crise financeira de 2008, o novo populismo se apresentou como a resposta que os cidadãos precisavam frente ao status quo. A chegada de Donald Trump a casa branca foi apenas o início do movimento que trazia consigo políticos que não jogam conforme as regras do jogo democrático, como no Brasil em que a todo momento o presidente Jair Bolsonaro questiona a real eficácia das urnas eletrônicas, sendo que foram as mesmas que o elegeu por quase trinta anos como deputado federal.

Ao traçar a linha entre o povo e a elite, os partidos populistas transformam a política em uma luta pela sobrevivência entre o povo desacreditado e o inimigo (corruptos), e sendo o único atuante capaz de legitimar as necessidades da nação. Mas, qual seria a real preocupação que se deve ter com este novo populismo, como dito antes, uma das principais questões teóricas liberais é o pluralismo, em que é fundamental reconhecer a diversidade suas questões e

necessidades, como a pluralidade de legendas partidárias. Assim, posicionar a história de um povo e suas reivindicações sociais como algo homogêneo, torna-se perigoso para o funcionamento da democracia e o desenvolvimento da “tirania da maioria”.<sup>17</sup>

Este novo populismo é a resposta que a população oprimida encontrou contra as classes dominantes. Seus ideais são conflitantes com o intuito de possuir apoio de todas as camadas sociais. Sua expressão política pode vir de inúmeras áreas ideológicas como liberais, conservadores, esquerda e direita. O populismo em sua base teórica não é específico em suas montagens de governo, assume inúmeras vertentes políticas, mas em suma, entende-se como um movimento que movimenta o povo contra o sistema, através de uma elite corrupta.

---

<sup>17</sup> IDOETA, Paula Adamo. BARRUCHO, Luís. “Como nostalgia do 'mundo de ontem' e medo viraram arma para radicalizar brasileiros mais velhos”, BBC News Brasil, 2023. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-64425263>. Acesso 30 abr. 2024.

## CAPÍTULO II

### O CASO BRASILEIRO - ASCENSÃO DO BOLSONARISMO A PARTIR DE 2013. (POPULISMO DE DIREITA)

Neste capítulo será analisado, o novo populismo de direita e como esses líderes populistas chegam ao governo. Ao analisar o caso brasileiro e sua derrocada democrática. Após, quatorze anos do Brasil ser governado pelo maior partido nacional de centro-esquerda, a extrema direita se tornaria protagonista do cenário político atual, assim como jurídico-parlamentar e midiático.

O que começou nos EUA em 2008 tem resquícios globais, como o impeachment da presidente Dilma que tomou forma em 2013 e teve seus momentos finais de 2016. Assim, a extrema direita é o meio encontrado no cenário nacional como resposta ao status quo.<sup>18</sup> Por fim, um antissistêmico,<sup>19</sup> Jair Messias Bolsonaro que em 2016 era filiado ao PSC-RJ dedicou seu voto na sessão do impeachment à memória do torturador do Exército Carlos Alberto Brilhante Ustra,<sup>20</sup> que segundo tal era “o pavor de Dilma Rousseff”. O cenário ideal para um populismo de direita se fincar nas matrizes da esfera brasileira.

Observa-se, que a crise financeira americana pós-2008, foi um cenário que condicionou o surgimento e fortalecimento de líderes populistas de direita e em 2016 os Estados Unidos e suas agendas das ruas para as instituições políticas, teria em sua história a disputa presidencial daquele ano com Donald Trump na concorrência.

A construção do povo americano em oposição a dois inimigos bem particulares: no âmbito político, o establishment governante, incluídos os próprios dirigentes do Partido Republicano; no âmbito social, os imigrantes mexicanos e muçulmanos que supostamente tiravam o emprego dos americanos nativos (RODRIGUES, 2019, p. 6).

O novo populismo de direita pode ser visto, com a mobilização através do autoritarismo e patriotismo, através de legendas partidárias de direita, que com ideais contra a igualdade racial, cultural, não acesso a políticas públicas, forte engajamento ao cosmo religioso, com defesa ao estado mínimo, assim definindo quem é o “cidadão de bem” para lutar contra o sistema corrupto que fomenta a instabilidade econômica. Porém, existe a ascensão de inúmeros populismos de esquerda e progressistas que também se utiliza o ideal populista para levantar as massas.

---

<sup>18</sup> Estado e estabelecimento atual e historicamente.

<sup>19</sup> Contra as instituições oficiais da forma vigente.

<sup>20</sup> Ex-Coronel do Exército Brasileiro que comandou centros de tortura e assassinato durante à ditadura militar.

Giuliano da Empoli (2020), destaca um ponto que pode ser observado em todas as recentes forças populistas que se ergueram desde os Estados Unidos até a Europa, o nacionalismo que retrata o sentimento de anti-imigração e reúne a direita nesses países, nas falas de seus líderes que são rudes em seus discursos, declarações e conversas. Citando como exemplo as falas de Trump que são preconceituosas a respeito de negros, mulheres e imigrantes nos Estados Unidos e de Bolsonaro que trata mal gays, mulheres e indígenas no Brasil e a fala de Viktor Orban,<sup>21</sup> líder húngaro que afirma: “não queremos entre nós nenhuma minoria com patrimônio cultural diferente do nosso” (apud EMPOLI, 2020, p. 120).

Essas atitudes, que deveriam ser vistas como defeitos e falta de habilidade em debater com opiniões diferentes, acabam cativando ainda mais seus eleitores, que veem isso como ponto positivo, como autenticidade e acabam engajando ainda mais a população, que culpa as elites políticas odiadas pela maior parte dos eleitores por parte de seus problemas. Assim, quando esses líderes populistas chegam ao governo, os mesmos ao invés de serem reconhecidamente incompetentes, aos olhos dos seus eleitores são vistos como não corrompidos pelo um sistema já desestabilizado.

Ao analisar o caso brasileiro e sua crise institucional. Após, quatorze anos do Brasil ser governado pelo maior partido nacional de centro-esquerda, a extrema direita se tornaria protagonista do cenário político atual, assim como jurídico-parlamentar e midiático. Com sua formação em 2013 nas manifestações primeiramente adversas ao acréscimo das tarifas, porém havia ali algo muito maior que estava se formando ao fundo: O desmoronar das estruturas democráticas. O movimento “Jornadas de Junho” começou como um protesto legítimo, com agenda e participantes claros: O movimento Contra o Aumento de Passagem de Ônibus e Passes Gratuitos (MPL).

Estrutura-se um palco de descontentamento por parte da população contra o próprio governo que seria incapaz de fornecer saúde, educação, transporte público, principalmente por conta da corrupção. Assim, o ano de 2013 é profundamente crucial para as resoluções políticas posteriores, pois, a agenda definida em torno das necessidades específicas de um movimento específico fracassou. Havia muita insatisfação, mas pouca definição de seus motivos, e a luta contra a tarifa foi desvairada.

O movimento “Passe Livre” protestava contra o aumento (20 centavos) da tarifa do transporte público (ônibus, metrô e trens). Mas, com o forte sentimento contra o establishment,

---

<sup>19</sup> SANTOS, Alan. “Quem é Viktor Orbán, líder de extrema direita da Hungria”. CNN, 2024. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/quem-e-viktor-orban-lider->. Acesso 05 jun. 2024.

onde sua ruptura foi a violência policial contra os jornalistas e manifestantes em São Paulo. Os atos inflam o país inteiro resultando em uma das cenas mais emblemáticas da história brasileira: O momento em que manifestantes adentram o telhado do congresso nacional, em Brasília.

O que antes era um movimento contra a tarifa, agora é uma onda antissistêmica que levou mais de um milhão de manifestantes em 388 cidades. A presidente do Brasil naquele momento, Dilma Rousseff, fez um pronunciamento sobre melhorias educacionais, saúde e claro o transporte público.<sup>22</sup>

O que começou nos EUA em 2008 tem resquícios globais, como o impeachment da presidente Dilma que tomou forma em 2013 e teve seus momentos finais em 2016. Assim, a extrema direita é o meio encontrado no cenário nacional como resposta ao status quo. Os movimentos semelhantes ao redor do mundo têm suas origens em uma crise econômica estrutural e uma crescente crise de legitimidade (CASTELLS, 2013).

A crise financeira que abalou as bases do capitalismo e da informação global desde 2008 questionou a prosperidade da Europa e dos Estados Unidos, ameaçou o colapso financeiro de governos, estados e grandes corporações e causou um encolhimento maciço do estado de bem-estar social responsável por manter a estabilidade social.

Posteriormente, na câmara dos deputados: 367 parlamentares votaram a favor do crime de responsabilidade da presidente Dilma Rousseff. Dentro desses parlamentares estava um político que iria se apresentar como um antissistêmico, Jair Messias Bolsonaro que em 2016 era filiado ao PSC-RJ dedicando seu voto na sessão do impeachment à memória do torturador do Exército Coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra,<sup>23</sup> que segundo tal era “o pavor de Dilma Rousseff”.<sup>24</sup>

Ao analisar a cena democrática no Brasil, Mendonça observa que:

A retórica populista tem sido usada com frequência em vários governos atualmente. Apresentando um discurso contra o establishment, ou seja, contra a elite, a velha política e a grande mídia. O caráter autoritário e reacionário de tais líderes tem ameaçado as normas liberais da democracia. Assim, eles atacam as instituições públicas para reafirmar seus ideais a favor do povo contra um suposto inimigo (MENDONÇA, 2022, p. 45).

<sup>20</sup> ODILA, Fernanda. “5 anos depois, o que aconteceu com as reivindicações dos protestos que pararam o Brasil em junho de 2013?”. BBC News Brasil, 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-44353703>. Acesso 05 jun. 2024.

<sup>23</sup> GUIMARÃES, Juca. “Conheça a história sombria do coronel Ustra, torturador e ídolo de Bolsonaro”. Brasil de Fato, 2018. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2018/10/17/conheca-a-historia-sombria-do-coronel-ustra-torturador-e-idolo-de-bolsonaro>. Acesso 05 jun. 2024.

<sup>21</sup> “Veja como deputados votaram no impeachment de Dilma, na PEC 241, na reforma trabalhista e na denúncia contra Temer”. G1, 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/veja-como-deputados-votaram>. Acesso 05 jun. 2024.

Sendo assim, grupos de extrema direita começaram a ganhar notoriedade, como “Movimento Brasil Livre (MBL)” ou “Vem para a Rua”, sendo movimentos onde se questionava onde estaria o “Padrão Fifa”. Posteriormente, vieram a apoiar o impeachment de Rousseff.

É possível que as manifestações de rua em 2013, sejam um marco na percepção pública desta forma de conceber a política no Brasil, especialmente com a eclosão do Movimento Brasil Livre (MBL), do Movimento Escola sem Partido e um conjunto de candidatos “outsiders” na campanha presidencial brasileira de 2018 (FREITAS, 2018, p. 11).

É evidente que setores mais próximos das elites, mais à direita, vão tentar buscar usar também esses instrumentos e recursos [das manifestações], com a diferença de que eles estavam do lado dominante e a gente não estava. Então, eles tinham toda uma estrutura para fazer isso com financiamento de grandes empresas que não é a mesma estrutura de um movimento social horizontal e autônomo, como o MPL (DANTAS, Gabriela. Brasil de fato. Entrevista concedida a Caroline Oliveira. Brasil de fato, site, abril de 2021).

Pesquisas de opinião da época indicavam que, após as manifestações, o índice de aprovação da presidenta do PT caíria para 31% após atingir o recorde de 79% em março daquele ano. Em agosto de 2015, caiu para 8% e a crise se intensificou. Mas, um ano depois, as mesmas estruturas que moldaram os protestos de 2013, se estremeceram com o resultado das eleições presidenciais de 2014, que elegeu novamente Rousseff. Intensificando o sentimento de não pertencimento ao sistema visto até então como corrupto.

As consequências da Operação Lava Jato também desencadearam uma cadeia de eventos que acabou levando à ascensão da extrema direita no Brasil. As revelações e o impacto da operação na política brasileira ressaltam a intrincada interação entre corrupção, responsabilidade e a ascensão de movimentos políticos no país.

Operação Lava Jato começou como uma força-tarefa que incluiu delegados e agentes da Polícia Federal e membros do Ministério Público Federal, em articulação com juízes federais, como depois se soube pelas revelações do Intercept<sup>25</sup> Brasil<sup>26</sup> (BELLO; CAPELA; KELLER, 2021, p. 3).

O início da Operação em 2014 foi de fato um ponto de inflexão na política brasileira. Com a crise estabelecida, a lava-jato é vista como uma possível solução que iria estruturar uma nova narrativa político-social para o sistema. A operação desdobrou-se através de várias fases e desenvolvimentos significativos que incluíram a prisão de políticos e figuras empresariais

<sup>25</sup> FISHMAN, Andrew. “Vaza Jato, 4 anos depois, continua mais viva do que nunca”. Intercept Brasil, 2023. Disponível em: <https://www.intercept.com.br/2023/06/09/vaza-jato>. Acesso 27 mai. 2024.

<sup>26</sup> BELLO, Enzo. CAPELA, Gustavo. KELLER, RENE, José. “Operação Lava Jato: ideologia, narrativa e (re)articulação da hegemonia.” Rev. Direito Práx. 12. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2179-8966/2020/53884>. Acesso em 27 mai. 2024.

influentes. Posteriormente, a Petrobras, uma das maiores empresas estatais do mundo, estaria envolvida.<sup>27</sup>

A iniciativa liderada pelo Ministério Público Federal e pela Polícia Federal não passou despercebida, pois recebeu ampla cobertura da mídia que chamou a atenção para o caso em nível nacional através de extensas coletivas de imprensa realizadas por sua vez em alguns momentos em apresentação Powerpoint por procuradores como Deltan Dallagnol, assim os líderes da operação enfatizavam que estávamos possivelmente diante da "maior rede de corrupção do mundo".

Essa operação teve como alvo indivíduos de alto perfil na política e nos negócios, com a Petrobras no epicentro do escândalo envolvendo superfaturamento de contratos e desvio de fundos para partidos políticos. A investigação, conhecida por sua jurisprudência, causou controvérsia sobre sua adesão ao estado de direito. O escândalo na Petrobras incutiu na população brasileira o questionamento sobre a existência do escrutínio ético em tais ambientes. Além disso, analisando a operação é enfatizado o papel da cobertura da mídia, da aplicação da lei e das políticas de denúncia no combate eficaz à corrupção.

A Operação Lava Jato teve um impacto profundo no sistema social-jurídico brasileiro, enfatizando a delação premiada e da colaboração entre os órgãos investigativos e o judiciário, gerando debates sobre limites legais de juízes e procuradores. Os críticos levantaram preocupações sobre possíveis abusos de poder e violações dos direitos fundamentais, incluindo o uso excessivo de prisões preventivas e vazamentos seletivos de informações para a mídia. O caso destacou o delicado equilíbrio entre buscar justiça e defender os padrões legais, ressaltando a necessidade de adesão estrita aos princípios do devido processo legal e do estado de direito.

Moro e Dallagnol assumidamente trataram a Justiça e a Constituição como meras "filigranas jurídicas" tendo em vista o bem maior de erradicar o PT do comando político do país. Os vazamentos comprovam, portanto, de modo insofismável, um processo político espúrio com o uso intencional e criminoso da pressuposição de neutralidade e isenção do Poder Judiciário. Maior ataque à democracia vindo de quem cabia defendê-la é difícil de ser imaginado. Creio, também, que essas revelações terão maior impacto no STF que as anteriores, dado o ataque direto ao órgão (SOUZA, 2020, p.19).

Posteriormente, o juiz Sérgio Moro,<sup>28</sup> da 13ª Vara Federal de Curitiba dependia legalmente para divulgação e autorização do STF para tornar público a conversa entre Dilma e

---

<sup>27</sup> BARROSO, Luís Roberto. "Ministro Barroso disserta sobre combate à corrupção e refundação do Brasil". Migalhas. 1 abr. 2019. Disponível em: <https://www.migalhas.com.br/quentes/299321/ministro-barroso-disserta-sobre-combate-a-corrupcao-e-refundacao-do-brasil>. Acesso em 15 mai. 2024.

<sup>28</sup> MORO, Sergio F. "Sergio Moro explica sua visão da Justiça". Revista Exame. 20 mai. 2016. 2016(c). Disponível em: <https://exame.com/revista-exame/sergio-moro-explica-sua-visao-da-justica/>. Acesso em 3 mai. 2024.

Lula, mas não foi desta maneira que se desenrolou.<sup>29</sup> Após, este ato uma imensa revolta popular gerou protestos pela saída do presidente, pois no áudio ficava subentendido que a proposta de nomeação do líder do PT como ministro da Casa Civil era para evitar ser alvo de processo na Justiça do Paraná. Milhares de manifestantes protestaram em frente ao Palácio do Planalto e em outros espaços brasileiros em meio a frases como: “O gigante, acordou”.<sup>30</sup>

Já no ano de 2016 o então juiz Sérgio Moro, aceitou a denúncia apresentada pelo MPF contra Lula, que mais tarde ficou conhecida como “Caso triplex”. Segundo a Força-Tarefa da Lava Jato, o ex-presidente foi acusado de ter adquirido um apartamento localizado no Guarujá-São Paulo por meio de propina associado a empreiteira Olivieri, Araújo e Suarez (OAS) com acusações relacionadas à lavagem de dinheiro.<sup>31</sup> A sentença aconteceu após dez meses de julgamento, em 2017, quando Moro declarou que Lula teria que cumprir nove anos e seis meses de prisão. Desta forma Moro construiu uma imagem anticorrupção e aumentou sua popularidade e em 2018 tornou-se ministro da Justiça no governo de Jair Bolsonaro.<sup>32</sup>

A terceira etapa da construção populista se inicia com a Operação Lava Jato<sup>9</sup> que começou em 17 de março de 2014 pela Polícia Federal, com o objetivo apurar um grande esquema de lavagem de dinheiro envolvendo a Petrobras e as grandes empreiteiras do país. A mídia televisiva e jornalística produziu uma série de propagandas anticorrupção massiva com dois atores: Sergio Moro e Deltan Dallagnol. O vazamento de informações sigilosas na época da Operação Lava Jato provocou de forma negativa a população, causando um sentimento de ódio contra o PT e aos partidos políticos de esquerda. Esta situação dividiu o espectro político entre aqueles que viam o sistema parlamentar corrupto de esquerda como o inimigo comum e pressionavam por medidas extrainstitucionais (MENDONÇA, 2022, p. 53-54).

A exposição da Lava Jato desestabilizou o já fraco cenário político existente, criando um terreno fértil para a disseminação de uma narrativa populista centrada em romper o status quo e oferecer uma nova direção. Esse cenário ressalta como as crises de legitimidade podem alimentar o surgimento de discursos populistas em resposta às falhas percebidas dos sistemas políticos estabelecidos (RICCI; IZUMI; MOREIRA, 2021).

<sup>29</sup> MORO, Sergio F. "Despacho". G1. Moro divulga grampo de Lula e Dilma; Planalto fala em Constituição violada. 16/03/2016. 2016(b). Disponível em: <http://g1.globo.com/politica/noticia/2016/03/moro-divulga-grampo-de-lula-e-dilma-planalto-fala-em-constituicao-violada.html>. Acesso em 3 mai. 2024.

<sup>30</sup> MORO, Sergio F. Moro reconhece erro em grampo de Dilma e Lula, mas mantém divulgação. 17/03/2016. 2016(a). Disponível em: <https://www.conjur.com.br/2016-mar-17/moro-reconhece-erro-grampo-dilma-lula-nao-recua>. Acesso em 3 mai. 2024.

<sup>31</sup> CC. CARTA CAPITAL. "Léo Pinheiro nega acusação de Folha e Intercept; defesa de Lula rebate". 4 jul. 2019. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/leo-pinheiro-nega-acusacao-de-folha-e-intercept-defesa-de-lula-rebate/>. Acesso em 3 mai. 2024.

<sup>32</sup> UOL. "Moro relatou convite de Bolsonaro antes da eleição, diz jornalista". 10 out. 2019. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2019/06/10/moro-relatou-convite-de-bolsonaro-antes-da-eleicao-diz-jornalista.htm>. Acesso em 3 mai. 2024.

Fatores históricos como a crise do mensalão e o discurso de ódio contemporâneo foram meios intensificadores para o populismo na eleição de 2018, fundamentais para preparar o caminho para a ascensão da extrema direita. O autoritarismo e o neoliberalismo ressoaram com um segmento da população desiludido com a política tradicional, alimentado pelo desejo de mudança e por uma conexão mais próxima com as pessoas (ZANOTTI; RAMA; TANSCHKEIT, 2023).

O cenário ideal para um populismo de direita se fincar nas matrizes da esfera nacional. Uma direita reacionária que após as eleições de 2014 já estava clamando pelo impeachment e construindo um cenário de que havia crime de responsabilidade, assim desenvolvendo um golpe parlamentar através de uma das principais características desta direita: O fim do pluralismo e soberania popular.

Diante do contexto político brasileiro, pode-se observar uma longa trajetória, tanto intelectual como organizacional, que culminou na ascensão da extrema direita brasileira. A respeito dessa trajetória, Maitino ressalta o seguinte em seu texto:

Na América Latina, porém, uma onda conservadora havia chegado anos antes. Ainda em 2009, Sebastián Piñera foi eleito presidente do Chile, pondo fim a uma longa sequência de governos de centro-esquerda. Progressivamente, os governos de centro-esquerda que marcaram a primeira década dos 2000 na região foram sendo derrotados, tendo na eleição de Mauricio Macri na Argentina e na derrubada de Dilma Rousseff alguns de seus marcos fundamentais. (...) no Brasil a “nova direita” era símbolo, sobretudo, de uma direita militante, que se assumia como tal e ostentava o rótulo de conservadora com orgulho em discussões na internet, na mídia e, progressivamente, nas ruas. Mais próxima, portanto, da New Right estadunidense ou mesmo do fascismo da Nouvelle Droite francesa que do discurso pós-ideológico de Macri (MAITINO, 2020, p. 3).

Observa-se que os protagonistas da extrema direita exerceram grande influência na sociedade brasileira de diversas formas. Assim, enfatiza-se quatro pontos. O primeiro é a política social, como cotas raciais em universidades públicas, programas como o Bolsa Família ou acesso facilitado à internet. Em segundo lugar, questões sobre raça, gênero e sexualidade questionam o verdadeiro valor das famílias tradicionais brasileiras. Terceiro, após a crise financeira de 2008, iniciou a construção de fortes dúvidas sobre a democracia e suas instituições, logo o povo, não se sentia mais representado. Quarto, as instituições que não baseadas em fortes estruturas sendo abaladas por discursos de ódio, emitidos por figuras como

o próprio Bolsonaro, refletindo assim a forma como o judiciário, executivo e legislativo executam.<sup>33</sup>

O que choca é a defesa explícita e aberta destas teses de maneira organizada e militante, formando uma frente jurídica, parlamentar e midiática em defesa delas e que não hesita em fazer uso de recursos jurídicos ilícitos contra quem considera ser seu inimigo. A insegurança jurídica torna-se mecanismo de censura e ameaça difusa, perpassando toda a sociedade, em um processo crescente de “judicialização” da vida social, em substituição à própria política (FREITAS, 2018, p. 27).

No Brasil, partidos e lideranças de direita sempre existiram na Assembleia Nacional, mas nunca assumiram um papel dominante devido ao processo de redemocratização. Entretanto, essa extrema direita, que foi colocada em segundo plano, começa a tornar-se protagonista de uma batalha político-ideológica que visa transformar adversários políticos em inimigos.

Cambaleada ao final de treze anos no poder, a coalizão petista foi vencida por esta “nova direita” que, associada a outras vertentes políticas, organizou com apoio jurídico, parlamentar e midiático o golpe de 2016, por dentro da “democracia liberal”, corroendo suas instituições (FREITAS, 2018, p. 15).

Em seu artigo sobre o entendimento do populismo e como este está presente no bolsonarismo no Brasil, Maitino ainda salienta o seguinte:

Parte significativa do trabalho de militantes e intelectuais desse movimento consistiu no resgate de antigos símbolos e ideias de tradições liberais e conservadoras, não só lançando novos nomes na cena pública, mas também impulsionando antigos autores e atores, (...). Nesse aspecto, a nova direita pode ser, de fato, vista como uma velha conhecida, uma nova máscara para o antigo discurso de uma direita mais radical, que nunca teria desaparecido completamente da política brasileira (MAITINO, 2020, p. 4).

A crise de legitimidade democrática, o PT envolvido em escândalos de corrupção e as jornadas de junho, criaram um panorama de instabilidade política. Assim, as eleições de 2014 e o impeachment de 2016 moldaram um cenário em que um outsider que a princípio ninguém, nem mesmo os maiores cientistas políticos poderiam imaginar, se tornaria um dos maiores fenômenos políticos dos últimos tempos e assumiria a presidência brasileira. O slogan "Brasil acima de tudo, Deus acima de todos" tornou-se símbolo do fim do pluralismo, dos movimentos partidários e das reivindicações nas entrelinhas pelo fim da democracia.

A gente não podia ter aceitado determinadas coisas como sociedade, por exemplo, o voto do Bolsonaro durante o impeachment. Isso não poderia ter sido aceito, porque é uma afronta à democracia, como instituição e valor. Isso foi aparecendo e sendo legitimado (CHICARINO, Tathiana. Brasil de fato. Entrevista concedida a Caroline Oliveira. Brasil de fato, site, abril de 2021).

<sup>33</sup> PAJOLLA, Murilo. “Por que os povos indígenas acusam Bolsonaro de genocídio”. Brasil de Fato, 2022. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2022/04/19/bdf-explica-por-que-os-povos-indigenas-acusam-bolsonaro-de-genocidio>. Acesso em 3 mai. 2024.

Bolsonarismo como Populismo de Direita. (Pautas; Atos; 2022)

Este tópico analisará como a política brasileira também foi atingida pela crise financeira global de 2008 nos EUA, através do populismo de direita. Em 30 de outubro de 2022, foram realizadas eleições para presidente, deputados federais e estaduais, governadores e senadores em todo o Brasil. Acontecendo o que era inimaginável, há algum tempo: Luís Inácio Lula da Silva foi eleito por 60 milhões de brasileiros.

Desde 2018, as ações dos bolsonaristas são observadas por meio de uma única figura política: Jair Messias Bolsonaro. Porém, nas horas seguintes ao anúncio da vitória de Lula, aspectos inéditos desse movimento começaram a irromper. Assim, iniciou-se uma série de protestos em rodovias federais em pelo menos 20 estados brasileiros com queima de pneus e bloqueio do trânsito após o resultado da eleição.<sup>34</sup>

Hoffmann (2022) afirma que existe um movimento global crescente de agitação e desconforto com o funcionamento da democracia atual. O autor, apud Diamond (2017), relata o seguinte:

(...) vem reconhecendo a existência de uma onda global de recessão democrática, com pelo menos 27 colapsos democráticos ocorridos desde 2000, em casos que vão desde golpes militares até degradações da arquitetura institucional, bem como violações dos direitos civis e políticos.

Lage e Saraiva (2021), citando (Brown, 2019) ressaltam em seu texto que estamos vivendo um populismo embasado no ressentimento do indivíduo branco, conservador, judaico-cristão, orgulhoso, e de extrema direita; um movimento elitista e anti-igualitário, nostálgico de uma moralidade perdida, querendo de volta os “bons costumes”, vingativo contra seus inimigos declarados, e sem fazer nenhuma questão de esconder sua ânsia por poder. Lazzarato (2019) ainda salienta que esse ressentimento está sendo canalizado, estrategicamente, em uma máquina política que reitera no populismo os sentimentos de tristeza, frustração, medo, angústia e raiva.

Lage e Saraiva (2021) também salientam que

Populismo seria uma espécie de subterfúgio conceitual para nomear uma forma renovada do fascismo histórico: o neofascismo, o ciberfascismo. Enquanto o populismo remete a uma espécie de lógica política ainda pertencente a um horizonte democrático, o fascismo significa uma ruptura, embora nem sempre explícita (LAGE e SARAIVA, 2021, p. 127).

---

<sup>34</sup> CARRANÇA, Thais. “Qual o futuro do bolsonarismo após derrota na eleição?”. BBC News Brasil, 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-63439014>. Acesso em 3 mai. 2024.

Esses autores respondem aos questionamentos, relatando que:

Estariamos testemunhando, nesse sentido, uma versão narcísica do ressentimento daqueles que perderam o privilégio de ostentar diferenças de status social. Quando elites econômicas se deparam com a redução dos parâmetros de diferenciação e hierarquização que asseguram um lugar de privilégio, instaura-se o que Cohen (2019) chama de "ansiedade de status": um ressentimento não apenas com a própria decadência social, mas, principalmente, com o desprestígio de experimentar a redução das desigualdades (LAGE e SARAIVA, 2021, p. 136).

Para os pesquisadores Aggio e Castro em seu artigo (2019), os pilares do populismo pressupõem uma concepção de povo que não permite uma compreensão baseada em divisões sociais, para que o povo não apareça no populismo como classe ou conjunto de classes.

Significando, que toda noção de populismo é definida pela ideia do povo como um agregado homogêneo e virtuoso, ainda assim as manifestações de suas qualidades podem variar de acordo com os contextos e circunstâncias.

“Meu partido é o povo” foi a frase proferida por Jair Bolsonaro como resposta a jornalistas que o indagavam sobre o fracasso das negociações para a formação de aliança com os Partido da República (PR) e Partido Republicano Brasileiro (PRB) para sua candidatura à presidência do Brasil em 2018. Ligado fundamentalmente à noção de povo, o antielitismo populista sustenta a ideia de que a soberania popular se encontra sequestrada por uma elite dirigente que toca os negócios do Estado não apenas à revelia da vontade popular, mas contra os interesses do povo. Elites econômicas e políticas costumam ser os alvos recorrentes nas retóricas de líderes populistas: a força do capital a tutelar as políticas do Estado contra os interesses dos concernidos e/ou o sistema político, corrompido por representantes auto interessados cuja atuação é pautada pelo ataque aos interesses do povo (AGGIO; CASTRO, 2019, p. 8-9).

Segundo Pereira (2019) “uma grande coalizão de classes voltada para a democracia e o desenvolvimento social, de repente se viu tomada pelo ódio que começou nas classes médias. E que tinha como principais objetos o PT e Lula” (p. 9).

Percebi esse fato já em 2014 com grande preocupação. Eu nunca havia visto ódio na política brasileira. Na crise que antecedeu o golpe militar de 1964, eu vi medo nas classes médias. Medo do comunismo, que o presidente João Goulart não justificava, mas que a Revolução Cubana de 1959 e a radicalização da esquerda brasileira explicavam. Agora, porém, o problema não era o medo, mas o ódio. Ódio que é incompatível com a política e a democracia. A política democrática é a luta entre adversários, não é a luta entre inimigos. A democracia supõe a alternância de poder; o ódio, a supressão, a eliminação do inimigo (PEREIRA, 2019, p. 9).

Para Pereira (2019) a economia do Brasil também foi atingida pela crise financeira global de 2008, mas a crise atual começou em 2013 e continua até hoje. Eles refletem as queixas da classe média tradicional, incluindo suas ramificações burguesas e burocráticas. Então, no Brasil, temos uma aliança nacionalista de extrema direita e o neoliberalismo.

Ao mesmo tempo aconteceram dois grandes escândalos: o escândalo do Mensalão, em 2006, que se estendeu até o julgamento dos principais indiciados em 2012, e os

escândalos revelados pela operação Lava Jato a partir de 2014. Em ambos estava envolvido o PT, mas estavam também envolvidos praticamente todos os demais partidos políticos. No entanto, o juiz e a força tarefa de procuradores sediados em Curitiba que conduziram a operação Lava Jato perceberam que além do apoio popular conseguiriam o apoio das elites econômicas se concentrarem seus esforços na acusação e condenação de Lula de forma a inviabilizar sua candidatura à presidência. Foi o que fizeram e tiveram êxito. Só agora está ficando claro para todos que eles não estavam trabalhando pela justiça, mas para sua promoção pessoal (PEREIRA, 2019, p. 9).

No dia 30 de outubro de 2022, ocorreram as eleições para presidente, deputado federal, estadual, governador e senador em todo o Brasil. E aquilo que a algum tempo atrás era difícil de se imaginar ocorreu: Luís Inácio Lula da Silva é eleito por 60 milhões de brasileiros. O petista obteve 50,90% dos votos válidos (60.345.999), enquanto Bolsonaro conquistou 49,10% (58.206.354). Logo, intensos questionamentos sobre a eficácia das urnas já estavam se formando na sociedade, pontuando, que a indignação era sobre o resultado para presidente da república, pois os outros cargos disputados foram tratados como dentro do jogo democrático.

Desde 2018, observa-se que os atos bolsonaristas ocorrem através de uma figura política: Jair Messias Bolsonaro. Porém, após algumas horas do anúncio da vitória de Lula, alguns aspectos inéditos deste meio começaram a inflamar. Pela primeira vez, não há necessidade de convocar figuras públicas do bolsonarismo. Bolsonaro, seus filhos, deputados e senadores não orientaram publicamente os movimentos de paralisação das rodovias federais ou protesto em frente aos quartéis do exército, que geram gritos de ordem como: “Eu autorizo”, “Intervenção federal, já” ou “Não queremos que o Brasil vire uma Venezuela”.<sup>35</sup>

Uma série de protestos ocorreram em rodovias federais com queima de pneus e bloqueio do tráfego em pelo menos 20 estados brasileiros após a eleição de Luiz Inácio Lula da Silva para a Presidência da República. Cerca de 236 bloqueios nas estradas e as regiões mais afetadas foram as rodovias catarinenses, gaúchas e sul-mato-grossenses, somados 110 bloqueios nesses estados em que o presidente Jair Bolsonaro venceu na eleição presidencial. Logo, a advocacia-geral da união promoveu atos nas unidades em que existem pontos de bloqueios, com o objetivo de conseguir liminares na justiça federal para impedir que os atos sigam interrompendo o tráfego.<sup>36</sup>

---

<sup>35</sup> BARIFOUSE, Rafael. Eleições 2022: “Votação mostra que reação conservadora não está se esgotando como se pensava”. BBC News Brasil, 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-63112781>. Acesso em 3 mai. 2024.

<sup>36</sup> “Caminhoneiros fecham rodovias contra resultado das urnas após derrota de Bolsonaro”. G1, 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2022/noticia/2022/10/31/caminhoneiros-fecham-rodovias-contra-resultado-das-urnas-apos-derrota-de-bolsonaro.ghtml>. Acesso em 3 mai. 2024.

Houve também relatos de possíveis protestos de caminhoneiros na Esplanada dos Ministérios e na Praça dos Três Poderes em Brasília, e a Polícia Militar do DF isolou trechos dessas áreas para evitar que caminhões invadissem a região. Em alguns estados, como Santa Catarina e Paraná, a Polícia Rodoviária Federal (PRF) confirmou pontos com manifestações e interdição total ou parcial da rodovia.

Assim, podemos perceber que o ressentimento da extrema direita brasileira circunda entre a perda do protagonismo político durante a história do país e seu objetivo de eliminar pensamentos e práticas esquerdistas. Sob essa perspectiva, Bugiato e Freitas (2022) declaram que:

A ascensão da extrema-direita como força política organizada é um fenômeno atual e mundial. Com uma articulação transnacional, a intensidade desta força e seus êxitos variam de país para país e em alguns casos ela chega a ocupar as mais altas posições estatais. Suas diferentes e complexas inserções nos processos políticos nacionais possibilitam caracterizá-la de formas distintas, tais como tradicionalismo, populismo de direita, (neo) fascismo, entre outras. Suas críticas e oposições, conservadoras e por vezes superficiais, igualmente variam: são frequentes os ataques, sobretudo no plano discursivo, ao Estado capitalista, ao programa neoliberal, à democracia liberal, ao sistema partidário, ao sistema eleitoral. Contudo, um elemento que não varia e caracteriza a natureza da extrema-direita é seu objetivo principal de eliminação do pensamento e da prática política da esquerda, no passado e no presente, inclusive como forma de governar. Atualmente esta esquerda é entendida de modo geral, como todos os que não se enquadram e se posicionam contra os valores e o projeto político dos extremistas (os inimigos a serem exterminados). Outro elemento aparentemente invariante é a tendência de cooptação dos movimentos de extrema-direita pela burguesia. Como um movimento político tradicionalmente originado em camadas intermediárias das sociedades capitalistas, a ascensão da extrema-direita é acompanhada de influência, interferência e dominação da classe dominante sobre o processo. Uma dinâmica de cooptação pelo alto, no passado e no presente, inclusive como constituição de hegemonia política (BUGIATO; FREITAS, 2022, p. 15-16).

A mobilização para os atos ocorreu quase exclusivamente por meio de correntes de WhatsApp e Telegram. Primeiro, se forma com o movimento de caminhoneiros estacionando seus caminhões em rodovias e após algumas horas mobiliza dezenas de milhares de pessoas para as portas dos quartéis. Dentro delas, os bolsonaristas que durante o hino nacional fizeram uma saudação nazista em frente ao quartel, que ocorreu em Santa Catarina, sendo uma das classes que formaram esta mobilização antidemocrática.

Eu prefiro entender esses líderes e os movimentos políticos que lhes dão suporte como nacionalistas de direita. São nacionalistas econômicos nos Estados Unidos e no Reino Unido, nacionalistas também étnicos na Polônia e Hungria; são conservadores porque pretendam falar em nome do povo embora defendem os interesses dos ricos, e porque, no plano comportamental, rejeitam os direitos das mulheres ao seu próprio corpo, os direitos dos LGBTI e dos povos indígenas (PEREIRA, 2019, p. 8).

A título de ilustração, no que tange aos discursos populistas de Jair Bolsonaro, é fundamental salientar que a defesa de sua ideia de igualitarismo o precede: não são poucas as posições sociais, inclusive materializadas em discursos reverberados e defendidos pela grande imprensa brasileira, que acusaram e acusam “governos petistas” de terem “dividido o Brasil”. Daí, inclusive, derivam máximas de que reivindicações de minorias sociais e políticas, formalizadas ou não em políticas

públicas, como as de natureza afirmativa ou de distribuição de renda, não geram direitos, mas privilégios, fissuras e injustiças no tecido social brasileiro (AGGIO; CASTRO, 2019, p. 6).

Uma estrutura organizada e financiada foi montada para apoiar a presença de longo prazo de militantes bolsonaristas acampados em frente ao quartel-general do Exército. A infraestrutura permitiu que o movimento de extrema direita permanecesse no acampamento por mais de dois meses, incluindo o fornecimento de barracas, caixas d'água, geradores, banheiros químicos e a utilização de símbolos nacionais como a camisa da seleção de futebol brasileira e a dedicação de espaços de oração destinados a cultos diários. “O nacionalismo nas fórmulas populistas se expressa por meio do enaltecimento de símbolos representativos das tradições e história do povo” (Aggio; Castro, 2019, p. 7).

A construção do personagem político de Jair Bolsonaro é composta por um cenário abundante de símbolos, emblemas e discursos voltados ao enaltecimento de uma ideia de patriotismo inerente ao povo genuinamente brasileiro, episódios de demonstração de respeito e devoção à bandeira do Brasil e discursos de proteção da nação contra ameaças estrangeiras embutidas na ideia nacionalista de defesa e preservação dos interesses nacionais – notoriamente inspirados no ufanismo do regime militar brasileiro. Obviamente, em se tratando do personagem em questão, polêmicas acerca da natureza genuína de seu alegado compromisso nacionalista com o país não faltaram. A mais expressiva delas girou em torno do polêmico gesto de continência de Jair Bolsonaro perante a bandeira dos Estados Unidos da América. No entanto, ainda que contraditório, o apelo populista de seu nacionalismo se mantém (AGGIO; CASTRO, p. 7, 2019).

O envolvimento de empresários financiadores dessas atividades, inclusive do setor do agronegócio, sugere a existência de uma rede de apoio extremista disposta a investir recursos financeiros para manter os acampamentos em funcionamento. As forças de segurança investigam a rede para identificar financiadores que incentivam ações antidemocráticas e golpistas. “Compreendemos que a faceta comunicativa do populismo, os estilos e expedientes discursivos que dão forma aos conteúdos populistas, são instrumentos valiosos para a compreensão da comunicação política” (Aggio; Castro, 2019, p. 10).

Já no caso do Brasil, a lógica é meramente oportunista. Para o presidente foi uma forma de obter o apoio das elites econômicas. Para estas elites, uma forma de obter as reformas que as interessam – que colocam todo o peso do ajuste necessário nas costas dos assalariados, não importando que em troca o governo possa cometer violências contra direitos civis, a Universidade, o ensino fundamental, a cultura, a saúde e a proteção do ambiente (PEREIRA, 2019, p. 10).

O dia 24 de dezembro é um exemplo dessa dualidade. Pela manhã, um plano para detonar uma bomba com um caminhão que transportava querosene no aeroporto de Brasília foi descoberto e interrompido. Segundo a polícia, a emulsão explosiva veio de minas e pedreiras. George Washington de Oliveira Souza, gerente do posto de gasolina Pala Inland, reconheceu

em comunicado que seu plano com os comparsas era permitir que o ataque terrorista provocasse o caos, levando a um estado de sítio que aceleraria a intervenção militar.

Os membros que fazem parte dos movimentos com caráter golpista exigem “intervenção militar” ou “intervenção federal”, produzindo de que é aceitável a anulação das eleições, baseando-se no artigo 142 da constituição que se analisado é constatado equívocos nas interpretações.<sup>37</sup>

A situação não começou a mudar até que Alexandre de Moraes, ministro do Supremo Tribunal Federal (STF) e presidente do Supremo Tribunal Eleitoral (TSE), formou-se uma operação entre a polícia militar e federal com a ameaça de prender o Diretor-Geral da PRF. “Esta é a face autoritária da “nova direita” neoliberal que foi deixada de lado nos últimos anos pela política de esquerda, e pode ser um fator importante para se entender os recentes acontecimentos no Brasil pós-2014” (Freitas, 2018, p. 26).

O tradicionalismo populista possui a mesma fundação moral salientada acima e representa um princípio, senão de conservação de valores morais, fundamentados em noções de conservação de hábitos, costumes e valores – não raros de matriz religiosa – ao menos de resgate de uma era corrompida por inimigos os mais diversos: da modernidade ao sistema político, passando por instituições culturais ou agremiações partidárias (AGGIO; CASTRO, 2019, p. 8).

O uso estratégico das mídias sociais por Bolsonaro, particularmente plataformas como Facebook, WhatsApp e YouTube, desempenhou um papel crucial na mobilização de apoio ao disseminar mensagens anti-establishment e teorias da conspiração, contribuindo significativamente para sua ascensão política. Essa abordagem, combinada com sua ideologia populista, marcou uma mudança na política brasileira e destacou o impacto das mídias sociais na formação dos resultados eleitorais e da opinião pública.

As câmaras de eco da mídia social realmente alimentaram a ascensão de Jair Bolsonaro ao poder no Brasil. Aproveitando as redes sociais para disseminar mensagens simplificadas e polarizadoras, utilizando plataformas para transmissões ao vivo semanais. Facilitando a disseminação de sua narrativa, repercutindo em eleitores insatisfeitos com o cenário político existente e buscando mudanças radicais, como visto nas discussões em torno da operação Lava Jato.

Além disso, a estratégia de comunicação on-line de Bolsonaro visava desacreditar a mídia tradicional, posicionando-se como a principal fonte de informação para seus apoiadores. Esse ambiente digital permitiu que sua retórica ganhasse força e solidificasse seu apoio entre

---

<sup>37</sup> “88% dos manifestantes na Paulista creem na falsa teoria de que Bolsonaro venceu em 2022”. Carta Capital, 2022. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/88-dos-manifestantes-na-paulista-creem-na-falsa-teoria-de-que-bolsonaro-venceu-em-2022/>. Acesso em 3 mai. 2024.

uma parcela significativa do eleitorado, mostrando o poder das mídias sociais em moldar resultados políticos.

Nota-se, o forte meio ideário de propagação da extrema direita, pois os seguidores do bolsonarismo foram capturados pelo sistema de comunicação que é exclusivo à própria ideologia. Articulam aplicativos de mensagens, Youtube, Telegram, Facebook etc. Existindo a ideia de não se pode ler jornal e nem ver TV principalmente a “globo lixo”, porque seriam meios de comunicação corruptos. Interessante observar que a Jovem Pan, que antes do resultado da eleição era um dos principais meios de comunicação com a extrema direita, foi acusada pelos mesmos de que havia "se rendido ao sistema" por causa das demissões de comentaristas como Caio Coppolla.

Essa rede do bolsonarismo não apenas se apresenta como suficientemente “informada” para o público, mas também aniquila qualquer informação que venha de fora, como mídia tradicional e figuras não alinhadas. Vemos em grupos que qualquer pensamento independente é suprimido. Esse é o comportamento típico de um culto, ao mesmo tempo, é um movimento definido e dirigido centralmente. Caso contrário, as mensagens não seriam articuladas entre si.<sup>38</sup>

Assim, os atos que ocorreram em 2013 e 2023 diferem significativamente em seus objetivos e requisitos políticos específicos. Enquanto os grupos anteriores buscavam mudar políticas públicas específicas, os grupos envolvidos em 2023 parecem estar desafiando as regras públicas e buscando derrubar o governo eleito, em específico a própria elite. No entanto, alguns elementos comuns entre os movimentos podem ser identificados, como a presença de bandeiras anticorrupção, violência política e códigos de ética reacionários.

Também é importante ressaltar que essas campanhas envolvem agendas reacionárias e a expansão dos campos patrióticos, através da ascensão do populismo de direita. Os atos de 2013 foram pioneiros nesse sentido, pois ajudaram a avançar essas agendas e fortalecer o movimento de 2023.

Além disso, esses movimentos também foram precursores na utilização da internet como ferramenta de articulação política. “Associação simbólica entre o PT e a corrupção, nos anos 2000, cevou o antipetismo e, com ele, a própria antipolítica. Nas jornadas de 2013, era comum a ostentação de faixas com dizeres genericamente antipartidários” (Couto, 2021, p. 36).

Freitas (2018) declara: “O mais grave é que a “nova direita” radical avançou para um

---

<sup>38</sup> FELIZARDO, Nayara. “Levantamento inédito mostra como cidadãos comuns se transformam em robôs de Bolsonaro em grupos de WhatsApp”. The Intercept Brasil, 2022. Disponível em: <https://www.intercept.com.br/2022/07/27/bolsonaro-cidadaos-comuns-robos-whatsapp/>. Acesso em 3 mai. 2024.

entendimento que seria considerado, até pouco tempo, desprovido de ética: Os fins justificam os meios” (p. 25).

Dessa forma, compreende-se que estes defensores do liberalismo econômico renunciem à democracia para garantir o que conceituam como “liberdade”, legitimando golpes militares e/ou jurídico-parlamentares-institucionais. O estado é visto como algo que atrapalha a liberdade individual de competir ao olhar para o bem-estar do coletivo. E talvez seja exatamente esta a sua característica atual marcante: Não importam os meios quando se trata de defender o livre mercado que, segundo eles, funda a liberdade pessoal e social. E se é para tal, a subjetividade neoliberal fica em paz com golpes de estado e golpes institucionais (FREITAS, 2018, p. 26).

O presidente Jair Bolsonaro Partido Liberal (PL) quebrou o silêncio sem conceder para Luiz Inácio Lula da Silva PT a fala de que perdeu as eleições. Em nota divulgada pelo Palácio da Alvorada, Bolsonaro fez um breve discurso agradecendo os votos conquistados, mas não admitiu a derrota. Sobre os movimentos, o presidente afirmou que são “métodos da esquerda” impor o direito de ir e vir, mas as ações eram "o resultado de uma justa indignação". Visto que, histórias de fraude ao longo de quatro anos, lançados mais de uma centena de ataques ao sistema eleitoral foi produzido pelo chefe de estado. Assim, mensagens nas redes sociais ou gritos nas ruas feitos pela extrema direita apontavam: “Está claro: Temos que seguir nas ruas”.

### CAPÍTULO III

## ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS E DE DEPUTADOS FEDERAIS NO MATO GROSSO DO SUL. (RESULTADOS E DISCUSSÃO)

Ao analisar a história política do estado do Mato Grosso do Sul<sup>39</sup> encontra-se suas raízes historicamente entrelaçadas com o estado de Mato Grosso, do qual se desmembrou em 1977. Compartilhando uma trajetória inicial de colonização e desenvolvimento conjunto, esses estados partilharam influências políticas e econômicas durante muitos anos. A divergência política e administrativa buscou atender a demandas regionais específicas e permitir um foco mais direcionado nas peculiaridades de cada território. Apesar da separação, a história compartilhada ainda exerce influência na dinâmica política de Mato Grosso do Sul, moldando suas abordagens em temas como desenvolvimento agrícola, preservação ambiental e representação, enquanto a região continua a forjar sua identidade política única (MIRANDA; SILVA; MIRANDA, 2018; BARBOSA, 2019).

Podemos observar que a disputa entre Fernando Haddad<sup>40</sup> e Jair Bolsonaro nas eleições presidenciais de 2018 no estado de Mato Grosso do Sul foi marcada por uma polarização política intensa e uma clara divisão entre os eleitores. Enquanto Bolsonaro representava uma visão política mais conservadora e enfatizava pautas de segurança pública e combate à corrupção, Haddad era o candidato do PT e defendia propostas voltadas para políticas sociais e inclusão.

Nessa eleição, pode-se perceber que o Bolsonarismo triunfou no estado. No primeiro turno, Haddad venceu em apenas 10 cidades do Mato grosso do Sul, totalizando 12,7% dos votos computados em todo o estado. Enquanto, Bolsonaro conseguiu vencer em todas as demais cidades, incluindo a capital Campo Grande e os municípios polo do agronegócio, e atingiu um total de 87,3% da contabilidade dos votos no Mato Grosso do Sul (Gráfico 1).<sup>41</sup>

No segundo turno das eleições presidenciais de 2018, os votos em Haddad diminuíram no estado e, dos dez municípios em que havia ganho no primeiro turno, perdeu em Selvíria. Nesse turno, Haddad passou de 12,7% para 11,4% dos votos válidos em Mato Grosso do Sul. Em contrapartida, os eleitores de Bolsonaro aumentaram no segundo turno, chegando a 88,6% dos

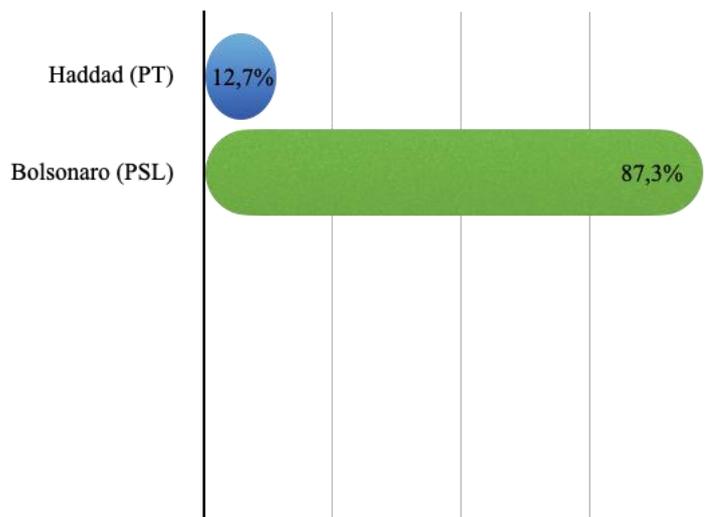
---

<sup>39</sup> Em 11 de outubro de 1977, o geral-presidente Ernesto Geisel assinou um decreto que levou ao estabelecimento do Mato Grosso do Sul – separado do então vasto Mato Grosso.

<sup>40</sup> Candidato a presidência do Brasil em 2018; Professor universitário e advogado.

<sup>41</sup> Sendo elas Dois Irmãos do Buriti (1.716 votos); Itaquiraí (3.528 votos); Japorã (1.074 votos); Juti (1.391 votos); Miranda (5.074 votos); Paranhos (1.972 votos); Selvíria (1.511 votos); Tacuru (1.306 votos); Taquarussu (862 votos); Vicentina (1.510 votos).

votos computados em MS (Gráfico 3).



Fonte: Elaboração própria

**GRÁFICO 1** - Porcentagem de votos para os candidatos Fernando Haddad e Jair Messias Bolsonaro no primeiro turno das eleições presidenciais de 2018 em Mato Grosso do Sul.

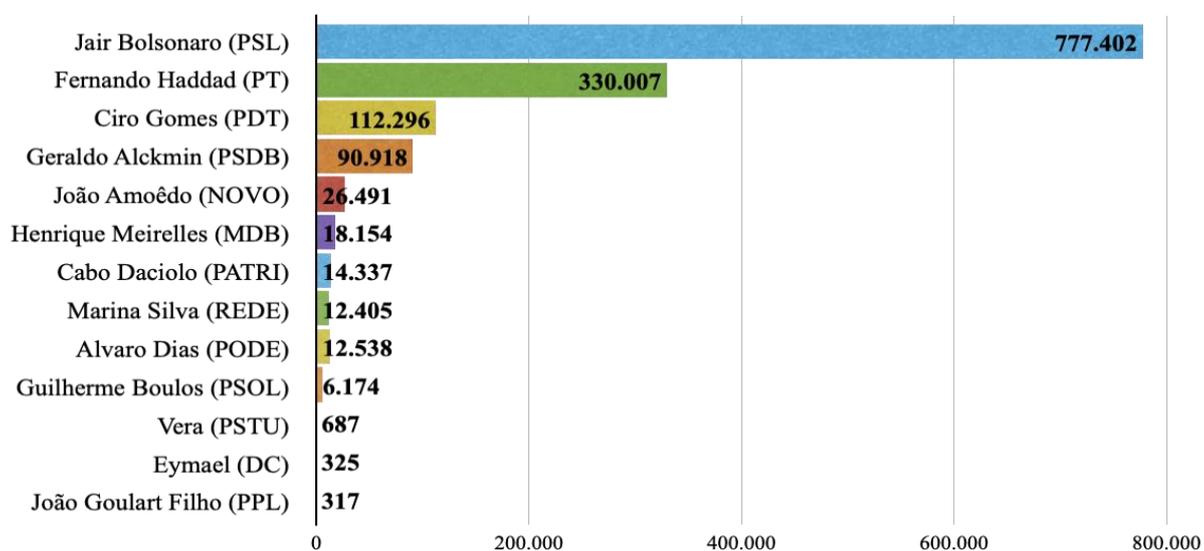
O estado de Mato Grosso do Sul, embora historicamente inclinado a posicionamentos políticos mais à direita, também possui em sua história política um forte apoio ao PT até a Operação Lava Jato.

O primeiro ponto que merece destaque a partir dos anos 2000 é a ascensão da centro-esquerda, tanto em nível federal, com o Presidente Luís Inácio Lula da Silva (PT), quanto no caso de Mato Grosso do Sul, com Zeca do PT em 1998 e 2002 (BARBOSA; SILVA, 2012, p.93). (...) A década de 2000, como se apontou, significou o avanço da esquerda tanto no cenário federal quanto no estadual. O PT vê suas bancadas aumentarem em 2002. No estado, consegue eleger o primeiro senador, o ex-peemedebista Delcídio do Amaral. O partido manteve as três cadeiras para o congresso nacional e conquistou mais três na Assembléia Legislativa (BARBOSA; SILVA, 2012, p. 97).

Assim, registrou um apoio significativo a Jair Bolsonaro com sua retórica antiestablishment e suas promessas de medidas rígidas contra o crime ressoavam com parte da população sul-mato-grossense, especialmente em um contexto de crescente preocupação com a segurança. Por outro lado, a associação de Haddad com o PT, combinada com o desgaste da imagem do partido devido a escândalos de corrupção, resultou em resistência por parte de muitos eleitores do estado. A dinâmica dessa disputa revelou as divergências políticas profundas e as preferências ideológicas enraizadas entre os eleitores de Mato Grosso do Sul, contribuindo

para a vitória de Bolsonaro nesta região.

Ao analisar esses dados, pode-se inferir que durante o primeiro turno das eleições presidenciais de 2018<sup>42</sup> no estado, houve uma distribuição diversificada de votos entre os diferentes candidatos, refletindo a variedade de opções políticas disponíveis. No entanto, quando chegou o segundo turno e as escolhas foram reduzidas a dois candidatos, observou-se uma mudança no comportamento dos eleitores. Esse aumento dos votos para Bolsonaro no segundo turno se deve, principalmente àqueles eleitores que, no primeiro turno, votaram em outros candidatos e, no segundo turno, se negaram a votar no Partido dos Trabalhadores, escolhendo então Bolsonaro como única alternativa viável.<sup>43</sup>

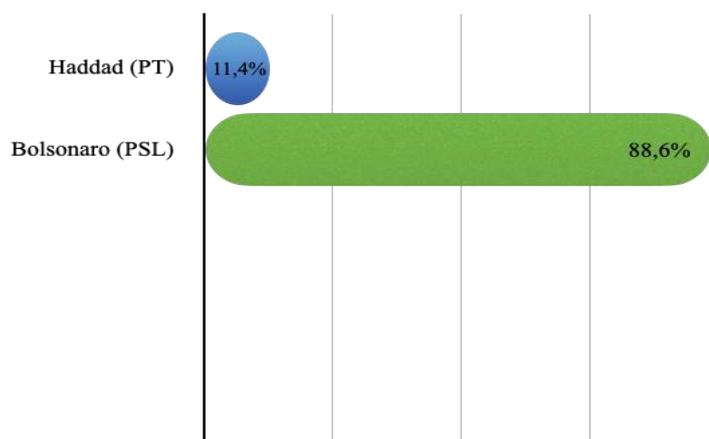


Fonte: Elaboração própria

**GRÁFICO 2** – Soma dos votos para os candidatos à presidência do Brasil no primeiro turno das eleições presidenciais de 2018 em Mato Grosso do Sul.<sup>44</sup>

<sup>42</sup> Eleições em 2018: O primeiro aconteceu em 7 de outubro e o segundo em 28 de outubro.

<sup>43</sup> Municípios do MS: Aquidauana, Anastácio, Bodoquena, Dois Irmãos do Buriti, Miranda, Bataguassu, Anaurilândia, Brasilândia, Santa Rita do Pardo, Campo Grande, Bandeirantes, Corguinho, Rochedo, Jaraguari, Terenos, Sidrolândia, Ribas do Rio Pardo, Coxim, Alcinópolis, Camapuã, Pedro Gomes, Rio Negro, Rio Verde de Mato Grosso, São Gabriel do Oeste, Sonora, Corumbá, Ladário, Dourados, Douradina, Itaporã, Laguna Caarapã, Maracaju, Nova Alvorada do Sul, Rio Brilhante, Fátima do Sul, Deodápolis, Glória de Dourados, Jatei, Vicentina, Caarapó, Juti, Jardim, Bela Vista, Bonito, Caracol, Nioaque, Guia Lopes da Laguna, Porto Murtinho, Naviraí, Eldorado, Iguatemi, Itaquirai, Mundo Novo, Japorã, Nova Andradina, Angélica, Batayporã, Ivinhema, Taquarussu, Paranaíba, Aparecida do Taboado, Cassilândia, Chapadão do Sul, Costa Rica, Paraíso das Águas, Inocência, Ponta Porã, Amambai, Antônio João, Aral Moreira, Coronel Sapucaia, Paranhos, Sete Quedas, Tacuru, Três Lagoas, Água Clara e Selvíria.



Fonte: Elaboração própria

**GRÁFICO 3** - Porcentagem de votos para os candidatos Fernando Haddad e Jair Messias Bolsonaro no segundo turno das eleições presidenciais de 2018 em Mato Grosso do Sul.

Esse movimento de voto tático refletiu a polarização política que marcou as eleições de 2018 e foi influenciado por diversos fatores, incluindo preocupações com a corrupção, posições ideológicas e a aversão a certas políticas associadas ao PT. Como resultado, Bolsonaro conseguiu angariar um aumento significativo de votos no segundo turno em Mato Grosso do Sul, o que contribuiu para sua vitória nesse estado.

Até a década de 2010, o PT era uma força política significativa em Mato Grosso do Sul, com apoio sólido em várias regiões do estado. A Operação Lava Jato, iniciada em 2014, teve um impacto profundo na percepção pública do PT, contribuindo para uma queda acentuada no apoio ao partido.

Como abordado anteriormente, a política do estado ainda tem resquícios dos padrões políticos do (MT) Mato Grosso, o que corrobora com Makino (2020), que discorre sobre as eleições presidenciais de 2018 no MT, destacando que:

Em Mato Grosso, 66,4% dos eleitores votaram em Bolsonaro no segundo turno das eleições de 2018. Nas eleições presidenciais anteriores, o PT nunca conseguiu obter a maioria no Estado. Em 2014, por exemplo, Aécio Neves obteve 71,6% % dos votos e, em 2010, José Serra obteve 51%. No senso comum, relaciona-se o mundo de vocação agrícola com o conservadorismo, então, segundo essa lógica, era de se esperar que lugares como Mato Grosso votem em candidatos menos progressistas (MAKINO, 2020, p. 126).

Assim como no MT, em Mato Grosso do Sul, o movimento bolsonarista também se destacou. A partir de 2013, acompanhando uma tendência global, emergiu uma onda

conservadora e reacionária no âmbito político e cultural, que se aliou a uma abordagem neoliberal na esfera econômica. No contexto brasileiro, essa onda encontrou sua manifestação na forma do movimento bolsonarista durante as eleições presidenciais de 2018. Como é inerente a qualquer ideologia ou sistema de pensamento, o bolsonarismo conquistou maior adesão em certos segmentos da população em comparação a outros (MAKINO, 2020).

Ao analisar o Produto Interno Bruto (PIB)<sup>45</sup> *per capita* dos municípios do estado de Mato Grosso do Sul nas eleições de 2018, observa-se que, dos dez municípios que tiveram o maior número de votos para Haddad, apenas Selvíria está no top 10 do ranking, ocupando o primeiro lugar. Porém, esta cidade não manteve seu posicionamento no segundo turno, onde Bolsonaro obteve o maior número dos votos válidos. Ainda, entre as cidades onde Haddad foi a opção da maioria dos cidadãos, está Paranhos, que, em 2018 apresentou o menor PIB do estado, ficando em último lugar no ranking (Tabela 1).

**TABELA 1** – PIB *per capita* dos Municípios do estado de Mato Grosso do Sul com maior número de votos válidos para Fernando Haddad no primeiro turno das eleições presidenciais de 2018 (SEMADESC, 2018).

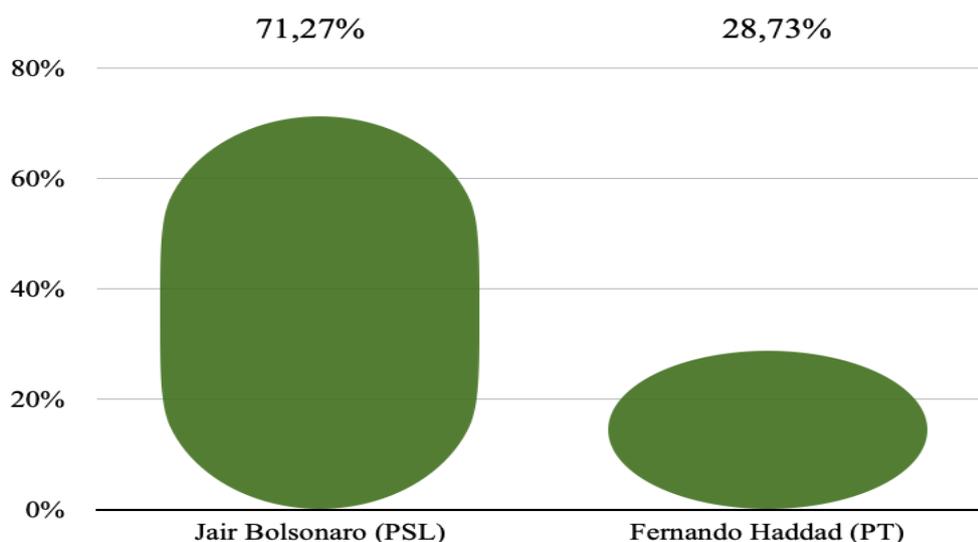
<b>Municípios</b>	<b>Nº Votos</b>	<b>PIB (<i>per capita</i>)</b>	<b>Ranking</b>
<b>Dois Irmãos do Buriti</b>	1.716	18.355,49	73º
<b>Itaquiraí</b>	3.528	35.789,39	31º
<b>Japorã</b>	1.074	14.519,28	76º
<b>Juti</b>	1.391	42.825,63	23º
<b>Miranda</b>	5.074	18.019,95	75º
<b>Paranhos</b>	1.972	11.995,49	79º
<b>Selvíria</b>	1.511	362.080,40	1º
<b>Tacuru</b>	1.306	19.473,28	69º
<b>Taquarussu</b>	862	31.622,94	43º
<b>Vicentina</b>	1.510	43.496,07	22º

Fonte: Elaborado pela Autora com Dados da Semadesc (Secretaria de Meio Ambiente, Desenvolvimento, Ciência, Tecnologia e Inovação) ano 2018.

No entanto, ao examinar as localidades nas quais Bolsonaro conquistou a maior quantidade de votos, é possível notar uma tendência interessante. Observa-se que esses municípios apresentam um PIB *per capita* substancialmente mais elevado em comparação com outras

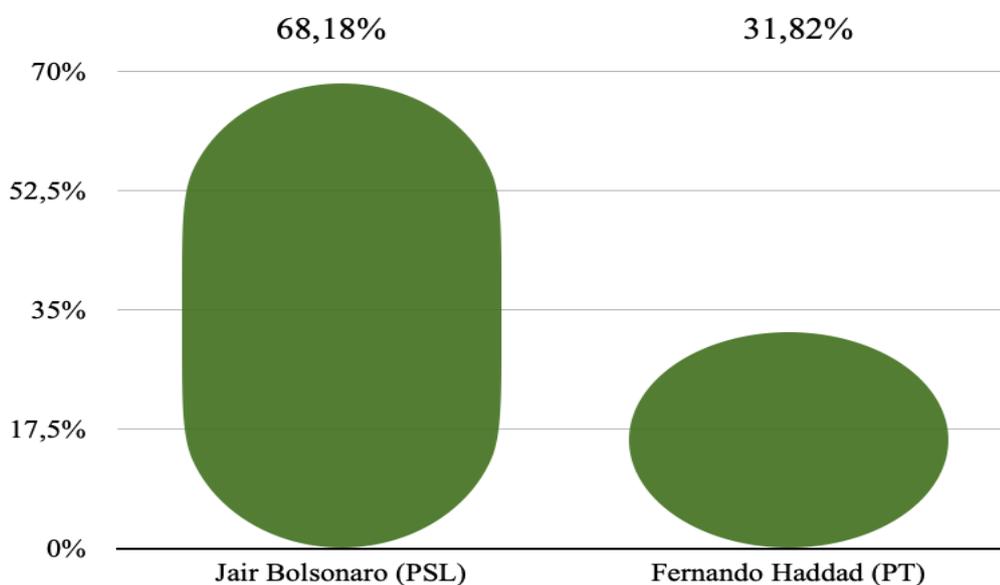
<sup>45</sup> A soma de todos os bens e serviços finais produzidos por um país, estado ou cidade, geralmente em um ano. IBGE, 2024. Acesso: 22 jun. 2024.

áreas. Tomemos como exemplo Três Lagoas, que possui o terceiro maior PIB do estado. Além disso, esses locais também se caracterizam por abrigar uma população considerável. Entre as cidades que se encaixam nesse padrão estão a capital, Campo Grande, bem como Dourados e Ponta Porã, conforme indicado no Tabela 2. Isso sugere uma correlação entre a preferência pelo candidato Bolsonaro e fatores como o nível de desenvolvimento econômico e o tamanho populacional dessas áreas. O fenômeno pode ser objeto de análises mais aprofundado em futuras pesquisas para compreender melhor as razões subjacentes a essa distribuição de votos.



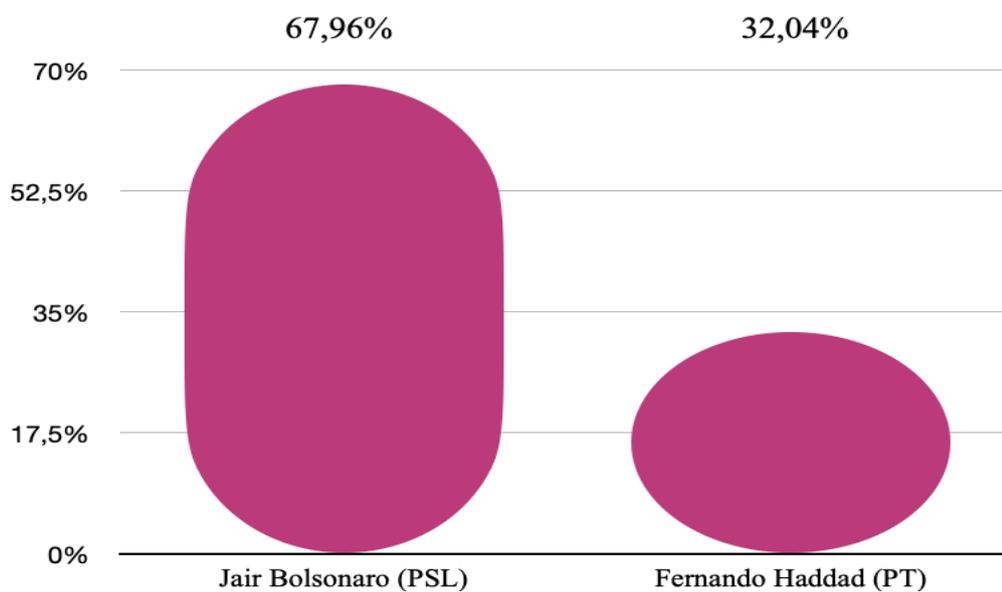
Fonte: Elaboração própria

**GRÁFICO 4** - Porcentagem de votos para os candidatos Fernando Haddad e Jair Messias Bolsonaro no segundo turno das eleições presidenciais de 2018 em MS - Campo Grande.



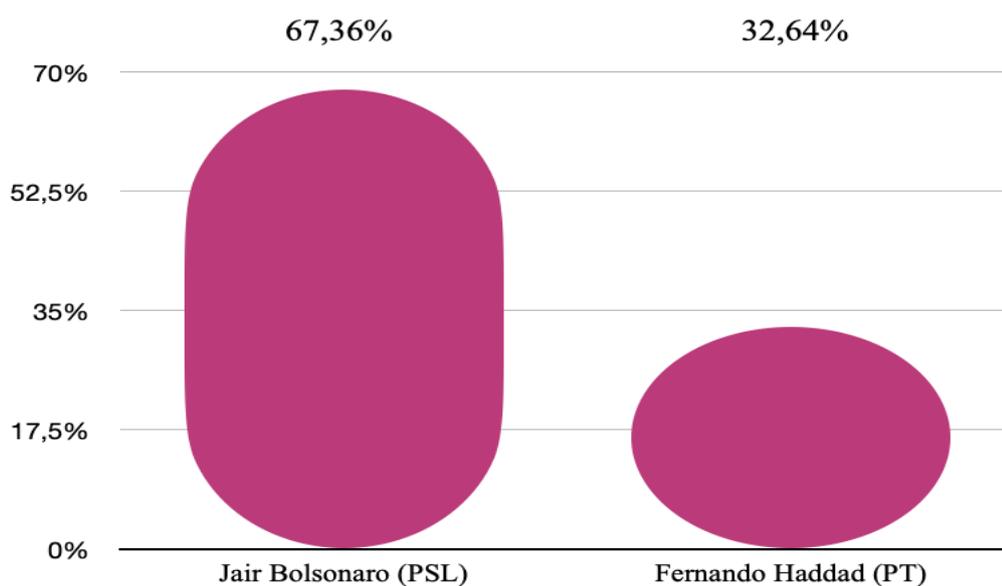
Fonte: Elaboração própria

**GRÁFICO 5** - Porcentagem de votos para os candidatos Fernando Haddad e Jair Messias Bolsonaro no segundo turno das eleições presidenciais de 2018 em MS - Dourados.



Fonte: Elaboração própria

**GRÁFICO 6** - Porcentagem de votos para os candidatos Fernando Haddad e Jair Messias Bolsonaro no segundo turno das eleições presidenciais de 2018 em MS - Ponta Porã.



Fonte: Elaboração própria

**GRÁFICO 7** - Porcentagem de votos para os candidatos Fernando Haddad e Jair Messias

Bolsonaro no segundo turno das eleições presidenciais de 2018 em MS - Três Lagoas.

Além disso, o PIB das cidades onde Bolsonaro teve maior número de votos é dependente do agronegócio.<sup>46</sup> O surgimento e a ascensão do bolsonarismo no cenário político brasileiro encontram uma relação complexa com o setor do agronegócio em Mato Grosso do Sul. O estado, que desfruta de uma expressiva participação nesse setor, viu-se influenciado pela retórica pró-agronegócio promovida pelo movimento bolsonarista.

Ao elencar em seu trabalho que poder econômico oriundo das grandes propriedades rurais é um dos traços mais característicos do estado do Mato Grosso do Sul, Bittar afirma que “foi da classe dos grandes proprietários rurais do sul de Mato Grosso que se originou uma elite política que, mais tarde, dirigiria o novo estado de Mato Grosso do Sul” (BITTAR, 2009, p. 58-59).

Usando como justificativa a liberdade do indivíduo frente ao estado, a extrema direita brasileira defende a flexibilização de regulamentações ambientais e a expansão das atividades agropecuárias ressoou particularmente entre os setores ligados à produção agroindustrial. A visão de um governo que atende às demandas do agronegócio, com uma postura firme em relação à segurança e à ordem, ganhou respaldo de muitos atores do setor. Portanto, a interação entre o bolsonarismo e o agronegócio no estado é marcada por uma interdependência influente e, ao mesmo tempo, por desafios inerentes à busca por um equilíbrio entre desenvolvimento econômico e conservação ambiental.

Os grandes proprietários rurais foram e continuam sendo figuras marcantes na vida política de Mato Grosso do Sul, ocupando vários cargos importantes ao longo da história do estado, tais como governadores e representantes no Congresso Nacional, além de posições-chave em cidades importantes, como a prefeitura da capital Campo Grande. Assim, fica evidente o papel das famílias de produtores rurais latifundiários na vida política do estado. No caso específico de Mato Grosso do Sul, este é um dos traços constituintes da formação do estado e da história das eleições disputadas (BARBOSA; SILVA, 2012).

O financiamento do agronegócio para as campanhas de Bolsonaro foi significativo. Em 2018, diversas organizações e empresários ligados ao setor agropecuário contribuíram financeiramente para a sua campanha, reforçando a aliança entre Bolsonaro e os interesses do agronegócio. Este apoio financeiro não apenas facilitou a disseminação de suas propostas, mas

---

<sup>46</sup> ROQUE, Paulo. “Falta política sanitária ajustada ao dinamismo do campo”. *Agroanalysis*, 2015. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/agroanalysis/article/view/48245/46235>. Acesso 05 jun. 2024.

também consolidou a imagem de Bolsonaro como o candidato que representaria os interesses do setor. Essas contribuições foram essenciais para a capacidade de Bolsonaro de executar campanhas de alto alcance, especialmente em áreas rurais e regiões economicamente dependentes da agricultura (NANNINI, 2023).

Além do apoio financeiro, o setor agropecuário também exerceu uma influência significativa na formação da opinião pública. Líderes do agronegócio e associações de produtores frequentemente utilizaram sua plataforma para promover Bolsonaro como a escolha ideal para garantir a continuidade e expansão do crescimento econômico na região. A retórica de Bolsonaro, que frequentemente enfatizava a necessidade de libertar o agronegócio das amarras impostas por políticas ambientais rigorosas, ressoou profundamente com os eleitores que dependem economicamente da agricultura e pecuária (SANTOS; MOREIRA, 2023).

Portanto, o financiamento do agronegócio desempenhou um papel fundamental na vitória eleitoral de Bolsonaro em Mato Grosso do Sul, garantindo não apenas os recursos necessários para uma campanha eficiente, mas também moldando a percepção dos eleitores sobre sua capacidade de promover o desenvolvimento econômico e proteger os interesses do setor.

O agronegócio, apesar da sua heterogeneidade, ou seja, devido ao conjunto de agentes abrangidos no bloco intersetorial e por se tratar de um setor econômico complexo, tem seus atores como um partido político monolítico, organizado e bem articulado quando o assunto é a defesa de interesses do setor. Sua hegemonia, em grande medida, está assentada no poder político-econômico do patronato rural que compõe o Congresso Nacional e representa de forma sistemática as demandas das classes dominantes no país (POMPEIA, 2018; MOREIRA; SOUZA; OLIVEIRA, 2020).

Em 2018, consciente da hegemonia do agronegócio no país, em sua campanha pela presidência da república, Bolsonaro proferiu um discurso que já demonstrava os sinais da agenda política (...) com pautas amplamente favoráveis ao supracitado modelo. Dessa forma, prometeu acabar com a indústria de multa no Brasil (...). Estas ações, proporcionariam um maior aval produtivo aos grandes proprietários de terras, ou seja, uma política ambiental flexível e conivente com a expansão do agronegócio, com “punição zero” para infratores (NANNINI, 2023, p.60-61).

Essa estrutura de poder baseada no personalismo e na influência dos grandes proprietários rurais também se alinha com a ascensão do bolsonarismo no estado. Jair Bolsonaro conseguiu angariar um apoio significativo entre esses setores, em grande parte devido às suas propostas de flexibilização do porte de armas, políticas de segurança, e defesa dos valores

tradicionais e conservadores.

A política de Bolsonaro ressoou fortemente entre os eleitores de Mato Grosso do Sul, que historicamente apoiaram líderes que representavam seus interesses agrários e econômicos. Assim, o bolsonarismo pode ser visto como uma continuidade da tradição política do estado, adaptada ao contexto moderno, mas ainda marcada pela influência das elites rurais e pelo personalismo político.

**TABELA 2** – PIB *per capita* dos Municípios do estado de Mato Grosso do Sul com maior número de votos válidos em Jair Messias Bolsonaro no primeiro turno das eleições presidenciais de 2018 (SEMADESC, 2018).

<b>Municípios</b>	<b>Nº Votos</b>	<b>PIB (<i>per capita</i>)</b>	<b>Ranking</b>
<b>Aquidauana</b>	11.155	19.389,54	70º
<b>Campo Grande</b>	295.190	32.942,46	39º
<b>Corumbá</b>	24.553	27.582,68	50º
<b>Dourados</b>	66.529	38.468,40	28º
<b>Maracaju</b>	12.360	63.625,00	13º
<b>Naviraí</b>	14.435	34.043,66	37º
<b>Nova Andradina</b>	12.270	39.155,93	26º
<b>Paranaíba</b>	10.835	31.363,89	45º
<b>Ponta Porã</b>	25.967	33.619,11	38º
<b>Três Lagoas</b>	34.967	96.639,64	3º

Fonte: Elaborado pela Autora com Dados da Semadesc (Secretaria de Meio Ambiente, Desenvolvimento, Ciência, Tecnologia e Inovação).

No Mato Grosso do Sul, a vitória de Bolsonaro em 2018 também foi influenciada pelo entrelaçamento de discursos de segurança e defesa moral. O apoio a Bolsonaro na região foi associado a uma postura conservadora em relação ao crime, aos valores culturais e à rejeição de políticas progressistas de gênero. Esses fatores desempenharam coletivamente um papel crucial no sucesso eleitoral de Bolsonaro no MS na formação de resultados políticos (HUNTER; POWER, 2019).

Outro fator relevante foi a influência do agronegócio na região, que é uma das principais bases econômicas do estado. Bolsonaro prometeu políticas que favoreceriam o setor agropecuário, incluindo a flexibilização das leis ambientais e de proteção às terras indígenas, o que atraiu significativo apoio dos produtores rurais. A aliança entre os interesses do agronegócio e a agenda política de Bolsonaro fortaleceu a percepção de que sua liderança traria estabilidade

e prosperidade econômica ao estado (SANTOS; MOREIRA, 2023).

Além disso, o uso estratégico das redes sociais e de campanhas de desinformação teve um papel crucial na mobilização dos eleitores. As plataformas digitais foram usadas para amplificar discursos de medo e insegurança, promovendo a imagem de Bolsonaro como o candidato capaz de restaurar a ordem e os valores tradicionais. Essa estratégia foi particularmente eficaz em alcançar eleitores em áreas rurais e menos urbanizadas, onde o acesso à informação alternativa era mais limitado.

Acerca do uso das redes sociais nas eleições de 2018, de Matos e Lini relatam em seu texto que:

Importante salientar, contudo, que no caso das eleições de 2018, o comportamento cáustico e beligerante disseminado em meio às redes foi provocado, conduzido e incentivado com uma finalidade específica: eleger candidatos extremistas. Mais do que isso, ele não teve origem no Brasil, pois, além de outros movimentos reacionários ao redor do mundo, possuiu inúmeras similaridades com a campanha de Donald Trump durante as eleições americanas de 2016, as quais elegeram o candidato Republicano o 45º presidente dos Estados Unidos (de MATOS; LINI, 2022, p. 440).

Finalmente, a retórica antiestablishment de Bolsonaro ressoou fortemente em um contexto de desilusão com a política tradicional e escândalos de corrupção. Sua postura como um outsider e sua promessa de limpar a política brasileira fortaleceram seu apelo entre os eleitores que buscavam uma mudança radical. Essa combinação de fatores como segurança, defesa moral, apoio do agronegócio, uso das redes sociais e retórica anti-establishment foi fundamental para sua vitória em 2018 no Mato Grosso do Sul.

Assim, a vitória de Jair Messias Bolsonaro nas eleições presidenciais refletiu um cenário político complexo e polarizado em Mato Grosso do Sul. A adesão expressiva à sua candidatura demonstrou uma busca por mudanças e um desejo por lideranças que pudessem abordar questões de segurança pública, desenvolvimento econômico e valores conservadores por aqueles que não votariam mais no Partido dos Trabalhadores.

Além disso, a região, conhecida por sua economia voltada para a agropecuária e pelas preocupações com a fronteira internacional, encontrou em Bolsonaro um representante que prometia enfrentar desafios específicos do estado. No entanto, é importante ressaltar que sua vitória também gerou debates intensos e críticas, uma vez que as eleições foram marcadas por divisões profundas na sociedade, indicando a necessidade de um diálogo contínuo para a construção de políticas que atendam às demandas variadas da população sul-mato-grossense. Em resumo, as eleições presidenciais de 2018 no Mato Grosso do Sul destacaram tanto o apoio

expressivo a Jair Bolsonaro, especialmente em setores ligados ao agronegócio, quanto a existência de uma gama diversificada de opiniões e preocupações entre os eleitores do estado.

Uma das possíveis justificativas em relação ao resultado das eleições em Mato Grosso do Sul, favorável a Jair Bolsonaro, destacou a influência de diferentes fatores, desde o histórico político da região até as dinâmicas nacionais. A sua capacidade de conectar-se com eleitores através de discursos diretos e posicionamentos firmes sobre temas sensíveis, como a segurança e a corrupção, ressoou entre os cidadãos do estado. No entanto, a análise dos resultados também deve considerar as nuances de uma população diversificada em suas demandas e preocupações. A governança bem-sucedida demanda uma atenção contínua às expectativas da sociedade civil, permitindo uma gestão equilibrada que promova o desenvolvimento sustentável e o bem-estar de todos os cidadãos sul-mato-grossenses, independentemente de suas opiniões políticas.

## Eleições Presidenciais 2022

Em 2022, o cenário das eleições presidenciais mudou, contando com candidatos já conhecidos pelo colégio eleitoral brasileiro. Nesse sentido, Correia et al. (2022) contextualiza o cenário da seguinte forma:

Porém, em 2021, o Supremo Tribunal de Justiça anulou as condenações de Lula da Silva, declarando que as provas recolhidas no âmbito da operação Lava Jato foram tendenciosas e ordenou a sua libertação imediata. Lula da Silva estava livre e inocente e começou a preparar as eleições presidenciais de 2022, ainda que perante um forte movimento contra o PT. As eleições presidenciais do Brasil de 2022 surgem com dois líderes partidários claramente distintos, vivendo-se um clima de tensão no país que gerou também uma enorme divisão entre petistas e bolsonaristas. Neste momento eleitoral, Lula da Silva (PT) e Jair Bolsonaro (PL) representaram uma clara divisão política do povo brasileiro. (CORREIA et al., 2022, p. 260)

Diante desse contexto, Bolsonaro surge na batalha eleitoral certo de sua reeleição. Segundo Barreto (2008), um elemento vinculado à discussão sobre a reeleição e a renovação está relacionado à noção de reapresentação, ou seja, quando um político que já ocupa um cargo público busca novamente esse mesmo cargo dentro do cenário institucional. Esse conceito implica que o político busca a renovação de seu mandato, concorrendo novamente ao cargo que já ocupa. Dessa forma, a reeleição se configura como um mecanismo que permite a um político que já exerce um mandato a possibilidade de se candidatar novamente, com a chance de dar continuidade a um mandato já existente, caso saia vitorioso nas eleições.

Em seu texto, Rennó (2022) descreve acerca da disputa eleitoral de Bolsonaro em 2022, salientando que:

Fica claro que Bolsonaro chega ao pleito com o apoio sólido de uma parcela significativa da população brasileira. Ele conta com a adesão ideologicamente consistente de aproximadamente 20% da população. Durante seu mandato, Bolsonaro foi bastante fiel à sua agenda de campanha, desmontando áreas centrais de governos anteriores, como a estrutura de funcionamento do Bolsa Família, a área ambiental, o ensino universitário e de pós-graduação e dando novas diretrizes às questões de direitos humanos. Nesse sentido, como prometeu em campanha, seu governo trabalhou para ser disruptivo de uma ordem anteriormente estabelecida contra a qual ele se ergue e se elege. Sua atuação na pandemia apenas acentuou sua diferença e o distanciamento do “mainstream” político brasileiro, adotando uma postura típica dos populistas conservadores contemporâneos de enfrentamento e confronto, encontrando novos inimigos para se contrapor – o PT e a esquerda ganham a companhia da ciência, das organizações internacionais de saúde, dos governadores, do Supremo Tribunal Federal, até da China. Ao hostilizar adversários, energizou sua base, satisfeita com o papel desafiador do presidente, defensor da economia e menosprezando os efeitos da Covid-19, apostando, inclusive, em teorias conspiratórias que alimentam fake news sobre a origem do vírus e curas alternativas (RENNÓ, 2022, p. 155-56).

No dia 2 de outubro de 2022, ocorreram as eleições presidenciais no Brasil. Apesar da polarização entre os candidatos, as pesquisas de opinião já antecipavam um embate entre o Presidente da República e candidato à reeleição, Jair Bolsonaro, e o ex-presidente Lula da Silva. O pleito presidencial contou com a participação de onze candidatos, a saber: Ciro Gomes, representando o Partido Democrático Trabalhista; Constituente Eymael, da Democracia Cristã; Felipe D’avila, pelo partido NOVO; Jair Bolsonaro, pelo Partido Liberal e na Coligação Pelo Bem do Brasil; Lula da Silva, representando o PT na Coligação Brasil da Esperança; Léo Péricles, do partido Unidade Popular; Padre Kelmon, do Partido Trabalhista Brasileiro; Simone Tebet, pelo Movimento Democrático Brasileiro; Sofia Manzano, do Partido Comunista Brasileiro; Soraya Thronicke, pela União Brasil; e Vera Salgado, pelo Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado (Correia et al., 2022).<sup>47</sup>

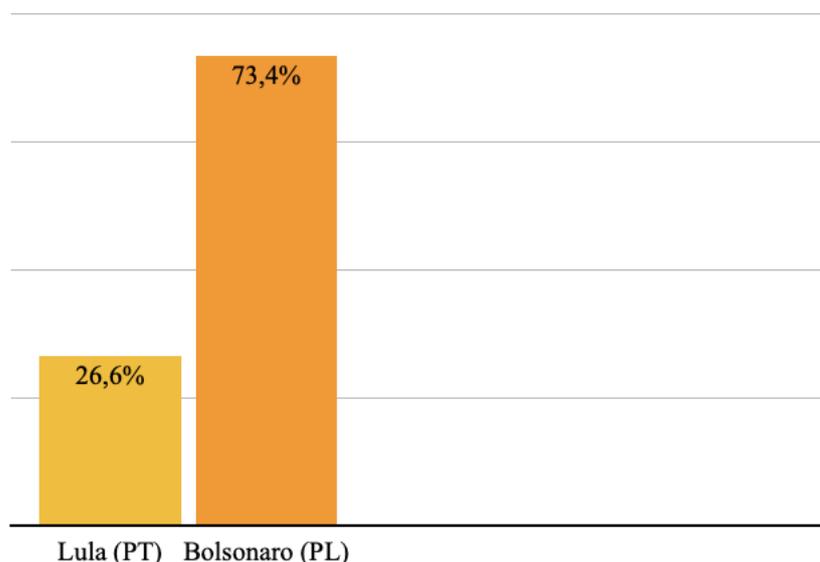
No que tange ao primeiro turno das eleições presidenciais de 2022, ano em que Luiz Inácio Lula da Silva voltou à disputa eleitoral, Correia et al., (2022) relata os seguintes resultados:

Após esta eleição manteve-se um impasse com Lula da Silva a vencer em catorze estados, maioritariamente no Nordeste (Alagoas, Amapá, Amazonas, Bahia, Ceará, Maranhão, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande Norte, Sergipe e Tocantins) e Jair Bolsonaro a vencer em doze estados (sul e centro-oeste) e no Distrito Federal (Acre, Espírito Santo, Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Paraná, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Rondônia, Roraima, Santa Catarina e São Paulo). As regiões Sudeste e Norte ficaram divididas, com Lula da Silva a garantir Minas Gerais, mas perdendo nos outros três estados, enquanto a norte, quatro estados ficaram com o Lula da Silva e três estados com Jair Bolsonaro. (Correia et al., 2022, p. 261)

---

<sup>47</sup> Eleições 2022: 2 de outubro (1º turno) e 30 de outubro (2º turno).

Apesar da vitória de Bolsonaro no primeiro turno, Lula<sup>48</sup> teve maior número de votos válidos em 21 cidades do Mato grosso do Sul, sendo elas Alcinópolis, Anaurilândia, Angélica, Aquidauana, Bodoquena, Corumbá, Dois Irmãos do Buriti, Itaquiraí, Japorã, Jaraguari, Jateí, Juti, Ladário, Miranda, Novo Horizonte do Sul, Paranhos, Selvíria, Tacuru, Taquarussu, Terenos e Vicentina, tendo, no total, 26,6% dos votos no Mato Grosso do Sul. Jair Bolsonaro teve o maior número de votos nos demais municípios, contemplando a capital Campo Grande e as cidades de Dourados e Três Lagoas, atingindo um percentual de votos válidos de 73,4% no estado (Gráfico 8).



Fonte: Elaboração própria

**GRÁFICO 8** - Porcentagem de votos para os candidatos Luiz Inácio Lula da Silva e Jair Messias Bolsonaro no primeiro turno das eleições presidenciais de 2022 em Mato Grosso do Sul.

Ao analisar o Gráfico 3, observa-se que, no total, 11 municípios sul-mato-grossenses que haviam votado, em sua maioria, em Jair Bolsonaro no primeiro turno das eleições presidenciais de 2018, tiveram a maioria dos votos válidos para Luiz Inácio Lula da Silva no primeiro turno de 2022. Esses dados permitem inferir que o candidato ex-presidente Lula demonstrou maior popularidade e confiança que Fernando Haddad no estado.

Nesse primeiro turno, Mato Grosso do Sul se destacou como um estado onde as

<sup>48</sup> Luiz Inácio Lula da Silva: Ex-metalúrgico, Ex-sindicalista e político.

preferências eleitorais em relação ao ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva foram divididas e reveladoras das complexidades políticas e sociais presentes na região. Em algumas áreas urbanas, especialmente aquelas onde preocupações com a educação, saúde e igualdade social são enfatizadas, Lula conquistou um apoio significativo. Municípios como Campo Grande<sup>49</sup> e Dourados<sup>50</sup> foram palco de debates intensos sobre as propostas do ex-presidente, que buscava abordar temas sociais e a necessidade de políticas mais inclusivas, porém o maior percentual de votos nesses centros urbanos ainda foi de Jair Bolsonaro.

**TABELA 3** - Municípios do estado de Mato Grosso do Sul com maior número de votos válidos para Jair Messias Bolsonaro no primeiro turno das eleições presidenciais de 2018 que registraram maior número de votos válidos para Luiz Inácio Lula da Silva no primeiro turno das eleições presidenciais de 2022.

<b>Municípios</b>	<b>1 Turno 2018</b>	<b>1 Turno 2022</b>
Alcinópolis	Eleito/Bolsonaro	Eleito/Lula
Anaurilândia	Eleito/Bolsonaro	Eleito/Lula
Angélica	Eleito/Bolsonaro	Eleito/Lula
Aquidauana	Eleito/Bolsonaro	Eleito/Lula
Bodoquena	Eleito/Bolsonaro	Eleito/Lula
Corumbá	Eleito/Bolsonaro	Eleito/Lula
Jaraguari	Eleito/Bolsonaro	Eleito/Lula
Jateí	Eleito/Bolsonaro	Eleito/Lula
Ladário	Eleito/Bolsonaro	Eleito/Lula
Nova Horizonte do Sul	Eleito/Bolsonaro	Eleito/Lula
Terenos	Eleito/Bolsonaro	Eleito/Lula

Fonte: Elaborado pela autora.

Lula ainda enfrentou desafios em regiões fortemente ligadas ao agronegócio, como Três Lagoas e outros municípios rurais. Nessas áreas, a retórica crítica ao agronegócio e as preocupações sobre potenciais impactos regulatórios geraram hesitação e resistência em relação ao ex-presidente, favorecendo Jair Bolsonaro.

No dia 30 de outubro de 2022, ocorreu o segundo turno das eleições presidenciais no Brasil. Esse foi um momento historicamente marcante na história do país, sendo considerada a disputa eleitoral mais acirrada desde a implementação da República, após o fim do regime militar. Lula

<sup>49</sup> Campo grande: Segundo o IBGE (2022) possui 898.100 habitantes.

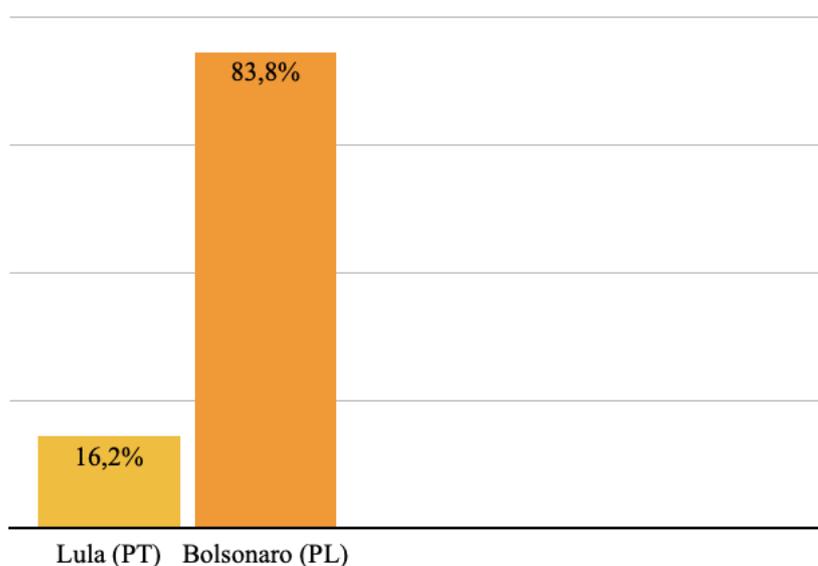
<sup>50</sup> Dourados: Segundo o IBGE (2022) possui 243.368 habitantes.

da Silva saiu vitorioso, conquistando 50,90% dos votos, enquanto Jair Bolsonaro registrou 49,10%. Considerando a contagem de votos, o candidato do PT acumulou 60.345.999 votos, um aumento de aproximadamente três milhões em relação ao primeiro turno. Por sua vez, Jair Bolsonaro obteve 58.206.354 votos, representando um aumento de cerca de sete milhões de votos em relação à primeira rodada eleitoral (Correia et al., 2022).

Os mesmos autores ainda destacam os resultados do segundo turno, discorrendo o seguinte:

Numa análise mais pormenorizada, Lula da Silva venceu em treze estados brasileiros: Alagoas, Bahia, Ceará, Maranhão, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte, Sergipe, Amazonas, Pará, Tocantins e Minas Gerais. Já o candidato mais conservador, Jair Bolsonaro, venceu em treze estados e no Distrito Federal: Goiás, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso, Acre, Amapá, Rondônia, Roraima, Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Esta é a primeira vez na história do Brasil que um Presidente incumbente não é reeleito, o que gerou fortes queixas por parte de apoiantes do candidato derrotado, não aceitando os resultados das eleições de 2022 (Correia et al., 2022, p. 261).

No segundo turno dessas mesmas eleições em Mato Grosso do Sul, as cidades onde Lula venceu caíram de 21 para 12, sendo elas Alcinópolis, Dois Irmãos do Buriti, Itaquiraí, Japorã, Juti, Miranda, Nova Horizonte do Sul, Paranhos, Selvíria, Tacuru, Taquarussu e Vicentina. Dessa vez, Lula atingiu apenas 16,2% dos votos válidos de Mato Grosso do Sul, enquanto Bolsonaro conseguiu angariar 83,8% desses votos, um aumento considerável quando comparado ao primeiro turno dessas eleições, porém uma redução de cerca de 5% dos votos do segundo turno das eleições de 2018 (Gráfico 9).



Fonte: Elaboração própria

**GRÁFICO 9** - Porcentagem de votos para os candidatos Luiz Inácio Lula da Silva e Jair

Messias Bolsonaro no segundo turno das eleições presidenciais de 2022 em Mato Grosso do Sul.

Jair Bolsonaro manteve um forte apoio com sua postura firme em relação à segurança e a ênfase nas questões rurais ressoaram com muitos eleitores que valorizam a agropecuária e a economia regional. Por outro lado, Lula também encontrou simpatia entre os eleitores, especialmente aqueles que haviam se beneficiado de programas sociais durante seu governo anterior. A eleição nessa região demonstrou a persistência das divisões ideológicas e a influência de questões específicas do estado nas escolhas eleitorais, resultando em uma disputa acirrada e um resultado que refletiu a ideologia política da população sul-mato-grossense.

Quando se comparou o primeiro turno das eleições presidenciais de 2018 e 2022, ao todo 11 cidades que apoiaram Bolsonaro passaram a apoiar Lula. No segundo turno, as mudanças foram em menor proporção. Em 2022, apenas Alcinópolis, Novo Horizonte do Sul e Selvíria deixaram de votar em Bolsonaro no segundo turno das eleições, apresentando o maior número de votos válidos para Luiz Inácio Lula da Silva (Gráfico 4).

**TABELA 4** - Municípios do estado de Mato Grosso do Sul com maior número de votos válidos para Jair Messias Bolsonaro no segundo turno das eleições presidenciais de 2018 que registraram maior número de votos válidos para Luiz Inácio Lula da Silva no segundo turno das eleições presidenciais de 2022.

<b>Municípios</b>	<b>2 Turno 2018</b>	<b>2 Turno 2022</b>
Alcinópolis	Eleito/Bolsonaro	Eleito/Lula
Novo Horizonte do Sul	Eleito/Bolsonaro	Eleito/Lula
Selvéria	Eleito/Bolsonaro	Eleito/Lula

Fonte: Elaborado pela autora.

Pode-se observar que as eleições presidenciais de 2018 e 2022 foram marcadas por uma intensa polarização entre candidatos de espectros políticos opostos. Rennó (2022) descreve sobre essa polarização, enfatizando o seguinte:

Confirma a polarização entre Lula e o PT de um lado e Bolsonaro de outro, com grande estabilidade desde a virada mencionada acima, e a ausência de alternativas à esquerda e à direita a essas duas forças. Lula domina a esquerda, sem chance para Ciro Gomes. Bolsonaro domina a direita, especialmente dada a inépcia de partidos como PSDB e MDB em conseguirem organizar e promover uma alternativa viável. O segundo ponto é justamente esse: não há espaço, ainda, para uma terceira via no

Brasil, seja à direita, seja à esquerda. A polarização do sistema e a ausência de lideranças moderadas à Lula e Bolsonaro não permitem, por hora, o surgimento de alternativas críveis e viáveis (RENNÓ, 2022, p. 159).

Jair Bolsonaro, com um discurso fortemente antiestablishment e conservador, se posicionou como uma alternativa ao sistema político tradicional, conquistando uma base de eleitores insatisfeitos com a corrupção e a crise econômica. Essa polarização é um reflexo do cenário nacional, onde as divisões políticas se acentuaram. Em Mato Grosso do Sul, Bolsonaro conseguiu angariar um apoio significativo, especialmente entre os eleitores que se identificavam com suas promessas de combater a corrupção e restaurar a ordem. O contexto local, com preocupações relacionadas à segurança nas regiões de fronteira e questões agropecuárias, contribuiu para a ressonância de suas propostas. A importância do agronegócio na economia do estado e o apoio de grandes proprietários rurais foram fatores cruciais para a sua vitória.

Além disso, a ênfase de Bolsonaro em questões de segurança pública e na defesa de valores conservadores teve um apelo particular em Mato Grosso do Sul. A insegurança nas áreas de fronteira, devido ao tráfico de drogas e outros crimes transfronteiriços, foi um tema central que Bolsonaro prometeu enfrentar com rigor. Além disso, seus valores conservadores encontraram eco em uma população que valoriza a tradição e a ordem. Em 2022, Bolsonaro manteve e até ampliou seu apoio no estado, demonstrando a persistência dessas preocupações entre os eleitores sul-mato-grossenses. A continuidade de seu discurso conservador e suas políticas de segurança continuaram a ser fatores determinantes para sua reeleição. A polarização política, longe de se atenuar, pareceu se intensificar, refletindo a divisão nacional entre aqueles que apoiavam Bolsonaro e aqueles que se opunham a ele.

Dessa forma, a análise dessas eleições revela uma tendência de fortalecimento de um eleitorado conservador e preocupado com segurança em Mato Grosso do Sul. A influência dos grandes proprietários rurais e a relevância do agronegócio continuam a moldar o cenário político do estado, sugerindo que questões como segurança e defesa de valores tradicionais permanecerão centrais nas próximas eleições.

Assim, a caracterização das eleições presidenciais de 2018 e 2022 no Mato Grosso do Sul pode ser observada como um indicativo de que o estado é formado predominantemente pela extrema direita e requerem uma análise multidimensional das dinâmicas políticas, sociais e econômicas que influenciaram os resultados eleitorais. Embora a região seja conhecida por suas bases de agronegócio e presença militar, é importante lembrar que a política é influenciada por

uma série de fatores complexos e variáveis.

### Bolsonarismo Pós-eleições de 2022

Em primeiro lugar, é preciso considerar que as eleições são eventos multifacetados e as preferências do eleitorado podem variar amplamente, não se limitando a uma única ideologia. Enquanto certos setores do Mato Grosso do Sul podem ter inclinações políticas mais conservadoras, é essencial lembrar que há diversidade de opiniões em qualquer localidade.

Além disso, a natureza das eleições é influenciada por uma série de fatores, incluindo plataformas partidárias, candidatos específicos, questões atuais e conjunturas nacionais e internacionais. As eleições podem refletir tanto uma tendência política de uma região quanto as circunstâncias específicas de cada pleito.

Ao discutir sobre o perfil eleitoral do estado de Mato Grosso do Sul, Oliveira Batista e Silva (2022) dão ênfase à influência das oligarquias e elites rurais:

Diante disto, é possível observar que, no Mato Grosso do Sul, o peso das oligarquias, oriundas das elites tradicionais (de caráter agrário), associadas à propriedade da terra, ressalta a importância dos grandes proprietários rurais e realça o caráter conservador dos partidos políticos locais e incide sobre as instituições e carreiras políticas locais. Por outro, a dinâmica incipiente da economia local, associada à emergência de inúmeros municípios que dependem da produção agrícola ou dos repasses estaduais e federais, permitem vislumbrar um cenário em que se destaca o peso do executivo, federal ou estadual, para o desempenho eleitoral candidatos aos cargos legislativos e dos partidos políticos (OLIVEIRA BATISTA; SILVA, 2022, p. 10).

Mesmo após as eleições presidenciais de 2022 no Mato Grosso do Sul, o fenômeno do bolsonarismo continuou a exercer uma influência marcante na paisagem política e social do estado. A base de apoio que Jair Bolsonaro construiu ao longo de seus anos no poder manteve-se ativa e engajada, refletindo a ressonância de suas mensagens conservadoras, pautas de segurança e ênfase no desenvolvimento econômico.

Sobre as pautas conservadoras do bolsonarismo, Rennó (2022) salienta o seguinte:

(...) o consistente efeito de algumas variáveis correlacionadas com o aumento da chance de um cidadão ser bolsonarista. As seguintes variáveis aumentam significativamente a probabilidade de ser apoiador de Bolsonaro: ser favorável à redução da maioria penal; ser favorável à pena de morte; e a que as escolas públicas ensinem a rezar. Por outro lado, o bolsonarista é consistentemente contrário ao casamento de pessoas do mesmo sexo e à legalização do aborto. Outros fatores, como ser contra a adoção de crianças por pessoas do mesmo sexo, contra cotas raciais e a descriminalização das drogas e ser favorável à prisão de mulheres que cometem aborto aparecem como associadas ao apoio a Bolsonaro em alguns anos. De toda sorte, os dados demonstram uma convergência ideológica, de caráter cultural e voltada para questões de lei e ordem, muito associadas ao bolsonarismo (RENNÓ, 2022, p. 155).

Dessa forma, os eleitores sul-mato-grossenses que se alinhavam com o bolsonarismo viram nesse movimento uma expressão de suas crenças e preocupações políticas, mantendo uma relação estreita com os valores regionais e as questões específicas do estado, como a agropecuária e as políticas de fronteira.

Segundo Clemente (2011) e Silva e Nardoque (2022), a longa predominância da economia voltada para a agricultura e as exportações gerou e continua gerando a atenção do Estado na aplicação de políticas públicas voltadas para esse setor. Isso é particularmente notável devido à liderança exercida pelas oligarquias que controlam tanto a posse de terras quanto os recursos financeiros.

As administrações do PT optaram por uma abordagem visando à asseguuração da governabilidade, o que culminou em distintas configurações territoriais no cenário rural brasileiro. Essa direção foi uma resposta à notável desigualdade regional decorrente das discrepâncias na produção, conforme os padrões da acumulação capitalista. Para se analisar os efeitos das políticas públicas relativas à Reforma Agrária na região sul-mato-grossense, é crucial considerar a estrutura subjacente à questão agrária nesse território. Esse contexto é caracterizado pela intensa concentração de terras e pela interação do capital com o espaço, como destacado por Nardoque, Melo e Kudlavicz (2018).

Embora as iniciativas relativas à Reforma Agrária<sup>51</sup> durante o governo de Lula tenham possibilitado que muitas famílias obtivessem acesso à terra, elas não conseguiram reduzir a desigualdade de poder no ambiente rural. Isso ocorreu porque, ao mesmo tempo em que fortaleceram o setor do agronegócio, não promoveram alterações na estrutura agrária caracterizada pela concentração de terras. Ademais, resultaram no endividamento dos agricultores, através da conversão de terras em ativos financeiros, beneficiando novamente a elite agrária conservadora do país (LUIZ, NARDOQUE, 2019).

A presença contínua do bolsonarismo no Mato Grosso do Sul também se manifestou em termos de lideranças políticas e representatividade. Candidatos e figuras políticas alinhados com a plataforma de Bolsonaro buscaram capitalizar essa base de apoio, utilizando discursos e abordagens semelhantes às do ex-presidente. O impacto do bolsonarismo não se limitou apenas às esferas políticas, mas também influenciou debates sociais e culturais, especialmente em

---

<sup>51</sup> Reorganização fundiária com o objetivo de redistribuição das propriedades rurais.

relação a questões de valores e identidade. Assim, o bolsonarismo pós-eleições de 2022 no Mato Grosso do Sul continuou a moldar a dinâmica política local, destacando a duradoura relevância das ideias e estratégias que emergiram durante o mandato de Jair Bolsonaro.

Sergio Schargel (2023), em sua análise dos 100 dias do terceiro governo Lula, relata o seguinte:

Decorridos cem dias do governo Lula, podemos confirmar o óbvio: o Bolsonarismo não morreu com a derrota de Jair Bolsonaro nas eleições de 2022. Enfraqueceu-se, com certeza, em particular após os atentados de 08 de janeiro, mas dá-lo como morto é ignorar não apenas as suas potencialidades, mas as dos movimentos nazifascistas em geral (SCHARGEL, 2023, p. 5).

Assim, mesmo com a vitória de Lula nas eleições de 2022, o bolsonarismo permanece como uma força influente e distintiva no cenário político do Mato Grosso do Sul. A ampla base de apoio que Jair Bolsonaro conquistou durante seu mandato presidencial continua a refletir as convicções e preocupações de muitos eleitores sul-mato-grossenses.

As pautas conservadoras, a ênfase nas questões de segurança e o enfoque no desenvolvimento econômico continuam a encontrar ressonância na região, moldando a maneira como os cidadãos avaliam e participam da política local e nacional. À medida que o bolsonarismo continua a evoluir e se adaptar às mudanças políticas e sociais, seu impacto permanece visível na formação de opiniões, nas dinâmicas eleitorais e nas discussões sobre o futuro do Mato Grosso do Sul e do Brasil como um todo.

Ao discorrer sobre o fenômeno do bolsonarismo sem Bolsonaro, Schargel (2023) discute

Há algo que é preciso ter sempre em mente quando se fala de Bolsonarismo: o movimento é muito maior do que o Messias que o empresta o nome. Bolsonaro nomeou um grupo de características autoritárias e reacionárias que o antecederam, um fenômeno que vinha de uma década de gestação. Certamente imprimiu a sua marca ao aglutinar esse fenômeno em torno de sua figura, bem como o fortaleceu, mas não foi seu arquiteto. O ex-presidente foi muito mais uma triste coincidência, alguém que se fez disponível no momento certo, do que um articulador astuto. Não há novidade, portanto, em falar em Bolsonarismo sem Bolsonaro. Não é novidade pelo mesmo motivo que o Bolsonarismo possa ser tudo, menos uma surpresa em um país com uma tradição autoritária como o Brasil. Embora seja seu próprio movimento, recheado de idiosincrasias e contradições, uma mixórdia que junta outros grupos em uma união desconfortável, ele dialoga com antecessores como o Integralismo e a Ditadura Militar. Absorve elementos e aspectos de autoritarismos do passado, não só no Brasil, mas também estrangeiros, como o flerte com o nazifascismo. A eleição de Jair em 2018 não foi uma surpresa, a surpresa foi a República Nova ter durado tanto tempo sem lidar com equivalentes expressivos do tipo (SCHARGEL, 2023, p. 6-7).

Na realidade contemporânea, autores que discorrem sobre Política no Mato Grosso do Sul apontam três desafios primordiais a serem superados. Em primeiro lugar, a necessidade de um diálogo interdisciplinar; em segundo a demanda urgente de sistematização dos estudos sobre o estado em torno de sua diversidade e peculiaridades; e por último o desenvolvimento de estratégias para fazer expandir a quantidade e variedade de estudos sobre política do estado.

## Eleições para Deputado Federal 2018

Para entender a força do bolsonarismo no estado, apresentamos aqui as eleições para deputado federal em 2018 no Mato Grosso do Sul, foram marcadas por uma polarização política significativa e grandes mudanças a composição do Congresso Nacional. No Mato Grosso do Sul, diversos partidos e coligações apresentaram candidatos para a Câmara dos Deputados, buscando representar os interesses dos eleitores do estado.

O Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), partido de Reinaldo Azambuja<sup>52</sup>, governador do estado na época e candidato à reeleição, e o Partido Social Liberal (PSL), do candidato à presidência Jair Messias Bolsonaro, conquistaram o maior número de cadeiras de Deputado Federal no Congresso Brasileiro. Dos oito postos na Casa, reservados ao Mato Grosso do Sul, PSDB e PSL ganharam 2 cadeiras, enquanto Partido Social Democrático (PSD), Democratas (DEM), PT e Partido Democrático Trabalhista (PDT) elegeram um parlamentar cada.

A Deputada Federal Rose Modesto, do PSDB, obteve 9,75% dos votos, contabilizando 120.901 votos; seguida por Fabio Trad - PSD, que obteve 7,21% dos votos válidos (89.385 votos) e Beto Pereira, também do PSDB, com 6,49% (80.500 votos). Em quarto lugar aparece Tereza Cristina - DEM com 75.068 votos e, a seguir, Tio Trutis - PSL, com 56.339 votos; Vander Loubet - PT, com 55.970 votos; Dr. Luiz Ovando - PSL, com 50.376 votos e, ocupando a última cadeira, Dagoberto Nogueira - PDT, com 40.230 votos (Gráfico 5).

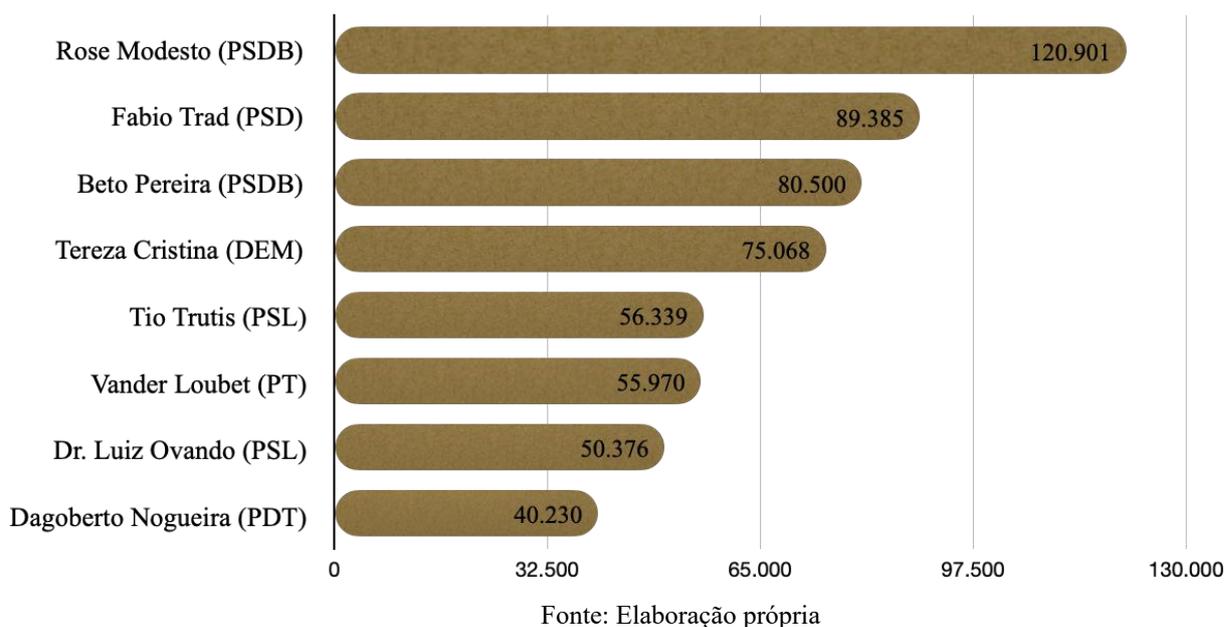
Nessas eleições, mais da metade dos parlamentares de Mato Grosso do Sul na Câmara dos Deputados foi renovada. Das oito cadeiras, cinco foram ocupadas por novos deputados. Os três Deputados reeleitos foram Tereza Cristina<sup>53</sup> - DEM, Vander Loubet - PT e Dagoberto Nogueira - PDT.

O estado de Mato Grosso do Sul, registrou um apoio significativo aos candidatos dos partidos de Reinaldo Azambuja e Jair Bolsonaro. A dinâmica dessa disputa revelou as divergências políticas profundas e as preferências ideológicas enraizadas entre os eleitores de Mato Grosso do Sul, contribuindo para o maior número de candidatos da direita eleitos nessa região.

---

<sup>52</sup> Ex-governador do MS, agropecuarista e político.

<sup>53</sup> Senadora, agrônoma e empresária.



**GRÁFICO 10.** Número de votos para os candidatos eleitos como Deputados Federais nas eleições de 2018 em Mato Grosso do Sul.

Nicolau (2023), em seu artigo que discute a reforma da representação proporcional e a fragmentação partidária da Câmara dos Deputados brasileira, apresenta a seguinte reflexão:

No Brasil, deputados federais, deputados estaduais e vereadores são eleitos pelo sistema proporcional de lista desde 1945; poucas democracias mantiveram o sistema eleitoral durante tantos anos. A representação proporcional é caracterizada por um conjunto de aspectos que acabam fazendo com que ela tenha características próprias nos países onde é utilizada. Há variação, por exemplo, no tipo de lista, no tamanho dos distritos eleitorais e na fórmula matemática adotada para distribuir as cadeiras entre os partidos. Por sete décadas (de 1945 até 2014) os fundamentos gerais da representação proporcional foram mantidos no Brasil. Portanto, além de manter o sistema eleitoral, os legisladores mantiveram praticamente inalterada a forma do seu funcionamento. A longa calma do modelo de representação proporcional seria abalada por um ciclo de alterações aprovadas pelo Congresso Nacional entre 2015 e 2021. A primeira delas, em 2015, foi a adoção de um patamar mínimo de votos (10% do quociente eleitoral) para que um candidato a deputado e vereador possa ser eleito. A seguir, em 2017, viriam a supressão do quociente eleitoral como cláusula de barreira e o fim das coligações – essa última só entraria em vigor nas eleições gerais de 2022 (NICOLAU, 2023, p. 3).

A coligação PSDB / PATRI<sup>54</sup> / PSD / PMB / DEM / PP<sup>55</sup> conseguiu representantes para ocupar 4 cadeiras na Câmara. Rose Modesto - PSDB, a Deputada eleita em primeiro lugar, foi a mais votada em 15 Municípios do estado, sendo eles Sidrolândia, Amambai, Coxim,

<sup>54</sup> PATRI: Patriota.

<sup>55</sup> PP: Progressistas.

Aparecida do Taboado, Anastácio, Jardim, Bonito, Bataguassu, Nova Alvorada do Sul, Água Clara, Paranhos, Batayporã, Glória de Dourados, Jaraguari e Juti. Beto Pereira - PSDB também foi o mais votado em 15 Municípios sul-mato-grossenses: Aquidauna, Miranda, Cassilândia, Terrenos, Camapuã, Nioaque, Brasilândia, Dois Irmãos do Buriti, Inocência, Bodoquena, Selvíria, Bandeirantes, Rochedo, Rio Negro e Corguinho. Tereza Cristina - DEM teve o maior número de votos em 12 cidades do estado, sendo estas Maracaju, São Gabriel do Oeste, Sonora, Chapadão do Sul, Iguatemi, Eldorado, Santa Rita do Pardo, Vicentina, Douradina, Paraíso das Águas, Alcinópolis e Jateí. Já o candidato eleito Fábio Trad - PSD alcançou o maior número de votos em Campo Grande, Bela Vista, Fátima do Sul e Pedro Gomes (Gráfico 2).

Ao observar a coligação PPS / PROS / SOLIDARIEDADE / PSB / PTB / AVANTE / PSL / PMN<sup>56</sup>, destaca-se que esta elegeu dois candidatos: Tio Trutis e Dr. Luiz Ovando, ambos do PSL, que não foram os mais votados em nenhum município do estado de Mato Grosso do Sul.

Tio Trutis, influenciador digital e ativista de direita, se destacou por sua presença nas redes sociais e discurso de outsider. Elegeu-se deputado federal em 2018 beneficiado pelo sistema proporcional. Em seu mandato, manteve um discurso alinhado com o bolsonarismo, defendendo pautas conservadoras e criticando a política tradicional. Dr. Luiz Ovando, médico cardiologista, também ingressou na política com um discurso de renovação e combate à corrupção. Destacou sua trajetória médica durante a campanha, prometendo ética na saúde pública. Elegeu-se da mesma forma que Tio Trutis e, no Congresso, apoiou as pautas do governo Bolsonaro, incluindo reformas econômicas e sociais. Ambos adotaram uma postura crítica à política tradicional, característica dos movimentos antissistêmicos<sup>57</sup>. No entanto, sua atuação e apoio ao governo Bolsonaro sugerem que não se encaixam plenamente nessa definição, uma vez que defendem pautas que não desafiam o sistema econômico dominante, focando mais na corrupção e falhas específicas do sistema político.

Os partidos PT e PDT não participaram de coligações, elegendos um candidato cada. Vander Loubet - PT, foi o mais votado em seis cidades do estado: Rio Verde de Mato Grosso, Mundo Novo, Porto Murtinho, Tacuru, Guia Lopes da Laguna e Antônio João; enquanto

---

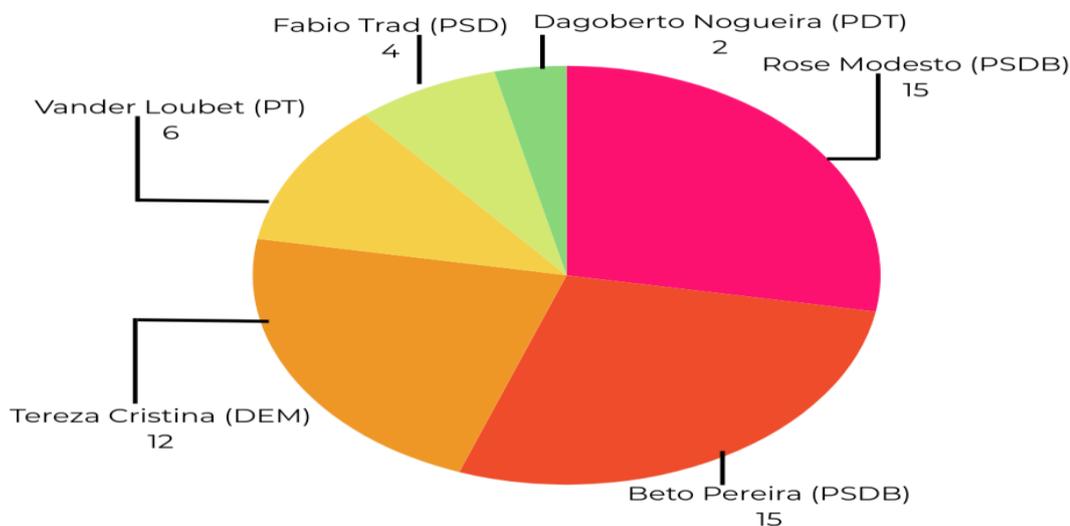
<sup>56</sup> PPS: Partido Popular Socialista. PROS: Partido Republicano da Ordem Social. PSB: Partido Socialista Brasileiro. PTB: Partido Trabalhista Brasileiro. PSL: Partido Social Liberal. PMN: Partido Mobilização Nacional.

<sup>57</sup> Os movimentos antissistêmicos englobam, atualmente, uma série de manifestações anti-hegemônicas, numa luta incessante contra o capital e o modelo neoliberal, visando à busca de alternativas para a construção de uma nova estrutura social e uma redefinição na arena econômica e política.

CARVALHO, Giane Alves de. Os movimentos anti-sistêmicos: conjuntura de lutas ou impasses políticos ideológicos?. *Mediações - Revista de Ciências Sociais*, Londrina, v. 13, n. 1/2, p. 214–230, 2008. DOI: 10.5433/2176-6665.2008v13n1/2p214. Disponível em:

<https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/3293>. Acesso em 26 mai. 2024.

Dagoberto Nogueira Partido Democrático Trabalhista (PDT) foi o mais votado em Angélica e Novo Horizonte do Sul (Gráfico 11).



Fonte: Elaboração própria

**GRÁFICO 11.** Municípios com maior número de votos para os candidatos eleitos como Deputados Federais nas eleições de 2018 em Mato Grosso do Sul.

Em Mato Grosso do Sul, o movimento bolsonarista tem se destacado como uma influência significativa desde 2013, seguindo uma tendência global de ascensão de uma onda conservadora e reacionária no cenário político e cultural. Essa tendência se associou a uma abordagem neoliberal no campo econômico (Makino, 2020). Durante as eleições de 2018, essa onda conservadora se manifestou de forma marcante no cenário sul-mato-grossense, culminando na eleição de candidatos alinhados com o movimento bolsonarista, como Tio Trutis e Dr. Luiz Ovando. Ambos representaram a vertente da direita conservadora, refletindo as pautas principais do bolsonarismo, tais como a defesa de valores tradicionais, crítica ao progressismo e à agenda dos direitos humanos; as propostas de reforma econômica, redução do tamanho do estado, privatizações e desregulamentação, além da retórica forte contra a corrupção, apesar das controvérsias envolvendo o próprio governo.

Assim, os candidatos de direita eleitos em Mato Grosso do Sul adotaram diversas pautas conservadoras pertinentes ao estado, promovendo valores conservadores, criticando a política tradicional e o progressismo. Essas pautas incluíram privatizações e redução da intervenção estatal na economia e o combate à corrupção. Os candidatos eleitos reforçam como o

movimento bolsonarista conseguiu mobilizar eleitores em Mato Grosso do Sul. Suas campanhas se beneficiaram da onda conservadora e do descontentamento com a política tradicional, refletindo a tendência global de ascensão de movimentos de direita conservadora e neoliberal.

Essa mobilização também se reflete na distribuição dos votos conforme o PIB dos municípios do estado. Ao analisar o PIB *per capita* dos municípios do estado de Mato Grosso do Sul nas eleições de 2018, observa-se que, dos dez municípios com o maior PIB do estado, três tiveram Tereza Cristina como mais votada, dois votaram em maior número em Rose Modesto e, os candidatos Beto Pereira e Dagoberto foram os mais votados em apenas um município cada. Destaca-se que Beto Pereira<sup>58</sup> foi o candidato mais votado em Selvíria, que ocupa o primeiro lugar do ranking, apresentando o maior PIB do estado (Tabela 5).

TABELA 5 – PIB *per capita* dos Municípios do estado de Mato Grosso do Sul com maior número de votos válidos para os candidatos eleitos como Deputado Federal nas eleições de 2018 (SEMADESC, 2018).

<b>Municípios</b>	<b>Candidato</b>	<b>PIB <i>per capita</i></b>	<b>Ranking</b>
Selvéria	Beto Pereira	362.080,40	1°
Paraíso das Águas	Tereza Cristina	132.985,33	2°
Três Lagoas	Renee Venancio*	96.639,64	3°
Costa Rica	Carla Stephanini*	88.940,58	4°
Água Clara	Rose Modesto	87.307,89	5°
Laguna Carapã	Elizeu Dionizio*	82.135,70	6°
Angélica	Dagoberto	77.746,34	7°
Jateí	Tereza Cristina	75.602,70	8°
Chapadão do Sul	Tereza Cristina	72.390,23	9°
Nova Alvorada do Sul	Rose Modesto	70.084,08	10°

Fonte: Elaborado pela Autora com dados da Semadesc (Secretaria de Meio Ambiente, Desenvolvimento, Ciência, Tecnologia e Inovação), ano de 2018. \*Candidato não eleito.

A proximidade ideológica entre o bolsonarismo e o agronegócio é evidente e se baseia na defesa de temas como propriedade privada, liberdade econômica, trabalho e meritocracia. O governo Bolsonaro e seus apoiadores frequentemente destacaram a importância do agronegócio como motor econômico do país, promovendo políticas que favoreceram a desregulamentação ambiental e a expansão agrícola.

<sup>58</sup> Empresário e foi prefeito da cidade de Terenos.

No Mato Grosso do Sul, essa conexão é particularmente forte, visto que o agronegócio é um setor crucial para a economia local. Candidatos bolsonaristas receberam apoio significativo do setor agropecuário, refletindo a aliança entre as pautas conservadoras e neoliberais defendidas pelo bolsonarismo e os interesses do agronegócio. Esse suporte foi impulsionado pela promessa de políticas que garantiam maior liberdade econômica e menos interferência estatal, criando um ambiente favorável para o crescimento e a competitividade do setor agrícola.

Ainda analisando o Tabela 5, destaca-se que os três municípios onde Tereza Cristina alcançou o maior número de votos (Paraíso das Águas, Jateí e Chapadão do Sul) têm o PIB, em sua maioria, dependente do agronegócio. A referida Deputada é engenheira agrônoma e empresária rural, sendo uma das principais representantes do setor agropecuário no cenário político nacional. Além disso, foi secretária de Desenvolvimento Agrário, da Produção, da Indústria, do Comércio e do Turismo do estado de Mato Grosso do Sul; presidiu a Federação da Agricultura e Pecuária do Estado de Mato Grosso do Sul (FAMASUL) e foi presidente da Associação dos Produtores de Soja de Mato Grosso do Sul (APROSOJA-MS). Essa experiência no âmbito agropecuário a tornou uma voz proeminente na defesa dos interesses do agronegócio, o que justifica o número de votos nessas cidades.

Além disso, Tereza Cristina é uma representante do bolsonarismo no estado. O surgimento e a ascensão do bolsonarismo no cenário político brasileiro encontram uma relação complexa com o setor do agronegócio em Mato Grosso do Sul. O estado, que desfruta de uma expressiva participação nesse setor, viu-se influenciado pela retórica pró-agronegócio promovida pelo movimento bolsonarista.

A defesa de políticas que favorecem a flexibilização de regulamentações ambientais e a expansão das atividades agropecuárias ressoou particularmente entre os setores ligados à produção agroindustrial. A visão de um governo que atende às demandas do agronegócio, com postura firme em relação à segurança e à ordem, ganhou respaldo de muitos atores do setor. Portanto, a interação entre o bolsonarismo e o agronegócio no estado é marcada por uma interdependência influente e, ao mesmo tempo, por desafios inerentes à busca por um equilíbrio entre desenvolvimento econômico e conservação ambiental.<sup>59</sup>

Também nas eleições de 2018, Rose Modesto foi a Deputada Federal mais votada em Água Clara e Nova Alvorada do Sul. A Deputada foi eleita vice-governadora na chapa encabeçada por Reinaldo Azambuja nas eleições de 2014, atuando nesse cargo de 2014 a 2018. Durante

---

<sup>59</sup> “MS teve o maior crescimento do PIB do agronegócio entre os estados brasileiros”. SEMADDESC, 2024. Disponível em: <https://www.semadesc.ms.gov.br/ms-teve-o-maior-crescimento>. Acesso 05 mai. 2024

esse período, ela também ocupou a Secretaria de Estado de Direitos Humanos, Assistência Social e Trabalho de Mato Grosso do Sul. Rose é conhecida no estado por seu envolvimento em questões sociais e de direitos humanos, além de seu comprometimento com a educação.

Assim, a vitória dos oito Deputados Federais eleitos nas eleições de 2018 refletiu um cenário político complexo e polarizado em Mato Grosso do Sul. A adesão expressiva a candidatos da direita demonstrou uma busca por mudanças e um desejo por lideranças que pudessem abordar questões de segurança pública, desenvolvimento econômico e valores conservadores por aqueles que não votariam mais no Partido dos Trabalhadores.

A eleição dos oito Deputados Federais em 2018 em Mato Grosso do Sul refletiu um cenário político polarizado. A adesão a esses candidatos evidenciou a busca por mudanças, especialmente em questões de segurança pública, desenvolvimento econômico e valores conservadores. Esses candidatos se apresentaram como outsiders, prometendo romper com o sistema tradicional e combater a corrupção, diferenciando-se assim do PSDB, que representa o establishment político com uma abordagem mais moderada e menos confrontacional.

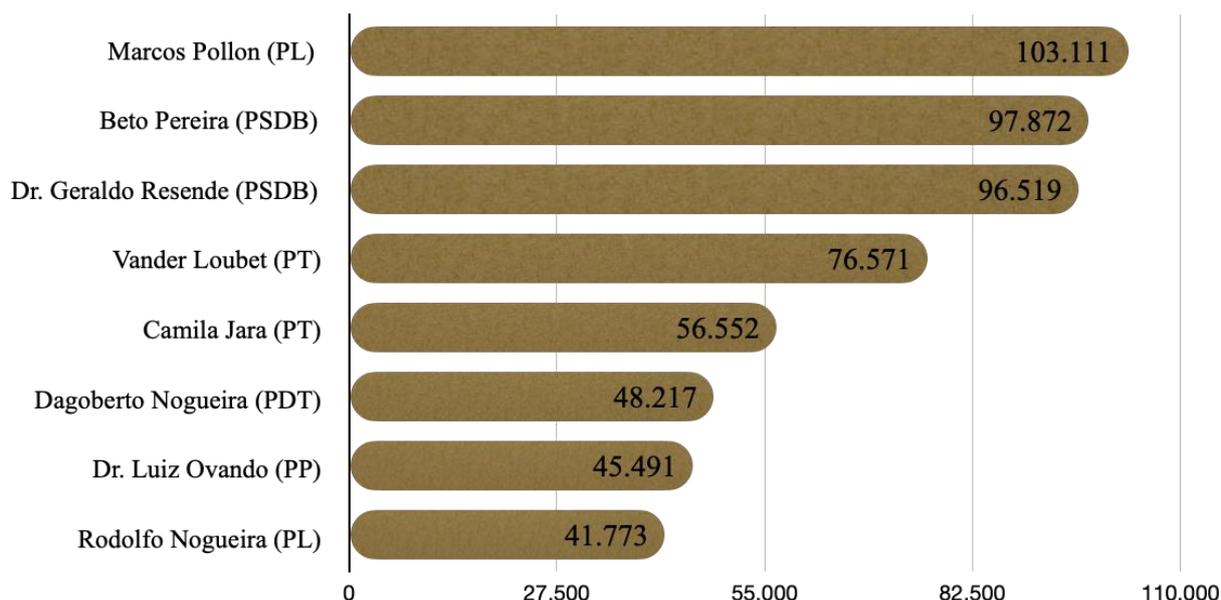
Dessa forma, os candidatos bolsonaristas defenderam valores tradicionais, políticas de segurança pública rígidas e uma agenda econômica neoliberal, alinhada com o governo Bolsonaro. Em contraste, o PSDB também defende políticas neoliberais, mas de forma mais pragmática e menos ideológica em questões sociais. A relação dos candidatos bolsonaristas com o bolsonarismo nacional foi de alinhamento estreito, apoiando incondicionalmente as diretrizes do governo, enquanto o PSDB adotou uma postura mais independente e crítica, especialmente em relação a direitos humanos e questões ambientais.

A análise dos resultados das eleições para Deputado Federal em Mato Grosso do Sul deve também levar em consideração as complexidades de uma população heterogênea em suas exigências e preocupações. Uma governança eficaz exige uma atenção constante às expectativas da sociedade civil, possibilitando uma administração equilibrada que promova o desenvolvimento sustentável e o bem-estar de todos os cidadãos sul-mato-grossenses, independentemente de suas inclinações políticas.

## Eleições para Deputado Federal 2022

Em 2022, o panorama das eleições para Deputado Federal foi o seguinte: o candidato mais votado foi Marcos Pollon - PL com 7,33% (103.111 votos). Em seguida apareceu Beto Pereira

- PSDB, com 6,96% (97.872 votos), seguido pelo Dr. Geraldo Resende - PSDB, que alcançou 6,86% (96.519 votos). Em quarto lugar está Vander Loubet - PT, com 5,44% (76.571 votos), seguido por Camila Jara - PT, com 56.552 votos, Dagoberto - PSDB, com 48.217 votos, Dr. Luiz Ovando - PROGRESSISTAS, com 45.491 votos e, o último a conseguir uma cadeira na Câmara, Rodolfo Nogueira - PL, com 41.773 votos (Gráfico 12).



Fonte: Elaboração própria

**GRÁFICO 12.** Número de votos para os candidatos eleitos como Deputados Federais nas eleições de 2022 em Mato Grosso do Sul.

A representação de Mato Grosso do Sul na Câmara Federal experimentou uma renovação de 50%. Entre os oito parlamentares, quatro conquistaram a reeleição, nomeadamente Beto Pereira - PSDB, Vander Loubet - PT, Dagoberto Nogueira - PSDB e Dr. Luiz Ovando - PP. No caso de Geraldo Resende - PSDB, que ocupou interinamente o mandato da deputada Tereza Cristina - PP em alguns momentos durante a legislatura anterior 2018/2022, sua situação não se enquadra estritamente como uma reeleição.

Dentre os eleitos de Mato Grosso do Sul para a Câmara dos Deputados, destaca-se Marcos Pollon, advogado filiado ao PL. Reconhecido nacional e internacionalmente como um entusiasta do governo Bolsonaro, Pollon é especialista em legislação sobre acesso a armas de fogo no Brasil. Ao longo da campanha, Pollon enfatizou que sua plataforma não se limitava

apenas à questão das armas, abrangendo também áreas como saúde, educação, segurança, agronegócio e o direito à legítima defesa armada.<sup>60</sup>

Outro estreante na Câmara é Rodolfo Nogueira, filiado ao PSL. Presidente regional do partido em Mato Grosso do Sul e produtor rural em Bela Vista, Nogueira vinculou sua campanha à imagem do presidente Jair Bolsonaro, chegando a se referir a si mesmo como o "Gordinho do Bolsonaro" em peças publicitárias.<sup>61</sup> Além de Pollon e Nogueira, Camila Jara, vereadora do PT em Campo Grande, também fez sua estreia na Câmara em 2023. Sua campanha destacou o ativismo pelos direitos humanos, a igualdade de gênero e o combate às desigualdades como bandeiras principais.

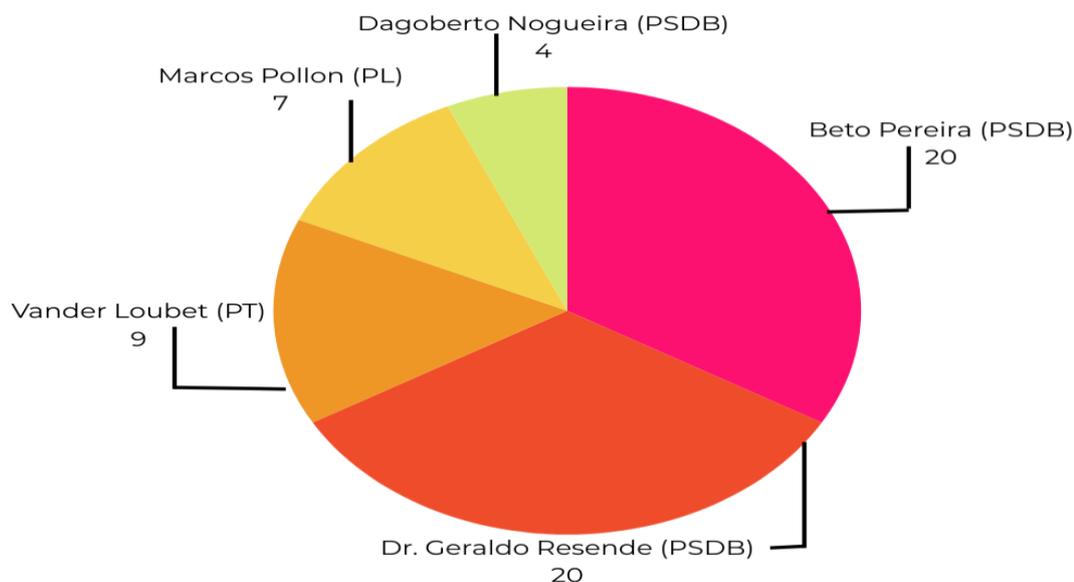
O PSDB, com três parlamentares eleitos, liderou a representação partidária na legislatura atual, seguido por PT e PL, cada um com duas cadeiras. Ao discorrer sobre as mudanças nas eleições para Deputados, Nicolau (2023) ressalta que em 2021 foi aprovada uma nova cláusula de barreira (80% de votos do quociente para disputar as sobras) e uma nova regra para os candidatos (20% do quociente para receber uma cadeira das sobras), modificando o rumo das eleições para Deputados.

A coligação CIDADANIA / PSDB conseguiu representantes para ocupar três cadeiras na Câmara. Beto Pereira - PSDB, o Deputado eleito em segundo lugar, foi o mais votado em 20 Municípios do estado, sendo eles Aquidauana, Coxim, Costa Rica, Bela Vista, Cassilândia, Terenos, Água Clara, Sonora, Paranhos, Nioaque, Brasilândia, Dois Irmãos do Buriti, Aral Moreira, Inocência, Bandeirantes, Juti, Douradina, Rochedo, Rio Negro e Corguinho. Dr. Geraldo Resende - PSDB também foi o mais votado em outros 20 Municípios Sul-mato-grossenses: Dourados, Rio Brilhante, Aparecida do Tabuado, Itaporã, Ribas do Rio Pardo, Bataguassu, Fátima do Sul, Iguatemi, Coronel Sapucaia, Deodápolis, Sete Quedas, Tacuru, Batayporã, Glória de Dourados, Japorã, Vicentina, Anaurilândia, Paraíso das Águas, Taquarussu e Jateí. Dagoberto - PSDB, o último representante da legenda, teve o maior número de votos em quatro cidades do estado, sendo estas Caarapó, Miranda, Bonito e Angélica (Gráfico 13).

---

<sup>60</sup> Sua candidatura refletiu as principais pautas do bolsonarismo, incluindo a defesa da posse de armas, uma abordagem conservadora em políticas sociais, e a promoção de uma agenda neoliberal na economia.

<sup>61</sup> Durante sua campanha, ele enfatizou a importância da liberdade econômica, a redução da intervenção estatal e a defesa da propriedade privada, refletindo as principais pautas do movimento bolsonarista. Sua eleição demonstrou a forte influência do bolsonarismo na região e o apoio às políticas conservadoras e neoliberais promovidas pelo governo.



Fonte: Elaboração própria

**GRÁFICO 13.** Municípios com maior número de votos para os candidatos eleitos como Deputados Federais nas eleições de 2022 em Mato Grosso do Sul.

A coligação PC do B<sup>62</sup> / PT / PV<sup>63</sup> elegeu dois representantes na Câmara, Vander Loubet (PT), que foi o mais votado em nove cidades de Mato Grosso do Sul, sendo estas Amambai, Anastácio, Rio Verde do Mato Grosso, Mundo Novo, Caracol, Selvíria, Guia Lopes da Laguna, Porto Murtinho e Novo Horizonte do Sul; e Camila Jara - PT, que não alcançou o maior número de votos em nenhum Município Sul-mato-grossense (Gráfico 4).

O PL, mesmo sem coligação, ocupou duas cadeiras: Marcos Pollon, o candidato mais votado, que conquistou o maior número de votos em sete cidades de Mato Grosso do Sul (Campo Grande, Sidrolândia, Maracajú, Camapuã, São Gabriel do Oeste, Chapadão do Sul e Pedro Gomes) e Rodolfo Nogueira, que não foi o candidato mais votado em nenhum Município. Além destes, Dr. Luiz Ovando<sup>64</sup>, único representante do PP (partido não participante de coligação) a se eleger Deputado Federal, também não foi o mais votado em nenhuma cidade do estado (Gráfico 4).

<sup>62</sup> PC do B: Partido Comunista do Brasil.

<sup>63</sup> PV: Partido Verde.

<sup>64</sup> Médico e político.

Nestas eleições, Mato Grosso do Sul se destacou como um estado onde as preferências eleitorais entre candidatos de orientações políticas opostas foram fragmentadas, revelando as complexidades políticas e sociais presentes na região. Em áreas urbanas específicas, especialmente aquelas onde as preocupações com educação, saúde e igualdade social são destacadas, a esquerda obteve um apoio significativo. Municípios como Campo Grande e Dourados foram cenários de debates acalorados em torno das propostas da esquerda, que visavam abordar questões sociais e a necessidade de políticas mais inclusivas. No entanto, é notável que, mesmo nessas áreas urbanas, o maior percentual de votos ainda favoreceu candidatos de direita.

Ao analisar o PIB *per capita* dos municípios do estado de Mato Grosso do Sul nas eleições de 2022, observa-se que, dos dez municípios com o maior PIB do estado, três tiveram Dr. Geraldo Resende<sup>65</sup> como mais votado. Os candidatos Vander Loubet, Beto Pereira, Dagoberto e Marcos Pollon foram os mais votados em apenas um Município cada. Destaca-se que Vander Loubet foi o candidato mais votado em Selvíria, que ocupa o primeiro lugar do *ranking*, apresentando o maior PIB *per capita* do estado de Mato Grosso do Sul (Tabela 6).

TABELA 6 – PIB *per capita* dos Municípios do estado de Mato Grosso do Sul com maior número de votos válidos para os candidatos eleitos como Deputado Federal nas eleições de 2022 (IBGE, 2020).

<b>Municípios</b>	<b>Candidato</b>	<b>PIB per capita</b>	<b>Ranking</b>
Selvíria	Vander Loubet	406.011,00	1°
Paraíso das Águas	Dr. Geraldo Resende	159.719,58	2°
Jateí	Dr. Geraldo Resende	99.933,83	3°
Laguna Carapã	Moka*	97.817,25	4°
Três Lagoas	Dr. Cassiano Maia*	94.305,67	5°
Costa Rica	Beto Pereira	93.009,60	6°
Angélica	Dagoberto	87.104,16	7°
Rio Brillhante	Dr. Geraldo Resende	81.737,49	8°
Chapadão do Sul	Marcos Pollon	81.731,25	9°
Nova Alvorada do Sul	Dr. Flavio Renato*	79.495,66	10°

Fonte: Elaborado pela Autora com Dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). \*Candidatos não eleitos.

<sup>65</sup> Médico e ex-secretário de estado.

Continuando a análise do Tabela 6, destaca-se que os três municípios onde Dr. Geraldo Resende alcançou o maior número de votos (Paraíso das Águas, Jateí e Rio Brillhante) têm o PIB, em sua maioria, dependente do agronegócio. Dr. Geraldo Resende é um médico que vem tendo uma atuação expressiva na política do estado de Mato Grosso do Sul. Em relação ao agronegócio, o referido Deputado, não é conhecido por ter uma ligação direta com esse setor, sendo mais reconhecido por sua trajetória na área da saúde e suas contribuições para o desenvolvimento regional. No entanto, no último mandato de Tereza Cristina 2018/2022, ele atuou como suplente, ganhando a confiança das cidades ligadas ao agronegócio, como é possível notar nos resultados dessas eleições.

Selvíria, o maior PIB *per capita* do Mato Grosso do Sul, diferentemente das eleições de 2018, teve como candidato mais votado Vander Loubet, um candidato de esquerda. Loubet é formado em Direito e tem uma história de envolvimento em movimentos estudantis. Em sua trajetória política, tem se envolvido em diversas pautas, incluindo aquelas relacionadas à agricultura familiar, questões agrárias, e políticas sociais. Seu trabalho legislativo muitas vezes reflete a agenda do PT, que historicamente enfatiza questões sociais e de inclusão.

Nesse cenário, as eleições para Deputado Federal em 2018 e 2022 no estado de Mato Grosso do Sul se caracterizaram por refletir a polarização política que marcou o panorama nacional nesses períodos. Em 2018, a maioria eleita de orientação política à direita foi impulsionada por sua capacidade de apoiar Bolsonaro, conquistando eleitores por meio de discursos antiestablishment, promessas de combate à corrupção e ênfase em valores conservadores. Esses elementos encontraram ressonância, especialmente entre os eleitores sul-mato-grossenses, em um contexto marcado por preocupações, principalmente, com a segurança nas regiões de fronteira e as questões agropecuárias.

Já nas eleições de 2022, observou-se um cenário mais intrincado, com a continuidade da polarização e a introdução de novos elementos. A reeleição dos candidatos de ideologia de direita passou a depender da avaliação de suas gestões anteriores, bem como do desempenho de seu candidato à presidência. Enquanto isso, outros candidatos, principalmente de orientação política à esquerda, procuraram se destacar como alternativas viáveis. A diversidade de perspectivas políticas e sociais no estado exigiu que os candidatos adotassem uma abordagem mais abrangente, abordando as demandas de diferentes setores, como a agricultura, a indústria e as questões sociais.

Essas eleições suscitaram discussões abrangentes sobre temas como a pandemia de COVID-19<sup>66</sup>, a recuperação econômica pós-crise e a sustentabilidade ambiental, elementos que ganharam relevância na tomada de decisão dos eleitores sul-mato-grossenses. Adicionalmente, a entrada de Lula na corrida presidencial levou muitos eleitores a alterarem completamente suas preferências de voto, comparando as eleições de 2018 e 2022. No futuro, espera-se que o estado continue a refletir as dinâmicas políticas nacionais, com uma população em busca de líderes capazes de equilibrar as demandas regionais com os desafios globais e intrincados. O diálogo entre diversos grupos e a busca por consensos serão cruciais para moldar o cenário político e orientar o desenvolvimento do Mato Grosso do Sul nos anos vindouros.

Além disso, outro fenômeno que ocorre atualmente na política brasileira é a falta de representatividade dos jovens, principalmente como candidatos, fato que pode ser observado nas eleições de 2018 e 2022 em Mato Grosso do Sul.

Nesse contexto, Santos e Schmidt (2023) relatam que:

Os baixos índices de engajamento das juventudes<sup>3</sup> nos processos político-partidários e sua sub-representação nas instituições democráticas vêm sendo apontados como uma das facetas mais preocupantes da crise de representação política e do desencanto com a democracia, expressa nos altos índices de abstenção eleitoral, nas variadas manifestações de apatia política, no descrédito dos partidos e instituições políticas e, especialmente, no crescimento das forças de extrema-direita. No Brasil, aumentaram as interrogações sobre as inclinações não democráticas dos jovens e da população a partir das Jornadas de Junho de 2013, da campanha midiática em torno da operação Lava Jato e da adesão à vitoriosa candidatura de Jair Bolsonaro nas eleições presidenciais de 2018. O quadro recente contrapõe-se à reconhecida importância das juventudes na renovação da democracia e, no Brasil, no processo de redemocratização. Os movimentos estudantis foram fundamentais na luta contra a ditadura civil-militar e se fortaleceram com a abertura democrática, foram atuantes no processo de mobilização pelas Diretas Já (1984), nas mobilizações ao longo da Assembleia Nacional Constituinte (1987-1988) e nas eleições das décadas de 1990 e início dos anos 2000. O recuo das juventudes ocorreu no contexto dos embates e mudanças operadas ao longo dos governos de centro-esquerda – de Luiz Inácio Lula da Silva e Dilma Rousseff – na primeira década e meia dos anos 2000 (SANTOS; SCHMIDT, 2023 p. 129-130).

Desse modo, a análise das eleições para Deputado Federal de 2018 e 2022 no Mato Grosso do Sul indica que o estado é predominantemente formado por eleitores de extrema direita, votando em candidatos mais velhos e em conformidade com seus valores conservacionistas, demandando uma avaliação multidimensional das dinâmicas políticas, sociais e econômicas que influenciaram os resultados eleitorais. Embora a região seja reconhecida por suas bases no agronegócio e pela presença militar, é crucial lembrar que a política é moldada por uma série

---

<sup>66</sup> Caracterizada pela OMS como uma pandemia que atingiu o mundo em 2020.

de fatores complexos e variáveis, incluindo a influência de povos originários, a região de fronteira, beneficiários de programas sociais, entre outros.

O perfil eleitoral de Mato Grosso do Sul tem como destaque a influência das oligarquias e elites rurais. No contexto sul-mato-grossense, as oligarquias, provenientes das elites tradicionais com uma natureza agrária, ligadas à posse de terras, desempenham um papel fundamental. Isso enfatiza a importância dos grandes proprietários rurais, sublinhando o caráter conservador dos partidos políticos locais e exercendo influência sobre as instituições e carreiras políticas regionais. Por outro lado, a dinâmica incipiente da economia local, associada à emergência de diversos municípios dependentes da produção agrícola ou de repasses estaduais e federais, sugere um cenário em que a influência do executivo, seja no âmbito federal ou estadual, desempenha um papel crucial no desempenho eleitoral de candidatos aos cargos legislativos e nos resultados dos partidos políticos (OLIVEIRA BATISTA; SILVA, 2022).

Em uma análise abrangente das eleições, é crucial reconhecer a complexidade desses eventos, os quais se desdobram em várias dimensões, e as preferências do eleitorado podem abranger uma ampla gama de ideologias, não se restringindo a uma única perspectiva. Embora determinadas áreas do Mato Grosso do Sul possam apresentar inclinações políticas mais conservadoras, é imperativo ressaltar que a diversidade de opiniões é inerente a qualquer localidade. Ademais, a dinâmica eleitoral é moldada por diversos elementos, como plataformas partidárias, perfis específicos de candidatos, questões atuais e contextos nacionais e internacionais. Destaca-se que as eleições podem tanto refletir uma tendência política regional quanto serem influenciadas pelas circunstâncias particulares de cada pleito.

A predominância de uma economia voltada para a agricultura e exportações no Mato Grosso do Sul tem sido um fator determinante na formulação de políticas públicas pelo Estado, concentrando-se especialmente no setor agropecuário. Esse cenário ganha destaque pela influência exercida pelas oligarquias, detentoras tanto da posse de terras quanto de recursos financeiros na região (CLEMENTE, 2011; SILVA e NARDOQUE, 2022).

Assim, a persistência da direita no Mato Grosso do Sul também se manifesta através de lideranças políticas e representatividade. Candidatos e figuras políticas alinhados com a plataforma de Bolsonaro buscaram capitalizar essa base de apoio, adotando discursos e abordagens semelhantes às do ex-presidente. O impacto da direita bolsonarista vai além do âmbito político, influenciando debates sociais e culturais, especialmente em relação a valores e identidade.

A base robusta de apoiadores conquistada pela direita bolsonarista durante o mandato de Jair Bolsonaro reflete as convicções e preocupações de muitos eleitores sul-mato-grossenses. As pautas conservadoras, a ênfase em questões de segurança e o foco no desenvolvimento econômico continuam a ressoar até hoje na região, mesmo durante o mandato de um presidente de esquerda, moldando a forma como os cidadãos avaliam e participam da política. À medida que os apoiadores da direita aumentam e se adaptam às mudanças políticas e sociais, seu impacto permanece visível na formação de opiniões, nas dinâmicas eleitorais e nas discussões sobre o futuro do Mato Grosso do Sul.

## CONCLUSÃO

O primeiro capítulo da dissertação busca por examinar a crise imobiliária que ocorreu nos Estados Unidos em 2008, resultando na falência do Lehman Brothers, o banco mais antigo e tradicional do país. Este colapso do sistema financeiro americano desencadeou uma crise subsequente, centrada na legitimidade das instituições democráticas, levantando questões profundas sobre a sua validade. Posteriormente, é investigado o impacto do movimento Occupy Wall Street, que surgiu em resposta à crise de 2008 e incutiu um profundo sentimento de descontentamento entre os cidadãos em relação ao capital financeiro, às empresas e aos políticos que eram vistos como meros peões num jogo corrupto, orquestrada pelos bancos e pelo próprio governo.

Além disso, é abordado os protestos de 2014 no Brasil, inicialmente desencadeados por frustrações devido à infraestrutura inadequada de transportes públicos, mas que rapidamente evoluíram para um movimento maior contra a corrupção, especialmente quando o país se preparava para receber a copa do mundo. Este movimento transcendeu o foco inicial em meros “25 centavos” e tornou-se um poderoso símbolo de resistência contra a corrupção sistêmica. No meio da turbulência econômica de 2008, surgiu um conflito inevitável relativamente às prioridades da democracia: Os interesses da elite dominante valem mais? Este dilema provocou manifestações generalizadas em numerosas democracias neoliberais, com a população a exigir reformas sociais e uma posição ideológica clara sobre a forma como as comunidades marginalizadas podem abordar e retificar as suas queixas.

Aprofundando a questão teórica do populismo e a sua distinção do populismo de direita. As democracias modernas estão estruturadas para acomodar líderes políticos que podem não abordar a totalidade dos grupos sociais que representam, uma vez que estes líderes emergem frequentemente de fora dos domínios estabelecidos dos partidos políticos, sindicatos e grupos de interesse. Um desenvolvimento notável nos últimos tempos é o surgimento de um novo fenômeno conhecido como populismo de direita, que permeou várias esferas, incluindo o domínio virtual. Isso pode ser observado em acontecimentos como a decisão do Reino Unido de deixar a União Europeia, bem como as vitórias eleitorais de figuras como Donald Trump (Estados Unidos) e Jair Bolsonaro (Brasil). Portanto, este movimento político surge como resposta à crise capitalista, posicionando-se como a única força capaz de desafiar o aparelho estatal em nome do povo.

O segundo capítulo investigou o novo populismo de direita e como estes líderes de movimentos populistas chegam ao poder. Através da análise do caso brasileiro que levou ao seu colapso democrático após quatorze anos governado pelo maior partido de esquerda

nacional. A extrema direita ocuparia o centro das atenções tanto nas esferas política, jurídico-parlamentar, como também nos meios de comunicação social. Também foi desenvolvido o movimento “Passe Livre”, que teve o forte sentimento contra o establishment e a operação Lava Jato que influenciou e alavancou o cenário político. Portanto, no plano nacional, a extrema direita é uma reação à situação existente. Isso abriu caminho para que o populismo de direita encontrasse um terreno fértil ideal no Brasil.

No terceiro capítulo foram obtidos dados de desempenho dos candidatos presidenciais nas eleições em 2018/2022 em Mato Grosso do Sul, bem como dados das eleições no MS para deputados federais em 2018/2022. Logo, analisando diretrizes e variáveis de perfil político, econômico e social que possam impulsionar a política local e como as agendas locais podem ser ligadas ao populismo de direita. A polarização política revela que a dinâmica da disputa possui profundas divisões entre os eleitores no Mato Grosso do Sul.

Neste sentido, o presente trabalho procurou apresentar os principais elementos que integram a crise institucional e sustentam a perspectiva da teoria sobre a formulação de um novo populismo de direita, pode ser considerado um dos maiores atos políticos deste século. O bolsonarismo no Brasil, representa uma ameaça significativa ao minar as principais instituições e normas. Essa forma de populismo geralmente combina apelos por mudanças radicais com o desrespeito aos princípios democráticos estabelecidos, levando à erosão das instituições.

Os populistas de direita com o Bolsonarismo restringiram com sucesso os direitos de grupos marginalizados como mulheres, povos indígenas e indivíduos LGBTQIAP+. Numa defesa e promoção implícitas da sua visão, mais estritamente do domínio social e da ordem. A ascensão do bolsonarismo no Brasil, como tal, não é apenas um episódio, representa uma violação grave. No horizonte global assoma uma nuvem populista, sendo ameaças iminentes da extrema direita que podem abalar os próprios pilares sobre os quais a democracia permanece. Na realidade, o bolsonarismo é uma ruptura, um sinal que ultrapassa fronteiras e que nunca devemos nos esquecer.

A crise de legitimidade desencadeada pela Operação Lava Jato no Brasil levou a uma significativa erosão da confiança nas instituições políticas tradicionais, abrindo caminho para que candidatos populistas explorassem a indignação e a descrença generalizadas na classe política. Por exemplo, os detalhes que cercam a perspectiva do escândalo da Lava Jato como uma implicação da corrupção de toda a classe política visavam incitar a raiva e o ressentimento entre os brasileiros comuns contra os seus líderes.

Jair Bolsonaro, aproveitando sua imagem de outsider e sua postura anticorrupção, capitalizou esse descontentamento para subir ao poder, posicionando-se como um candidato disposto a combater a corrupção e restaurar a ordem. A estratégia estava alinhada com um manual autoritário, em que criar uma sensação de crise, apresentar soluções simples e retratar os oponentes políticos como responsáveis pelos problemas do país desempenhou um papel crucial em sua ascensão política.

Movimentos populistas geralmente exploram as frustrações sociais, apontando questões como corrupção, elitismo político e imigração como principais culpados, particularmente no ocidente. A incapacidade dos estabelecimentos políticos de enfrentar com eficácia os desafios socioeconômicos contribuiu para a atratividade do populismo nas sociedades democráticas, impactando em várias esferas, incluindo espaços virtuais. Uma lição sobre como aproveitar as redes sociais para a mobilização política ficou evidente nas eleições presidenciais em 2018/2022 no Brasil, onde Bolsonaro, utilizou sentimentos anti-establishment propagados através das redes sociais para atingir as massas.

A crise econômica no Brasil, que começou em 2014, contribuiu significativamente para a ascensão de Bolsonaro, já que as altas taxas de desemprego e inflação alimentaram a insatisfação com o governo de Dilma Rousseff. As medidas de austeridade implementadas para enfrentar a crise foram percebidas como uma violação dos compromissos de campanha, intensificando a desilusão com o PT e abrindo caminho para o surgimento de figuras populistas como Bolsonaro. Caracterizada por tendências autoritárias e uma priorização dos interesses do mercado, exacerbou ainda mais as divisões políticas e sociais do país. Além disso, a forma como Bolsonaro lidou com a pandemia da COVID-19, marcada pelo negacionismo e atrasos nas ações, levou a desafios econômicos, incluindo o aumento dos preços dos alimentos e da desigualdade social, impactando milhões de brasileiros.

As políticas ambientais foram fortemente examinadas, com foco no desmantelamento das estruturas de governança ambiental e na promoção de modelos econômicos neoextrativistas, levando a graves consequências ambientais. O governo de Bolsonaro também se envolveu em uma guerra cultural, visando universidades públicas e desafiando a hegemonia cultural da esquerda, contribuindo ainda mais para divisões e tensões sociais.

Logo, percebemos ao longo do texto que o populismo de direita vem sendo crescente deste a Europa até as Américas, principalmente por conta de governos populistas que incentivam o sentimento de patriotismo de forma errônea, com discursos de ódio, excluindo os

diferentes, tais como as populações minoritárias e as imigrantes, além de aumentar o olhar para as diferenças, não buscando um olhar comum em sociedade. Tais figuras políticas podem forjar um novo modelo ditatorial.

O novo populismo de direita reside principalmente na representação dos seus líderes como “outsiders”. Tal como Donald Trump e Jair Bolsonaro, que exortam os seus apoiantes a segui-los durante a campanha do caminho com políticas distintas à corrupção, em vez de, por exemplo, Adolf Hitler e Mussolini que governaram de cima para baixo em um discurso monolítico.

Nesse ponto, o movimento golpista que surgiu após a vitória de Lula mostrou que as elites reacionárias do Brasil são mais fortes que o próprio bolsonarismo. Visto que, mesmo sem um chamado explícito das grandes lideranças da extrema direita para irem às rodovias ou para os quartéis, eles se mobilizaram em prol da causa. O mais interessante é que os políticos que integram o governo Bolsonaro, como o vice-presidente Hamilton Mourão, que ao reconhecer os resultados das urnas eletrônicas, logo, começaram a circular vídeos do movimento com palavras de ordem, como: "Nosso presidente é o exército, não o Bolsonaro".

Até a década de 2010, o PT foi uma força política expressiva no Mato Grosso do Sul, com base sólida em várias regiões do estado. A Operação Lava Jato, deflagrada a partir de 2014, teve um efeito profundo na percepção pública e contribuiu para a queda abrupta da sua base de apoio. Observa-se, que no segundo turno das eleições presidenciais de 2018, os votos para Haddad diminuíram no estado e, dos dez municípios em que havia vencido no primeiro turno, perderam em Selvíria. Neste turno, Haddad passou de 12,7% a 11,4% dos votos válidos em MS. Bolsonaro, por outro lado, teve mais votos no segundo turno, atingindo 88,6% dos votos contados.

A ligação de Haddad com o PT combinadas com a deterioração da imagem do partido devido a escândalos de corrupção suscitaram resistência de muitos eleitores no estado. A própria natureza desta disputa indicou diferenças políticas extremamente acentuadas e preferências ideológicas profundamente arraigadas entre os eleitores no Mato Grosso do Sul, o que contribuiu essencialmente para a vitória de Bolsonaro nesta região.

No segundo turno desta mesma eleição no Mato Grosso do Sul, as cidades em que Lula vence caíram de 21 para 12. Desta vez, Lula atingiu 16,2% dos votos válidos no MS, Bolsonaro conseguiu 83,8% dos votos, uma diferença acentuada se analisarmos o primeiro turno dessas eleições, mas de cerca de menos 5% da comparação entre o segundo turno das eleições de 2018.

Nas eleições para deputado federal de 2018, mais da metade dos membros da Câmara dos Deputados de Mato Grosso do Sul foram reeleitos. Cinco dos oito assentos são

ocupados por novos representantes. Os três deputados reeleitos são: Tereza Cristina – DEM, Vander Loubet – PT e Dagoberto Nogueira – PDT. Com ênfase para o influenciador digital Tio Trutis, com foco em sua presença nas redes sociais e na retórica antissistêmico que foi eleito para a Câmara dos Deputados Federais em 2018. O cardiologista Dr. Luiz Ovando também entrou na política com discursos sobre inovação e combate à corrupção.

Na eleição para deputado federal em 2022 no MS a Câmara Federal experimentou uma renovação de 50%. Entre os oito parlamentares, quatro conquistaram a reeleição. Dentre os eleitos, destaca-se Marcos Pollon, advogado filiado ao PL. Reconhecido como um entusiasta do governo Bolsonaro e especialista em legislação sobre acesso a armas de fogo no Brasil. Outro estreante é Rodolfo Nogueira, filiado ao PSL. Presidente regional do partido em Mato Grosso do Sul e produtor rural em Bela Vista, que vinculou sua campanha à imagem do presidente Jair Bolsonaro.

Pesquisas sobre as eleições para deputado federal em 2018/2022 no MS mostram uma alta proporção de eleitores conservadores, a maioria dos quais com tendências de extrema direita, que preferem candidatos com conteúdo reacionário, muitas vezes de políticos do agronegócio, refletindo sua visão de mundo e valores. Portanto, há necessidade de uma avaliação que tenha em conta todos os aspectos, incluindo políticos, sociais e econômicos, para compreender o que levou aos resultados eleitorais.

Adicionalmente, enfatiza a extrema importância do surgimento de uma geração epistêmica no campo da análise política. Essa geração buscaria o conhecimento como uma experiência significativa, aplicável, desenvolvível, contextualizada e aprimorada com base nos conceitos fornecidos pelos estudos já realizados na área. Esse desenvolvimento do conhecimento teria o potencial de transcender o meio acadêmico, contribuindo para o desenvolvimento social, político e cultural do estado, ainda vinculado à política de Mato Grosso. Dessa forma, existe um longo percurso para Mato Grosso do Sul trilhar no que diz respeito à ciência política.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRANCHES, Sérgio. **G1**. Artigo publicado. Site, fevereiro de 2017.
- ABRANCHES, Sérgio. **O novo populismo e o desafio democrático**. Jornal g1.com, 26 fev.2017. Blog do Matheus Leitão. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/blog/matheus-leitao/post/o-novo-populismo-e-o-desafio-democratico.htm>. Acesso em: 30 jun. 2022.
- AGGIO, Camilo. CASTRO, Filipe. **“MEU PARTIDO É O POVO”**: Uma proposta teórico metodológica para o estudo do populismo como fórmula de comunicação política seguida de estudo de caso do perfil de Jair Bolsonaro no Twitter. Associação Brasileira de Pesquisadores em Comunicação e Política – Compolítica 8, Brasília, 2019.
- ALBUQUERQUE, Afonso. O combate às Fake News nas eleições de 2018: Rumo a pós- democracia?. **Eleições 2018 e a crise da democracia Brasileira** / Carolina de Paula, João Feres Júnior (organizadores). - 1. ed. – Curitiba: Appris, 2019. p. 100.
- ALVES, Marcelo. O Papel das Mídias Sociais nas Eleições de 2018. **Eleições 2018 e a crise da democracia Brasileira** / Carolina de Paula, João Feres Júnior (organizadores). - 1. ed. – Curitiba: Appris, 2019. p. 91.
- AVRITZER, Leonardo. **A crise da democracia e a ascensão do populismo de direita no Brasil**. Organizadores Antônio Costa Pinto, Fabio Gentile, p. 145, 2020. Disponível em: [https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/46805/1/ICS\\_ACPinto\\_Populismos.pdf#page=145](https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/46805/1/ICS_ACPinto_Populismos.pdf#page=145). Acesso em: 12 jul. 2022.
- BARBOSA, Tiago Alexandre Leme. Radiografia da classe política de Mato Grosso do Sul (1978-2014). In: MIRANDA, Daniel Estevão Ramos de. **Os (des)caminhos da política no Mato Grosso do Sul: tradição, continuidades e mudanças**. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2019. p. 109-135.
- BARBOSA, Tiago AL; SILVA, Marcos A. da. **Partidos e eleições no Mato Grosso do Sul**. Paraná Eleitoral, v. 1, n. 1, p. 79-102, 2012.
- BARRETO, A. Reelection parlamentar: reflexões metodológicas e análise do caso da Câmara dos Vereadores de Pelotas (1976-2004). **Revista Opinião Pública**, v. 14, n. 1, p. 123-148, 2008.
- BECKER, Howard S. **Outsiders: estudos de sociologia do desvio**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2009.
- BITTAR, M. 2009. **Mato Grosso do Sul, a construção de um estado: poder político e elites dirigentes sul-mato-grossense**. Campo Grande: UFMS.
- BOBBIO, N. **Liberalismo e democracia**. São Paulo: Brasiliense, 2005. (cap. 1, 2,3, 4, 6, 11)
- BUENO, R. **A centralidade do argumento neoliberal em Von Mises, Hayek e Firedman: uma via para a crítica política contemporânea**. Ciências Sociais Aplicadas em Revista, p 9-34, 2012
- BUGIATO, C.; FREITAS, S. **Burguesia e extrema direita no Brasil**. Revista de Ciências Sociais: RCS, v.53, n.1, p.15-22, 2022. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=8349946>. Acesso em: 28 nov. 2022.
- BROWN, Wendy. **In the ruins of neoliberalism: the rise of antidemocratic politics in the West**. New York: Columbia University Press, 2019.
- COHEN, J. L. **Populism and the Politics of Resentment**. Jus Cogens, v.1, n.1, p.5-39, 2019.
- CALEGARI, A.P.K. **A nova onda do populismo enxerga a fragilidade da democracia**. Entrevista concedida a DWIH São Paulo pelo Prof. Dr. Wolfgang Merkel, 14 mai. 2019. Disponível em: <https://www.dwih-saopaulo.org/pt/temas/democracia-e-direitos-humanos/a-nova-onda-do-populismo-enxerga-a-fragilidade-da-democracia/>. Acesso em: 10 jul. 2022.
- CASSIMIRO, P. H. P. **Os usos do conceito de populismo no debate contemporâneo e suas implicações sobre a interpretação da democracia**. Revista Brasileira de Ciência Política, nº 35. e242084, 2021, pp 1-52. Disponível em: DOI: 10.1590/0103-3352.2021.35.242084. Acesso em 07 jul. 2022.
- CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança**. Movimentos sociais na era da internet. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- CARVALHO, Eleonora de Magalhães. Polarização Política, Fake News e Jornalismo: Dois lados de uma mesma moeda. **Eleições 2018 e a crise da democracia Brasileira** / Carolina de Paula, João Feres Júnior (organizadores). - 1. ed. – Curitiba: Appris, 2019. p. 104.
- CRUZ, Aline G.B.R Santa. SANTOS, Myllena Pereira. **O novo populismo na América Latina: a classificação neopopulista através da percepção da população**. 9º Congresso Latino-americano de Ciência Política, organizado pela Associação Latino-americana de Ciência Política (ALACIP) Montevideú, 26 a 28 de julho de 2017.
- CLEMENTE, Evandro César. **O programa estadual de microbacias hidrográficas no contexto do desenvolvimento rural da região de Jales-SP**. 2011. 339 f. 2011. Tese de Doutorado. Tese (Doutorado em Geografia) –Faculdade de Ciência e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente.
- CORREIA, E. P., TAVARES, F., SOARES, A., & ASSIS, I. **Eleições presidenciais no Brasil** (3 e 30 de outubro de 2022). Polis, v. 2, n. 6, p. 259-261, 2022.

- COUTO, Cláudio Gonçalves. Do governo-movimento ao pacto militar-fisiológico. In: **Governo Bolsonaro: Retrocesso democrático e degradação política**/ Leonardo Avritzer, Fábio Kerche, Marjorie e Marona (orgs). 1. ed; Belo Horizonte: Autêntica, 2021. p. 35-45.
- DE MATOS, Filipe Wisley; LINI, Priscila. **Campanhas online: a construção discursiva de disputas narrativas no processo eleitoral de 2018 para o governo de Mato Grosso do Sul**. Revista de Ciências Sociais: RCS, v. 53, n. 2, p. 437-471, 2022.
- DRAIBE, S. M. **Estado de Bem-Estar, Desenvolvimento Econômico e Cidadania: algumas lições da literatura contemporânea**. In: HOCHMAN, G.; ARRETCHE, M.; MARQUES, E. Políticas Públicas no Brasil. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2007.
- DRUCK, Graça. **A tragédia neoliberal, a pandemia e o lugar do trabalho**. O Social em Questão - Ano XXIV - nº 49 - Jan a Abr/2021
- DUSSEL, E. **Europa, modernidade e Eurocentrismo**. Em: A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. CLACSO.
- EMPOLI, Giuliano da. **Os engenheiros do caos: como as fake news, as teorias da conspiração e os algoritmos estão sendo utilizados para disseminar ódio, medo e influenciar as eleições**. Tradução de Bloch, Arnaldo. São Paulo: Vestígio, 2020.
- FERNANDES, Pedro de Araújo. Politização e Judicialização das Fakes News. **Eleições 2018 e a crise da democracia Brasileira** / Carolina de Paula, João Feres Júnior (organizadores). - 1. ed. – Curitiba: Appris, 2019. p. 87.
- FRASER, Nancy. 2001. “**From redistribution to recognition? Dilemmas of justice in a ‘postsocialist’ age**”. In: S. Seidman; J. Alexander. (orgs). 2001. e new social theory reader. Londres: Routledge, pp. 285-293.
- FRASER, Nancy. **A justiça social na globalização: Redistribuição, reconhecimento e participação**. Revista Crítica de Ciências Sociais, 63, outubro 2002: 7-20
- FREITAS, Luiz Carlos de. **A reforma empresarial da educação. Nova direita, velhas ideias**. Expressão Popular, São Paulo, 2018.
- FREEDEN, M. **After the Brexit referendum: revisiting populism as an ideology**, Journal of Political Ideologies, Oxford, v. 22, n. 1, p. 1-11, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/13569317.2016.1260813>. Acesso em 05 jul. 2022.
- GUARNIERI, Fernando. ALBUQUERQUE, Felipe Munhoz de. A implosão da centro-direita e o voto em Bolsonaro. **Eleições 2018 e a crise da democracia Brasileira** / Carolina de Paula, João Feres Júnior (organizadores). - 1. ed. – Curitiba: Appris, 2019. p. 181.
- HARVEY, David. **O novo imperialismo**. Edições Loyola; 8ª edição, 2004.
- HARVEY, D. **Desenvolvimentos geográficos desiguais**. In: \_\_\_\_\_. O neoliberalismo: história e implicações. São Paulo: Loyola, 2008. P.75-129.
- HARVEY, David; SADER, Emir; TELES, Edso. **Occupy - Movimentos de Protesto Que Tomaram As Ruas**. São Paulo: Boitempo, 2012.
- HOFFMANN, F. **A Extrema Direita no poder: Bolsonaro e o bolsonarismo**. Orbis Latina, v.12, n.1, p.04-20, 2022. Disponível em: <https://revistas.unila.edu.br/orbis/article/view/3161/2886>. Acesso em 29 nov. 2022.
- HORKHEIMER, Max. **Between Philosophy and Social Science: selected early writings studies in contemporary german social thought**. Translated by G. Frederick Hunter, Matthew S. Kramer, and John Torpey. Massachusetts: The MIT Press, 1993.
- HUNTER, Wendy; POWER, Timothy J. **Bolsonaro and Brazil’s illiberal backlash**. Journal of democracy, v. 30, n. 1, p. 68-82, 2019.
- IVES, Diogo. O Papel do Brasil na balança do Poder Internacional e a Eleição de 2018. **Eleições 2018 e a crise da democracia Brasileira** / Carolina de Paula, João Feres Júnior (organizadores). - 1. ed. – Curitiba: Appris, 2019. p. 216-218.
- JR, José Celso Cardoso. SILVA, Frederico A. Barbosa da. Assédio Institucional como Método de Governo: Definições, Caracterizações e Implicações para o Setor Público Federal Brasileiro. In: **Governo Bolsonaro: Retrocesso democrático e degradação política**/ Leonardo Avritzer, Fábio Kerche, Marjorie e Marona (orgs). 1. ed; Belo Horizonte: Autêntica, 2021. p. 207-209.
- KOMATA, Nicanor Barry. **A ascensão do populismo nas democracias contemporâneas. 183f. Tese** (Doutorado em Direito do Estado). Universidade de São Paulo, 2020. Disponível em: [https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/2/2134/tde-23032021-000306/publico/7073001\\_Tese\\_Parcial.pdf](https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/2/2134/tde-23032021-000306/publico/7073001_Tese_Parcial.pdf). Acesso em 13 jul.2022.
- KRÄTKE, M.; LÖWY, M.; LOUREIRO, I. **A Acumulação do capital revisitada**. In: SCHÜTRUMPF, Jörn. Rosa Luxemburgo ou o preço da liberdade. 2ª edição. São Paulo: Fundação Rosa Luxemburgo, 2015, p. 72-107.
- LACLAU, Ernesto. **A razão populista**. Tradução Carlos Eugênio Marcondes de Moura. São Paulo: Três Estrelas, 2013.

- LAGE, L. R.; SARAIVA, L. S. **Ressentimento e guerra cultural no populismo de extrema direita: tensões morais e fronteiras de antagonismo**. Revista ECO-Pós, v.24, n.2, p.124-150, 2021. Disponível em: [https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco\\_pos/article/view/27704/15219](https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/27704/15219). Acesso em 01 Dez. 2022.
- LANDOWSKI, E. **Crítica semiótica do populismo**. Galáxia (São Paulo), p. 16-28, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-25532020248140>. Acesso em 30 jun. 2020.
- LAZZARATO, Maurizio. **Fascismo ou revolução?**. São Paulo: n-1 edições, 2019.
- LOPES, Dawisson Belém. Dois Anos de uma Política Externa Rudimentar. In: **Governo Bolsonaro: Retrocesso democrático e degradação política**/ Leonardo Avritzer, Fábio Kerche, Marjorie e Marona (orgs). 1. ed; Belo Horizonte: Autêntica, 2021. p. 233.
- LOSURDO, D. **Democracia ou Bonapartismo**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2004. (cap.1)
- LUIZ, L. F.; NARDOQUE, S. Programa Nacional de Crédito Fundiário em Três Lagoas/MS: desdobramentos e entraves para a recriação do campesinato. **REVISTA NERA(UNESP)**, v. 22, p. 83-110, 2019.
- LUXEMBURGO, Rosa. **A acumulação de capital** (1913). In: LOUREIRO, Isabel (org). Rosa Luxemburgo: textos escolhidos. São Paulo: Expressão Popular, 2009, p.67-76.
- MAITINO, M. E. **Populismo e bolsonarismo**. Cadernos Cemarx, v.13, p.e020002-e020002, 2020. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/cemarx/article/view/13167/9729>. Acesso em 02. nov. 2022.
- MAYER, Rodrigo. Partidos de empresários: Partido Novo e seus Pares na América do Sul. **Eleições 2018 e a crise da democracia Brasileira** / Carolina de Paula, João Feres Júnior (organizadores). - 1. ed. – Curitiba: Appris, 2019. p. 58.
- MAKINO, R. Bolsonarismo e Branquitude: notas sobre as eleições presidenciais de 2018 em Mato Grosso. **Geografia: Ambiente, Educação e Sociedades**, v. 3, n. 1, p. 125-136, 2020.
- MENDONÇA, A. L. **A construção hegemônica e os significantes vazios que levaram a extrema-direita ao poder no Brasil**. Revista Discente Planície Científica, v.4, n.1, p.43-56, 2022. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/planiciecientifica/article/view/54527>. Acesso em: 03. dez. 2022.
- Mészáros, István. A crise estrutural do capital. introdução para a edição em farsi, publicada por exilados iranianos, de seu livro Beyond Capital (Além do capital, São Paulo, Boitempo, no prelo). O texto foi publicado, em inglês sob o título “**The uncontrollability of globalizing capital**” (Monthly Review, fev. 1998) e reproduzido aqui com a permissão do autor. Tradução Alvaro Bianchi, revisão técnica Waldo Mermelstein.
- MENDONÇA, D. **Democratas têm medo do povo? O populismo como resistência política**. Caderno CRH, v. 32, p. 185-201, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.9771/ccrh.v32i85.22403>. Acesso em 04. jul. 2022
- MENEGAT, A. S.; FARIAS, M. F. L. (Org.); TEDESCHI, L. A. (Org.) **Educação, relações de gênero, movimentos sociais: um diálogo necessário**. Dourados - MS: UFGD, 2009.
- MIGUEL, L. F. (2017). **Resgatar a participação: democracia participativa e representação política no debate contemporâneo**. Lua Nova: Revista de Cultura e Política, (100), 83-118.
- MOREIRA, Maria de Souza; SOUZA, Maria José de Andrade; OLIVEIRA, Valter Lucio. O agronegócio, a contrarreforma agrária e a luta por direitos no campo. In: OLIVEIRA, Valter Lucio; RIBEIRO, Ana Maria Motta; LOBÃO, Ronaldo (org.). **O Brasil que arde e a boiada que passa: instituições, conflitos e relações de poder**. 1ed. Rio de Janeiro: Autografia, 2020, v. 1, p. 19-72.
- MORAES, C. **Reformas neoliberais e políticas públicas: Hegemonia ideológica e redefinição das relações estado-sociedade**. Educ. Soc., Campinas, v. 23, n. 80, setembro/2002, p. 13-26.
- Marx, Karl. **O Capital I: crítica da economia política**. O processo de produção do capital Boitempo; 2ª edição, 2011.
- MIRANDA, Daniel Estevão Ramos, SILVA, Marcos Antônio da, MIRANDA, Victor Garcia. **Os (des)caminhos da política no Mato Grosso do Sul: tradição, continuidade e mudanças /**. – Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2018. 274 p.
- NANNINI, Warllen. **Agronegócio e a extrema-direita bolsonarista: Simbiose que engendra e amplia a barbárie socioambiental no Brasil**. AMBIENTES: Revista de Geografia e Ecologia Política, v. 5, n. 1, 2023.
- NARDOQUE, S.; MELO, D. S.; KUDLAVICZ, M. Questão agrária em Mato Grosso do Sul e seus desdobramentos pós-golpe de 2016. **Revista OKARA: Geografia em debate**, v.12, n.2, p. 624-648, 2018.
- NASCIMENTO, E.P.D. **As bases do novo populismo de direita**. Revista Brasileira de Ciência Política, n.36, v.1, p.1-7, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcpol/a/znT889kXSmNfSjCfYxBqRgr/?lang=pt>. Acesso em 27 jun.2022.
- NICOLAU, Jairo. O efeito do fim das coligações nas eleições proporcionais na composição da Câmara dos Deputados eleita em 2022. In: **SciELO Preprints**. <https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.6159> (Original work published 2023). 2023. 25p.
- OLIVEIRA BATISTA, J., da SILVA, M. A. Entre a continuidade e a renovação: reeleição, reapresentação e renovação política entre os parlamentares do Mato Grosso do Sul (1990-2018). **PRACS: Revista Eletrônica de Humanidades do Curso de Ciências Sociais da UNIFAP**, v. 15, n. 1, p. 1-17, 2022.

- OKADO, Lucas Toshiaki Archangelo; BOTELHO, João Carlos Amoroso. **Covid-19 and polarization in Brazil: The dynamics of state-level policies related to the pandemic**. *Política. Revista de Ciencia Política*, v. 59, n. 2, p. 61-78, 2021.
- PAIVA, B.; ROCHA, M.; CARRARO, D. **Política social na América Latina: ensaio de interpretação a partir da Teoria Marxista da Dependência**. *SER Social*, Brasília, v. 12, n. 26, p. 147-175, jan./jun. 2010.
- PAOLI, Maria Célia. **Empresas e responsabilidade social: os enredamentos da cidadania no Brasil**. In: SANTOS, Boaventura de Souza. *Democratizar a Democracia: os caminhos da democracia participativa*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.
- SOUZA, Jessé de. **Como Moro e a Lava Jato buscaram destruir Lula e a democracia brasileira**. *Relações indecentes [recurso eletrônico] / organização Camila Milek, Ana Júlia Ribeiro; [et al.] - 1. ed. - São Paulo: Tirant Lo Blanch, p.19, 2020*.
- PARZIANELLO, Sandra Regina Barbosa. **Populismo e articulações no século XXI. América Latina em perspectiva: cultura política, crise da democracia liberal e ressurgimento autoritário**. Fábio Hoffmann (Organizador). 1. ed. Foz do Iguaçu: CLAEC e-Books, 2021. 75 p. Disponível em: <https://doi.org/10.23899/9786589284154>. Acesso em 05 jul.2022.
- PASSOS, Anais Medeiros. **Militares e Política no governo de Jair Bolsonaro**. In: **Governo Bolsonaro: Retrocesso democrático e degradação política/** Leonardo Avritzer, Fábio Kerche, Marjorie e Marona (orgs). 1. ed; Belo Horizonte: Autêntica, 2021. p. 220-225.
- PEREIRA, Luiz Carlos Bresser. Conferência com o título original “**Neoliberalismo e nacionalismo de direita: Rumos divergentes no mundo rico e no Brasil**” pronunciada nos Diálogos Luso-Brasileiros, ciclo de conferências realizados pelo Instituto Superior de Economia e Gestão (ISEG) da Universidade de Lisboa, 4 de novembro de 2019.
- PERISSINOTTO, R. e CODATO, A. **Marx e seu Legado para a Teoria Contemporânea do Estado Capitalista**. *BIB*, São Paulo, nº 70, 2º semestre de 2010, p. 31-50. Disponível em: <http://portal.anpocs.org>.
- PIAIA, Victor. *Boletim do Whatsapp– Nº 3. Eleições 2018 e a crise da democracia Brasileira /* Carolina de Paula, João Feres Júnior (organizadores). - 1. ed. – Curitiba: Appris, 2019. p. 141-142.
- PINTO, Felipe Chiarello de Douza. SILVA, Giovanna Nony Failache Da. FILHO, Orlando Villas Boas. **Capitalismo e Democracia: Da crise econômica de 2008 a crise de legitimação política**. *Revista DIREITO UFMS | Campo Grande, MS | v. 5 | n. 2 | p. 166 - 186 | jul./dez. 2019*
- RIBEIRO, Andrea. **Austeridade Econômica e o 2 Turno das Eleições Presidenciais. Eleições 2018 e a crise da democracia Brasileira /** Carolina de Paula, João Feres Júnior (organizadores). - 1. ed. – Curitiba: Appris, 2019. p. 49-60.
- POMPEIA, Caio. **Formação política do agronegócio**. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2018. Em cotutela com Harvard University.
- RENNÓ, Lucio. **Bolsonarismo e as eleições de 2022**. *Estudos Avançados*, v. 36, n. 106, p.147-163, 2022.
- RODRIGUÊS, Theófilo Machado. **Populismo de esquerda versus populismo de direita no início do século XXI: o conflito político nos EUA, Inglaterra, França e Alemanha**. *Revista estudos políticos*, Vol. 9 | N.1, 2018.
- SANTA CRUZ, A.G. de B.R.; SANTOS, M.P. **O novo populismo na América Latina: a classificação neopopulista através da percepção da população**. In: **Congresso Latino-Americano de Ciência Política,9, 2017, Montevidéu**. [Trabalhos apresentados]. Montevidéu: ALACIP, 2017. p.1-24. Disponível em: <https://bibliotecadigital.tse.jus.br/xmlui/handle/bdtse/6816>. Acesso em 29 jun.2022.
- SANTOS, C. L., SCHMIDT, J. P. **JUVENTUDES, Eleições e Partidos Políticos: sub-representação de jovens nas eleições de 2010, 2014 e 2018**. *Revista Direitos Sociais e Políticas Públicas (UNIFAFIBE)*, v. 11, n. 1, p. 128-151, 2023.
- SANTOS, Fabiano; MOREIRA, Thiago. **Agribusiness, Legislative Elections and Party Fragmentation in Brazil**. *Bulletin of Latin American Research*, v. 42, n. 5, p. 678-691, 2023.
- SCHARGEL, S. **O que resta do Bolsonarismo**. *Orbis-Boletim Trimestral do LEPEB/UFF*, v. 1, n. 1, p. 5-8, 2023.
- SILVA, M. G.; RODRIGUES, T. C. M. **O populismo de direita no Brasil: neoliberalismo e autoritarismo no governo Bolsonaro**. *Mediações-Revista de Ciências Sociais*, v. 26, n. 1, p. 86-107, 2021. Disponível em: DOI: 10.5433/2176-6665.2021v26n1p86. Acesso em 30 jun. 2022.
- SILVA, L. M.; NARDOQUE, S. **Questão agrária e as ações dos governos petistas no campo em Mato Grosso do Sul**. *Sociedade e Território*, v. 34, n. 2, p. 44-65, 2022.
- SOUZA, Jessé de. **A Radiografia do Golpe. Entenda Como e por que Você Foi Enganado**. LeYa; 1ª edição, 2016.
- SOUZA, C. **Políticas públicas: uma revisão da literatura**. *Sociologias*. Porto Alegre, ano 8, jul./dez. 2006, n.16, p.20-45. Disponível em: <http://www.scielo.br>.
- STEVEN, Levitsky. DANIEL, Ziblat. **Como as Democracias Morrem**. Zahar; 1ª edição, 2018.

VEIGA, E. **A democracia brasileira está respirando por aparelhos.** Entrevista concedida a DW Brasil por Luis Felipe Miguel, 27 abr. 2022. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/a-democracia-brasileira-est%C3%A1-respirando-por-aparelhos/a-61607695>. Acesso em: 01 jul.2022.

WOOD, E. M. **Democracia contra capitalismo: a renovação do materialismo histórico.** São Paulo: Boitempo Editorial, 2003. (Parte II, O demos versus nos, o povo)